

"BENJAMIN TERÁ QUE ENFRENTAR
O MAIOR DESAFIO DA SUA VIDA. A
LUTA POR SUA SOBREVIVÊNCIA."

❖ TICI PONTES ❖

BENJAMIN

SPIN-OFF DO LIVRO DANTE



PERIGOSAS NACIONAIS

❖ TICI PONTES ❖
BENJAMIN
SPIN-OFF DO LIVRO DANTE

PERIGOSAS ACHERON

© Copyright 2018 Tici Pontes

Capa e diagramação digital: Carol Cappia

Revisão: Artemia Souza

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios - tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

PERIGOSAS NACIONAIS

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime
estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo
184 do Código Penal.

1ª. Edição —/2018

PERIGOSAS ACHERON

SUMÁRIO

AGRADECIMENTO

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Epílogo](#)

[A autora](#)

PERIGOSAS ACHERON



|AGRADECIMENTO

A cada nova obra finalizada é uma sensação de dever cumprido e o que me resta após cada fim, são somente os agradecimentos a todos que, de certa forma, fizeram parte da construção de mais uma obra.

Gabriela Marinho, você já é figura carimbada nos meus agradecimentos. Minha primeira beta, melhor amiga e apoiadora incansável de minhas obras, obrigada por trilhar esse caminho comigo.

Miah (Artemia), revisora e grande amiga, que me incentiva a buscar sempre mais e tem me

ensinado tanto. Obrigada por fazer parte da minha vida e por acreditar tanto no meu trabalho.

Nathany e Clara, vocês são minhas pedras preciosas da sinceridade. Apontam os erros, sugerem melhorias e nunca deixaram de acreditar no meu potencial. Vocês estarão sempre dentro do meu coração.

E minhas betas que são fieis em suas leituras, Vih, Rafa e Tali, a opinião de vocês é indispensável para o meu crescimento como autora.

Não poderia deixar de citar meus pais, meus familiares e meus colegas de trabalho, que sempre acompanham minhas publicações e torcem para o meu sucesso.

Tici Pontes



|CAPÍTULO 01

“Acredite nunca nos será
dado fardos que não
possamos superar, basta
encontrarmos a força
interior, que somente ELE nos
fornece.”

Irma Jardim

Benjamin abriu os olhos e olhou para a tela do celular que acendia e apagava lhe fazendo fechar os olhos devido à claridade. A visão ofuscada pela luz do celular aos poucos foi ficando

PERIGOSAS NACIONAIS

mais nítida, olhou para o lado e sorriu. A visão da esposa, dormindo tranquilamente ao seu lado o acalentou. Afastou os cobertores e sentou-se. Melissa movimentou-se um pouco, mas virou para o outro lado da cama e continuou a dormir.

Pegando o celular que vibrava insistentemente olhou para saber quem o tinha acordado àquela hora. Xingou o amigo mentalmente e atendeu a ligação.

— Dante? — O relógio de cabeceira marcava cinco horas da manhã. — O que foi agora? Cara, vai dormir.

Massageou as têmporas tentando conter a irritação que a ligação causara. Por mais que estivesse acostumado com as peculiaridades do amigo, isso nunca deixava de irritá-lo.

— *Passo aí em dez minutos, vamos correr*
— Dante falava de forma apressada do outro lado da linha.

PERIGOSAS ACHERON

— Você pode até ir correr, eu vou voltar a dormir.

— *Qual é, Ben? Eu preciso urgente sair de casa e Angel só vai ficar tranquila se souber que eu estou com você. Quebra esse galho pra mim.*

Benjamin deu um suspiro pesado, balançou a cabeça em sinal de desaprovação, mesmo assim levantou-se da cama, pois, como conhecia o amigo com a palma da mão, sabia que insistir com Dante não o levaria a lugar algum. Deu um passo em direção ao banheiro e sentiu novamente aquela dor na altura do joelho direito que lhe incomodava há meses. Alisou a perna na falsa esperança de alguma melhora.

— Merda de joelho! — esbravejou ao mesmo tempo em que olhava para onde Melissa dormia. Ela não havia acordado.

— *O que foi?* — A voz do outro lado da linha soou preocupada.

— Meu joelho, como sempre! — Controlou o tom de voz para não despertar a esposa.

— *A idade chegou pra você, meu caro!* — zombou o amigo — *Já foi ao médico?*

— Não tenho tempo de ir ao médico. Estou cheio de processos *pra* analisar, audiências *pra* comparecer, o que menos me resta é horário livre *pra* me preocupar com uma dor no joelho — disse impaciente.

Benjamin era um jovem advogado e estava destacando-se na firma em que trabalhava. Esperava que em breve conseguisse o tão almejado posto de sócio da Santos & Silva Advogados.

— *Você quem sabe. Passo aí em dez minutos, até daqui a pouco.*

— Mas... — Respirou fundo decidindo não discutir. — Sem problemas — disse derrotado.

— *Perfeito!* — falou um Dante vitorioso. — *Até logo!* — Desligou o telefone. Sabendo que o

amigo realmente apareceria em sua casa no tempo prometido, Benjamin decidiu entregar os pontos e ir fazer exercícios matinais, o que por sinal, sempre o deixava com um ânimo mais elevado para enfrentar o dia de trabalho.

Foi ao banheiro onde tomou uma ducha rápida o que fez com que a dor no joelho diminuísse um pouco. Vestiu uma roupa de corrida e antes de sair do quarto beijou a esposa que dormia tranquilamente.

— Eu te amo! — sussurrou em seu ouvido e Melissa apenas mexeu-se um pouco, mas sem despertar.

Ficou parado na penumbra que fazia no quarto, olhando-a dormir sorriu pensando que sua vida estava exatamente como planejava. Ele tinha 33 anos, era um advogado conceituado na cidade e estava casado há quase um ano com Melissa, namorada de longa data. O único desejo que ainda

PERIGOSAS ACHERON

não havia realizado, mas que almejava com toda força do mundo era o de ser pai.

Olhou no relógio. Ainda faltavam três minutos para que o prazo de seu amigo terminasse. Desceu as escadas e foi à cozinha onde se serviu de um copo de suco junto com um analgésico. O joelho ainda latejava um pouco, mas ele já estava acostumado com o incômodo. A dor já estava presente em sua vida há meses.

Tudo começou com físgadas intermitentes na perna direita e agora quase todos os dias essa sensação incômoda o visitava. Nada que alguns analgésicos não ajudassem.

Pegou o celular, as chaves e resolveu esperar Dante do lado de fora da casa, não queria que o som da campainha acordasse Melissa.

Logo depois que saiu, o carro do amigo apareceu buzinando e acordando toda vizinhança.

— Merda, Dante! — esbravejou.

Aproximou-se quando ele parou o carro em frente à sua residência. Benjamin inclinou o corpo na janela visivelmente irritado.

— *Tá* doido? — ralhou com Dante. — *Pra* que acordar a vizinhança inteira, merda?

— Bom dia *pra* você também. Que humor é esse? Não transa há quantos dias? — debochou. — E já disse várias vezes que eu não estou doido, eu sou doido. Mas desta vez eu sei exatamente o que está tirando o meu juízo. O que está me deixando totalmente maluco é aquele cachorro maldito que tem obsessão em destruir minhas coisas. Maldita hora em que fui comprar um cachorro.

— Comprou outro cachorro?

— Claro que não, ainda é o mesmo, mas maldita hora! Vamos, entra no carro.

— Maluco — murmurou Benjamin entredentes.

— Olha o respeito, *rapá!*

— Ah, cala a boca! — respondeu Benjamin entrando no carro.

Dante sofria de transtorno bipolar há anos e Benjamin já estava acostumado com seu jeito de ser. Apesar de estar seguindo à risca o tratamento há mais de cinco anos, vez ou outra ele tinha alguma recaída, mas nada tão sério quanto as crises que ele tinha antigamente.

Ele tinha uma presença de espírito singular e quando sua doença encontrava-se estabilizada, era uma pessoa formidável. Entretanto a veia bipolar nunca o deixava, já fazia parte de sua personalidade que em muitas ocasiões, o levava a tomar atitudes consideradas estranhas pelas pessoas que não o conheciam.

Como por exemplo, acordar o amigo às cinco da manhã implorando por uma corrida ao ar livre. Era um dos comportamentos típicos de Dante.

— Como Angel está? — Tentou puxar

PERIGOSAS ACHERON

conversa enquanto afivelada o cinto de segurança.

— Ela está bem, mas muito cansada. Isabella está começando a engatinhar, quando ela está no chão o cachorro fica o tempo todo pulando em cima dela, e sobra *pra* mim. — Deu de ombros enquanto se dirigia até o parque onde realizariam a corrida matinal.

Benjamin apenas riu e permaneceu em silêncio. Passava constantemente a mão em seu joelho direito, tentando amenizar o incômodo que sentia. Fechou os olhos o restante do caminho pensando que também queria o que Dante tinha, uma família, filhos. Ele estava quase lá, só faltava convencer a esposa a engravidar.

O céu já começava a se tingir de tons alaranjados anunciando que um novo dia estava iniciando. Dante estacionou e descendo do carro começou a fazer os alongamentos para o início do exercício, Benjamin fez o mesmo.

— Pronto *pra* correr? — Dante perguntou animado.

Exercícios físicos serviam como uma válvula de escape para que Dante controlasse os nervos. Benjamin também gostava de praticar corrida, mas aquela dor o impedia de esforços mais intensos.

— Vamos somente caminhar, meu joelho está incomodando.

— Velho! — resmungou Dante enquanto começava a caminhada ao lado do amigo.

O analgésico que Benjamin havia tomado começou a fazer efeito e a caminhada começou a ficar um pouco mais compassada.

Após mais ou menos vinte minutos começaram a trotar de leve e logo depois estavam correndo como de costume. O vento batia contra o rosto dos dois, era uma brisa leve e relaxante. Mesmo assim Benjamin não conseguia aproveitar a

PERIGOSAS ACHERON

corrida como gostaria. A cada passo que dava ele franzia a testa devido a físgada que sentia em sua perna, mas não diminuiu o ritmo e nem reclamou. Sem perceber, a velocidade da corrida foi diminuindo e ele começou a mancar. Foi então que de repente sentiu como se algo tivesse rompido dentro de sua perna. Uma dor lancinante, insuportável surgira e Benjamin caiu no chão gritando.

— Benjamin... O que houve?? — Dante olhou para o amigo que estava caído segurando a perna direita com força.

— Eu.... — Ele não entendia o que estava acontecendo. — *Tá* doendo muito, Dante — urrou Benjamin, lágrimas caíam de seus olhos.

— Vem... tenta levantar. — Dante estendeu a mão para o amigo.

— Não consigo... Me leva a um hospital. Não sei o que *tá* acontecendo.

Dante assentiu e ajudou Benjamin a levantar apoiando o corpo do amigo no seu e começaram a caminhar em direção ao carro. A cada pulo que dava, pois ele não conseguia apoiar o peso de seu corpo na perna afetada, Benjamin gritava de dor e sentia uma pontada espalhando-se pela perna direita e por todo o corpo. A dor era insuportável, ele começara a suar frio e a vista ameaçava escurecer.

Chegaram no veículo e Dante ajudou o amigo a sentar no banco. Esse simples ato de acomodar-se pareceu uma tortura para Benjamin, o suor tomava o seu corpo, ele estava ofegante e sua perna queimava. O que estava acontecendo? Ele inspirava fundo, fechava os olhos e tentava pensar em algo além da dor que sentia, mas era impossível.

No hospital foi atendido quase que imediatamente tamanha era a dor que sentia. Ele desejava apenas que aquilo passasse. Acomodaram-no em uma maca e de imediato uma enfermeira pegou seu braço, garroteou com um pedaço de elástico e punccionou um acesso venoso para administração de medicamentos. Ela aguardou a chegada do médico que orientou que fosse realizado medicação para dor.

— Por que essa dor não passa? — gritava em desespero.

— *Se acalma*, cara. O remédio vai fazer efeito. Você não tomou veneno, não. Não é milagre! — dizia Dante impotente frente ao estado em que Benjamin se encontrava. — Tem calma! — repetia mais para si do que para o enfermo.

— Pois eu prefiro que *tu me dê* veneno *pra* que eu morra logo e pare de sentir essa dor

PERIGOSAS ACHERON

insuportável. — Fuzilou Dante com o olhar.

Sabia que ele não tinha culpa de nada, mas no momento não pensava com clareza.

Alguns minutos após a infusão da medicação, ele finalmente começou a sentir-se melhor e a dor abandonava-o aos poucos. A respiração foi ficando mais compassada e finalmente se sentiu aliviado.

— Desculpa — falou para Dante.

— Relaxa! Você já aguentou coisa pior de mim. — Sorriu para o amigo que devolveu o sorriso.

Após alguns minutos funcionários do hospital o levaram a sala de raio X e após o procedimento ele foi encaminhado a um leito mais confortável, onde ficou esperando o médico para avaliá-lo e explicar o que estava acontecendo com sua perna.

Bendita seja tu, ó morfina, a senhora de

todas as drogas. Um Benjamin um pouco grogue orava em silêncio.

Dante havia saído para avisar a Angel onde eles se encontravam e deixou Benjamin sozinho com seus pensamentos.

O que diabos estava acontecendo com ele?

Abriu os olhos na tentativa de voltar à realidade. Olhou para o relógio e praguejou baixinho.

— Que merda de dia!

Já eram quase oito horas da manhã e ele precisava ir a uma audiência às oito e meia. Não havia mais possibilidade de comparecer ao compromisso.

Bosta!

Ele estava extremamente irritado. Sonolento, mas irritado. Pegou o celular, e com relutância ligou para um colega de escritório; explicou o acontecido e pediu para que ele tomasse

seu lugar.

— *Que voz é essa, Benjamin? Você bebeu?*

— Claro que não! — tentou controlar o tom de voz, mas ela saía arrastada.

— *O que está acontecendo?*

Desligou o telefone sem responder. Explicaria depois. Não adiantava tentar explicar sua situação sob efeito daquela medicação.

Que merda de medicamento foi esse que me deram?

Recostou a cabeça na cama e franziu o cenho quando a perna deu outra fígada. Respirou fundo e esperou a pontada passar. Olhou novamente a tela do celular e visualizou cinco ligações perdidas de Melissa, resolveu ligar para avisar onde estava. Ela devia estar extremamente preocupada.

— *Como assim você está no hospital, Benjamin?* — Melissa disse com uma voz

esganiçada.

— Provavelmente torci o joelho, Melissa — falou tentando controlar a dicção —, mas não se preocupa. Dante está aqui comigo.

— *Agora que eu vou me preocupar mesmo. Você saiu de fininho de casa pra sair com o Dante? Poxa, Benjamin. Você é um homem casado agora. Se ele deixa a família sozinha de madrugada não significa que você deva fazer o mesmo.*

— Mel, por favor — disse alisando a perna machucada com a mão. Aquele incômodo nunca iria passar?

Benjamin lutava há anos para que Melissa e Dante se dessem bem. O que de fato acontecia era que sua esposa apenas suportava seu amigo, ela simplesmente detestava o fato de Benjamin ter como melhor amigo um homem com transtorno bipolar. Aquilo a assustava. O preconceito de Melissa impedia que ela tentasse uma aproximação

com Dante ou que pelo menos buscasse compreender sua doença.

— *Estou indo ao seu encontro. Pode dizer pro Dante que ele pode ir embora.*

— Melissa! — Benjamin tentou manter o tom de voz o mais calmo possível. — Ele não teve nada a ver com isso. Pelo amor de Deus, para com essa perseguição sem sentido!

Mas não adiantava discutir com a esposa.

— Tudo bem, te espero aqui. Estou no setor da emergência.

As cortinas que protegiam o leito em que Benjamin estava se abriram revelando um médico vestido com um jaleco branco impecável. Ele desligou o celular sem se despedir e voltou sua atenção ao médico.

— Bom dia, Benjamin — cumprimentou olhando na ficha do hospital o nome do paciente. — Sou o Dr. Andrade, o ortopedista que irá lhe

atender. Agora que sua dor melhorou podemos conversar. *Me conte* o que aconteceu.

Sentindo-se um pouco mais desperto, Benjamin narrou os acontecimentos do dia, como também as dores que vinha sentido nos meses que se passaram. O médico apenas prestava atenção em tudo o que seu paciente falava.

— Já tenho o resultado do seu exame. — Notando o silêncio do paciente prosseguiu. — Você apresenta uma fratura na tíbia direita, na região proximal, ou seja, bem próximo ao seu joelho.

— Fratura? — Ele arregalou os olhos. — Mas eu não caí, eu não... eu estava apenas correndo, como foi que eu quebrei a perna?

— Achamos algumas alterações no seu exame de raio X além da fratura. Algo que pode indicar um risco mais sério e que talvez justifique sua perna quebrada.

O médico encarava Benjamin com uma expressão dura e fechada, com um semblante de quem estava prestes a contar uma má notícia. Ele fechou a cortina isolando o leito, aproximou-se da cama do seu paciente e respirou fundo.

Benjamin hesitou em perguntar com medo do que poderia ouvir, mas mesmo assim o fez.

— Que alterações?

— Não temos certeza de nada, nesses casos o *raio X* apenas nos levanta a primeira suspeita, mas já enviamos a imagem para um oncologista ortopédico para que ele...

— Oncologista? — Benjamin o interrompeu com a voz carregada de preocupação. — Mas, oncologista é médico de... — Ele recusou-se a dizer a palavra. — O que há de errado com meu exame, doutor?

Aquela palavra o assustava. Apesar de Benjamin não entender muito sobre termos

PERIGOSAS ACHERON

médicos ele sabia que o oncologista era o médico responsável por tratar o câncer. Ele só havia fraturado a perna. Para que diabos precisava de um oncologista? A sua boca então ficou seca e ele sentiu um aperto no peito. Será que...

Se acalma, Benjamin. Você tem 33 anos. Deixa de paranoia, falou para si.

— Achamos o que parece ser um tumor — o médico disse rapidamente, como se tirasse um peso das costas.

Mal sabia que toda a carga havia acabado de ser transferida para os ombros de Benjamin.

— Um tumor? Câncer? — perguntou com a voz trêmula e o médico assentiu.

— É só uma suspeita, precisam...

— Vocês não chamariam um oncologista somente por causa de uma suspeita — interrompeu sem se importar com boas maneiras.

— O *raio X* sempre é o primeiro exame que

PERIGOSAS ACHERON

aponta para um tumor ósseo, mas não podemos dar um diagnóstico sem a realização de exames mais detalhados.

— Eu tenho 33 anos, eu não posso ter câncer — disse mais para si do que para o médico.

— É raro na sua faixa etária, mas acontece — sentenciou o médico.

As palavras atingiram Benjamin em cheio. Ele era um homem saudável. Como poderia estar com câncer? Em sua mente Benjamin acabara de ser sentenciado à morte. Ele percebeu que acabara de entrar em uma estrada sinuosa e não saberia dizer se conseguiria ou não sair desse caminho tortuoso em que sua vida se metera. Sentiu medo.

— Não queremos tirar conclusões antes do especialista, Benjamin. Mas vários ortopedistas já viram seu exame e acharam melhor que um oncologista avaliasse. O que suspeitamos é uma doença chamada osteossarcoma, ou seja, um câncer

no osso... As dores que você vem sentindo, o osso fraturado sem nenhum sinal de trauma... Todos esses sintomas podem indicar esse tipo de câncer.

Que nome esquisito para um tumor. Foi o que ele conseguiu pensar.

Nada do que o médico estava falando realmente entrava em sua mente. Era como se ele estivesse em um estado de dormência. O corpo inteiro tremia, um suor frio escorria por sua espinha lhe dando calafrios. O coração batia descompassado em seu peito.

Osteossarcoma.

Câncer no osso.

Câncer.

Essa palavra ecoava em sua cabeça. A voz do médico estava longe. Parecia vir de um universo distante. O único eco que escutava era o de sua própria mente. Era como se toda vitalidade que ele tinha tivesse sido sugada de dentro de si.

Câncer.

— Não vamos nos precipitar. — O médico repousou a mão no ombro de seu paciente fazendo-o voltar do seu estado de quase hipnose.

O celular do doutor começou a tocar e ele deixou Benjamin sozinho por um momento. Foi quando começou a refletir sobre o que havia sido revelado.

Câncer? Aquela palavra havia se fixado em sua mente.

Não podia ser.

Benjamin começou a pensar em todos os momentos que já viveu. Ficou melancólico, lembrando do tempo de infância, dos sonhos realizados e dos que ainda iriam se concretizar.

Será que iriam?

A incerteza lhe batia à porta, a angústia invadia seu coração e um sentimento de impotência tomou conta de si. Será que tudo iria acabar assim?

Não vamos nos precipitar.

Tentava mentalizar essas palavras, mas a única coisa que ecoava em sua mente era aquela palavra temida por todos: câncer.

Então chorou em silêncio. Desejando que Dante nunca houvesse ligado, que ainda estivesse deitado ao lado de sua esposa e que tudo aquilo fosse apenas um sonho onde ele acordaria em sua cama, sem aquela maldita dor na perna que o perseguia há meses.



|CAPÍTULO 2

“Não devemos ter medo dos confrontos. Até os planetas se chocam e do caos nascem as estrelas.”

Charles
Chaplin

Benjamin permaneceu absorto em seus temores e pensamentos até o momento em que Dante voltou, o que ele agradeceu em silêncio. Um pouco de companhia lhe faria bem. Ele ainda sentia

dificuldade em processar tudo o que havia sido dito pelo médico.

Passou as mãos no rosto tentando recompor o choro que o invadira momentos antes.

Não vamos nos precipitar. Ele repetia esse mantra tentando se convencer de que tudo ficaria bem.

— O que o médico disse?

— Eu quebrei a perna. — Benjamim ainda não estava pronto para compartilhar com ninguém as suspeitas que pairavam sobre seu estado de saúde.

— Quebrou a perna? — Podia-se enxergar espanto na pergunta de Dante. — Ninguém quebra a perna com uma simples corrida, Ben.

— Vai entender — disse levantando os ombros.

— Esquisito isso.

— Dante... eu vou ficar bem... pode ir *pra*

casa, Angel deve estar preocupada, as crianças podem estar precisando de você.

— De jeito nenhum! Não vou te deixar sozinho aqui — protestou Dante sentando-se em uma cadeira ao lado do leito.

Benjamim manteve-se calado. A verdade é que ele não sabia como contar ao amigo que não tinha sido uma simples fratura. Já conhecia o histórico de Dante frente a notícias não muito boas e não queria ser responsável por desencadear uma crise nele.

Os minutos foram passando e o silêncio se formara entre os dois. Quando Benjamin reparou que Dante começara a ficar com as pernas inquietas e não parava quieto na cadeira, resolveu quebrar o silêncio, mas antes que pudesse falar algo, Melissa apareceu para seu alívio, ou sua perdição, porque agora teria que contar as más notícias à sua esposa.

— Graças a Deus encontrei você. Este

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

hospital é altamente desorganizado, Benjamim, ninguém sabia onde você estava. — Melissa gesticulava visivelmente irritada.

— Calma, amor! — Tentava acalmar os ânimos da esposa. — Dante me trouxe ao hospital mais perto, eu estava com muita dor.

— Dante! — bufou. — Tinha que ser... — Melissa falou entredentes, mas alto o suficiente para que o amigo de Benjamin escutasse.

— Também estou com saudades de você, Melissa — Dante ironizou.

Melissa o fuzilou com os olhos, mas não disse mais nada. Sentou-se ao lado de seu marido e começou a passar a mão em seus cabelos. Benjamin envolveu a cintura da esposa com uma das mãos e encostou a cabeça em seu corpo fechando os olhos. Sentiu-se aliviado quando ela chegara. Uma sensação de conforto e paz o invadiu e o medo que sentia amenizou um pouco.

PERIGOSAS ACHERON

Dante observava a cena e revirou os olhos, mas o casal não percebeu. Não era novidade nenhuma que eles não se davam bem. Para Dante, o sentimento de Melissa pelo amigo não era verdadeiro.

— O que aconteceu, meu amor?

— Eu quebrei a perna, Mel. Os médicos ainda estão tentando descobrir o motivo. — Olhou para a esposa e sorriu. Decidira que não iria contar nada a ela até que tudo se confirmasse. Quem sabe tudo não passaria de um mal-entendido e que ele realmente tivesse apenas uma perna fraturada, nada mais.

— Acho que você já está em “boa” companhia, Ben. — Dante fez sinal de aspas com a mão ao proferir a palavra boa, em uma clara provocação à esposa de seu amigo. — Preciso ir *pra* casa, pois uma hora dessas provavelmente o cachorro já acabou com meu estoque de calçados e

meu filho já colocou a casa abaixo. Angel deve estar só esperando eu chegar para me matar....

— Seria um sonho — alfinetou Melissa, mas Dante a ignorou.

— Ela me culpa pelo cachorro, por nosso filho ser um pequeno furacão e se caso o mundo acabe, a culpa provavelmente também será minha.

Benjamin caiu na risada com as palavras de Dante, que também riu. Os dois haviam se conhecido há aproximadamente 15 anos e eram como irmãos. O humor alegre do amigo sempre o fazia sorrir nos momentos mais tenebrosos. Ele agradecia imensamente a Dante por isso.

— Está tudo bem entre vocês? — perguntou Benjamin.

— Claro. Ela está linda como sempre, não que isso *te* interesse. — Brincou. — Estamos felizes e cada dia mais apaixonados. Ela é minha alma gêmea, Benjamin. Tenho certeza que você

PERIGOSAS ACHERON

ainda vai encontrar a sua.

— Dante... — Benjamin o repreendeu ao mesmo tempo em que Melissa bufou.

Ele levantou os braços rendendo-se, mas não conteve o riso.

— *Se cuida, cara!* — Deu dois tapinhas no ombro do amigo. — *Me liga* quando estiver em casa que faço questão de ser o primeiro a assinar o gesso que vai pôr na perna.

Dante foi embora e Melissa voltou a fechar as cortinas isolando o leito. Fuzilou o esposo com o olhar, como se ele tivesse sido o responsável pelo jogo de provocações.

— Ele me provoca, Benjamin, você viu que ele gosta de me irritar! — Ela cruzou os braços como uma criança quando está com raiva.

O marido deu um sorriso contido e colocou um dos braços ao redor da sua cintura.

— Ele está só sendo o Dante, amor. Você

PERIGOSAS NACIONAIS

sabe como ele é.

— Por isso mesmo eu reclamo. Ele não gosta de mim, nunca gostou! — reclamou fazendo bico.

— Eu te amo! Deixa de bobagem, meu amor! Esquece o Dante. Vem cá! — A fez sentar na cama ao seu lado e envolveu seu rosto com as mãos lhe dando um beijo.

Uma pontada na perna o fez voltar à realidade e o beijo findou-se com ele fazendo uma expressão de dor.

— *Te machuquei?*

— Não. Foi só uma pontada.

— Quando vão engessar sua perna? Não estou gostando nada do atendimento daqui. Talvez devêssemos procurar outro hospital.

Benjamin não se sentia bem em esconder algo da esposa, mas não queria preocupá-la sem necessidade.

PERIGOSAS ACHERON

— Logo eles vêm, querida. Logo eles vêm...

— Levou a mão de Melissa até seus lábios e lhe deu um beijo carinhoso.

Ele tentava passar tranquilidade, mas no fundo o medo o consumia. Medo do que iria enfrentar a partir dali. Era assustador encarar algo que ele não conhecia, algo que imaginou que só ocorresse com pessoas idosas. A palavra câncer estava associada a morte e tudo o que Benjamin mais temia era deixar essa vida sem tê-la aproveitado ao máximo.

A sensação de impotência o dominava. Uma angústia instalada em suas entranhas lhe causava uma sensação esquisita. Como se algo estivesse errado. Um vazio no peito, um desconforto no estômago, uma inquietação na mente.

A cortina voltou a se abrir e uma enfermeira aproximou-se do leito.

— Bom dia, senhor Benjamin, *me chamo*

PERIGOSAS NACIONAIS

Patrícia e sou a enfermeira responsável pela emergência hoje. O médico...

— Graças a Deus que alguém lembrou que meu marido existe! Escute aqui, o atendimento deste hospital é péssimo. Quando virão engessar a perna dele? Isso aqui é um absurdo, ele está com dor, não consegue ver?

— Se a senhora me deixar terminar de falar posso explicar o que faremos agora — falou de forma dura, mas educada.

Melissa a fuzilou com os olhos, mas calou-se.

— Primeiramente, o médico não prescreveu nenhum tipo de tala gessada para seu marido, apenas uma imobilização simples. Ele já está fazendo uso de medicamentos para dor, de horário. Não podemos encher o organismo de seu marido com medicações, isso faz mal. — A enfermeira olhava nos olhos de Melissa sem piscar.

PERIGOSAS ACHERON

Ela já estava mais do que acostumada a acompanhantes problemáticas e não seria Melissa que iria abalar seu emocional.

— O médico também fez a solicitação de uma ressonância magnética para sua perna. — Dessa vez dirigiu a palavra ao seu paciente. — Após os resultados ele lhe trará respostas mais concretas. Vamos levá-lo para fazer o exame agora, senhor.

Ela saiu e poucos minutos depois um outro funcionário encaminhou Benjamin a sala de exames. O nervosismo voltou com toda força quando ele entrou em uma máquina gigante, que parecia que ia engoli-lo e transportá-lo para uma outra dimensão.

Gotas de suor formaram-se em sua testa quando o aparelho foi ligado e uma série de batidas ressoaram no ambiente. Aquilo era normal? Apesar de estar apenas com as pernas dentro do aparelho a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sensação de claustrofobia o invadiu. Ele tentou relaxar, mas começou a ficar inquieto.

— Tente não se mover, senhor, ou não conseguiremos realizar o exame. — Uma voz soou dentro da sala, por meio de um alto falante.

— Desculpe! — respondeu para a caixinha de som, sentindo-se idiota.

Faça com que isso termine logo, por favor.
Repetia em sua mente.

Após longos minutos, que pareceram horas, Benjamin foi levado novamente ao seu leito onde aguardaria o resultado do exame, que demoraria algumas horas. Durante todo o período de espera Benjamin não mencionou à Melissa as suspeitas dos médicos. Ele sabia que não deveria guardar isso para si, mas contaria no momento certo. Ele tinha medo que, caso falasse em voz alta ou para alguém o nome daquela doença, ela deixaria de ser apenas uma possibilidade e se concretizaria.

PERIGOSAS ACHERON

— Já estou com o resultado do seu exame aqui, Benjamin. — O mesmo médico que fez o atendimento inicial voltara com o exame em mãos. Quando notou a presença de Melissa conteve-se.

— Pode falar na frente dela, doutor. — Benjamin notou que o médico ficara receoso.

Não tinha mais como esconder. Pelo menos Melissa ouviria as notícias, boas ou más, da boca do médico e não dele, mas antes que ele começasse a falar, já sabia o que estava por vir, a expressão no rosto do médico era clara.

— O resultado da sua ressonância confirmou o que suspeitávamos, Benjamin — disse sério. — O que aconteceu com sua perna é o que chamamos fratura patológica, devido a destruição óssea, por causa de um tumor.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tumor? — interrompeu Melissa. — Do que ele está falando? Benjamin, o que você está me escondendo?

— Melissa, pelo amor de Deus, fica calada. Continue, doutor. Ignore minha mulher.

— Há grandes indícios de que realmente seja um osteossarcoma, Benjamin. Um câncer no osso...

— Câncer? — Melissa voltou a falar.

Benjamin revirou os olhos com nova interrupção.

— Melissa, se você não se calar eu vou chamar o segurança *pra* te tirar daqui. Já não está sendo fácil escutar isso e você ainda fica prolongando o sofrimento. Cala a boca, pelo amor de Deus! — explodiu, mas arrependeu-se instantaneamente.

A mulher o olhava com lágrimas nos olhos. Ele segurou sua mão e a beijou delicadamente.

PERIGOSAS ACHERON

— *Me desculpa*, Mel, mas minha cabeça está a mil, eu estou com medo, nervoso, preocupado e você não deixa o médico falar... eu....

— Baixou a cabeça e começou um choro contido.

— Eu... eu que peço desculpas, meu amor. Estou nervosa e sempre acabo tagarelando. *Me perdoa!* E perdão também, doutor. — Segurou a mão do marido e o acalentou fazendo carinho em sua cabeça.

Benjamin enxugou as lágrimas e voltou a encarar o médico que assistia à cena compadecido com a situação do jovem casal. Nunca era fácil.

— Iremos fazer uma biópsia para identificar o tipo de tumor, mas devemos pensar no tratamento o mais rápido possível. Um oncologista ortopédico virá falar com você e acompanhará o seu caso, mas a ressonância mostrou que o tumor não está somente dentro do osso, ele já se disseminou para estruturas vizinhas da sua perna, como músculo e

tendões. Você não tem tempo a perder.

Benjamin escutava o médico e tentava processar cada palavra que era dita. O mundo parecia desmoronar sobre sua cabeça. Ele não escutara a palavra câncer, o que ele ouvira foi uma sentença de morte.

As pessoas que tinham câncer morriam, por que com ele seria diferente? Seu avô morrera de câncer. Onde era mesmo? Estômago? Próstata? Não lembrava. Ele lembrava apenas que Antônio Gusmão Passarinho, um senhor que sempre fora independente, ativo e muito trabalhador passara os últimos dias de sua vida deitado em uma cama, usando fraldas e alimentando-se por meio de um tubo enfiado em seu nariz.

O mesmo que colocaram no nariz do Dante na época em que ele...

— Benjamin? — A voz do médico o tirou de seus pensamentos.

— Tem cura? — perguntou a primeira coisa que veio à sua cabeça.

— Vamos trabalhar e lutar para que isso aconteça — o médico disse com confiança.

Ele se esquivou da pergunta, isso não é bom.

A mente de Benjamin começou a trabalhar e seu cérebro pareceu condicionado a imaginar tudo de ruim que pudesse acontecer.

Quanto tempo será que eu tenho de vida?

Só o fato de pensar em perguntar isso ao médico lhe enchia de temores. Ele não queria saber a resposta. Ou queria? Sua vida agora teria data de expiração? Será que a contagem regressiva para o fim se iniciara? De repente sentiu uma dor em sua mão direita. Seria algum novo sintoma? Percebeu então que Melissa apertava sua mão com tanta força, sem se dar conta que o estava fazendo. Um sorriso preocupado, mas aliviado apareceu em seu

rosto. Ele pensara tanto em si que esqueceu que a esposa deveria estar apavorada com tudo o que ouvira até aqui.

— Amor, daqui a pouco você vai quebrar minha mão — disse num tom afetuoso.

Ela soltou sua mão e sentou na cama.

— Desculpa — respondeu de forma tímida.

— Precisamos internar você e fazer mais alguns exames para que possamos, a partir dos resultados, planejar o melhor tratamento. Vamos colocar uma tala na sua perna para que você evite de ficar mexendo e piorar a dor...

— Não vão engessar?

— Não, senhora. A fratura que seu marido possui é patológica, devido à doença. O osso não vai se regenerar.

Benjamin engoliu em seco.

— E como vocês vão consertar o osso? — ele perguntou.

PERIGOSAS NACIONAIS

O médico manteve-se calado em um claro sinal de que estava evitando a pergunta.

— O oncologista irá conversar com você. Já entrei em contato e amanhã ele virá. Alguma dúvida?

— Na verdade, várias. Todas as dúvidas do mundo, mas acho que você não pode responder à pergunta que mais me assombra desde que vocês jogaram essa bomba em cima de mim. Por que eu? — disse ressentido.

— Sinto muito!

— Pode ir, doutor. Eu quero ficar sozinho agora.

Sem dizer mais nenhuma palavra o médico os deixou.

— Eu realmente quero ficar sozinho agora, Melissa. — Olhou para a esposa sério.

Melissa levantou da cama claramente incomodada com o pedido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Benja...

— *Me deixa* sozinho! — Era mais uma ordem do que um pedido. — Por favor — complementou.

— Vou tomar um café — respondeu ofendida.

Ele ficou sozinho com seu mais novo melhor amigo, o medo. Esse passaria a acompanhá-lo para onde quer que ele fosse, mas Benjamin estava disposto a enfrentar o que viera para vencer a maior batalha que lutara até agora.

A luta por sua vida.

PERIGOSAS ACHERON



|CAPÍTULO 3

“A nossa sorte não se encontra fora de nós, mas antes em nós mesmos e em nossa vontade.”

Julius Grosse

No dia seguinte, já instalado em um quarto privativo, Benjamin continuava aguardando a visita do oncologista ortopédico para explicar tudo o que seria feito a partir dali.

Depois de uma noite mal dormida e dores

PERIGOSAS NACIONAIS

em sua perna afetada, ele decidira enfrentar aquilo de frente. Resolvera que, fosse o que fosse, não deixaria que um diagnóstico definisse sua vida. Assim como o avô, que lutara contra essa doença, ele faria o mesmo e, ao contrário de Antônio Passarinho, Benjamin sairia vencedor.

Logo cedo trouxeram um café da manhã que jazia intocado. Ele não tinha fome. Um bolo de angústia havia se formado em sua garganta impedindo que qualquer coisa fosse colocada para dentro do seu organismo.

Seu braço estava todo furado devido a exames de sangue realizados. A dor havia melhorado consideravelmente devido, tanto a tala que agora imobilizava sua perna, quanto às medicações que eram infundidas em seu acesso venoso.

Pouco depois das nove horas da manhã, o oncologista finalmente chegara.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom dia.! Sou o Dr. Eduardo e vou acompanhar o seu caso. — Apertou com firmeza a mão de Benjamin.

Dr. Eduardo era jovem, entretanto, tinha um semblante duro e competente. Usava óculos, rosto limpo e sem barba e tinha um uniforme impecavelmente branco. Após uma conversa rápida sobre o início dos sintomas até aquele momento, o médico foi ao assunto que Benjamin tanto ansiava, seu tratamento.

— Iremos realizar uma biópsia antes de iniciarmos o tratamento. Confirmado o diagnóstico começaremos as sessões de quimioterapia. Tudo indica que você tem um câncer chamado osteossarcoma. Esse câncer pode apresentar um comportamento muito agressivo, e dependendo de como ele se comportar, seremos mais agressivos ainda. — Benjamin sentia confiança nas palavras do médico.

Melissa voltara a sentar ao seu lado na cama, e segurava sua mão com firmeza. Aquele toque o acalmava. Saber que ele tinha alguém com quem contar era reconfortante. Ele não precisaria passar por tudo aquilo sozinho.

— A biópsia está marcada para agora pela manhã e dentro de mais ou menos três dias teremos o resultado. A partir daí traçaremos todo o planejamento do seu tratamento. Alguma dúvida?

A cabeça de Benjamin começara a latejar com tanta informação. Dúvidas? Ele tinha várias. Algumas perguntas o médico poderia responder. Outras não.

— Era só uma dor no joelho — ele disse para si, mas em voz alta —, a porcaria de uma dor no joelho.

— Não se culpe, Benjamin. Nem sempre entendemos porque o câncer aparece, mas hoje em dia temos a tecnologia para lutar contra ele. É

PERIGOSAS ACHERON

normal ficar com medo. É normal ficar nervoso. Sua vida está sendo ameaçada. É normal se sentir assim.

— Como você sabe como eu me sinto, merda? Você não sabe como eu estou me sentindo, doutor. Você pode ser o especialista do que for, mas não sabe como eu me sinto — disse de forma ríspida.

— Benjamin, o médico está tentando ajudar.

— Sem problemas, senhora — o tom de voz do médico era tranquilo. Ele não estava com raiva do seu paciente. Entendia perfeitamente o comportamento de Benjamin.

Ele estava passando pelas fases do descobrimento do câncer. A negação e o isolamento, a raiva, a negociação, a depressão e finalmente viria a aceitação. Algumas vezes as fases se misturavam e isso variava muito de

paciente a paciente. Benjamin não precisava de julgamentos, precisava de apoio.

— Vou deixar você e sua esposa sozinhos. E você está certo, Benjamin. Eu não sei como você se sente, mas se você deixar, eu posso te ajudar a vencer essa doença que está trazendo tantos sentimentos ruins. Basta você deixar.

O médico deixou o jovem casal a sós e Benjamin baixou os olhos envergonhado do seu comportamento. Ele não era assim. Novamente os olhos foram banhados por suas lágrimas que começaram a escorrer pelo rosto.

— *Me perdoa* — disse baixinho.

— Shiii... — Melissa sentou ao seu lado, e abraçou-o forte. — Você não tem que pedir desculpas, entendeu? Todos nós te entendemos. Você é forte, Benjamin. Você vai lutar contra isso e vai vencer. E eu vou estar ao seu lado o tempo todo. Entendeu?

Apesar de não responder, Benjamin soluçou nos braços da esposa até que o choro findasse. Ficaram abraçados em silêncio até o momento em que entraram no quarto e o levaram para a realização da biópsia.

A luta havia começado.

Nunca três dias haviam passado com tanta lentidão. A ansiedade dominava Benjamin. Ele não conseguia mais dormir, mal comia e não aguentava mais o ambiente hospitalar. As ligações de Dante começaram um dia depois do internamento e ele ainda não se sentia pronto para compartilhar com o amigo tudo o que estava acontecendo com sua vida.

Despistava o amigo com mensagens evasivas e chegou ao ponto de mentir dizendo que estava passando uns dias na casa da sogra, onde o

PERIGOSAS ACHERON

suporte seria melhor, por causa do gesso na perna.

“Mas você odeia aqueles dois”, Dante diria.

Benjamin sentia-se mal por mentir para o amigo, mas Dante agora tinha mulher e filhos para se preocupar. Além do mais, ele tinha Melissa ao seu lado. Também decidira esconder a doença de seus pais. Não iria adiantar muito dividir esse fardo com eles, que moravam fora do país e não iriam poder fazer muito para ajudar o filho.

Quando finalmente o oncologista que estava trabalhando em seu caso entrou no seu leito com o resultado da biópsia o coração de Benjamin começou a bater descompassado. Melissa não o deixou desde o internamento e ela sentou-se ao seu lado na cama, segurando sua mão com firmeza.

— Vai ficar tudo bem — ela sussurrou em seu ouvido lhe dando um beijo no rosto.

Ele forçou um sorriso.

— O resultado da biópsia confirma nossa

PERIGOSAS NACIONAIS

suspeita, Benjamin — disse o médico sem meias palavras.— O seu tumor é um osteossarcoma osteoblástico, de alto grau e com crescimento muito rápido, precisamos iniciar o tratamento imediatamente. — Havia urgência na voz do médico, o que deixou Benjamin nervoso.

As notícias não tinham começado nada boas. Um buraco se formou onde estava localizado o seu estômago e ele ficou sentindo um vazio dentro de si. A pouca confiança que tinha adquirido com as visitas que vinha recebendo de uma psicóloga esvaiu-se. Ele ia morrer. Tinha certeza absoluta disso.

Segurou a mão de Melissa com um pouco mais de força, com medo de que, caso a largasse, nunca mais pudesse sentir aquele toque novamente. Tentou falar, mas não conseguia dizer nada. A boca estava seca, o coração parecia pular do peito e a respiração ficara ofegante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quais os próximos passos, doutor? —
Melissa percebera o nervosismo do marido e fez a pergunta que Benjamin queria fazer.

— O tratamento envolve basicamente três etapas — prosseguiu o médico. — Inicialmente faremos algumas sessões de quimioterapia neoadjuvante, ou seja, antes da extirpação do tumor... Se eu estiver falando algo que você tenha dificuldade de entender me avise, ok? — O médico deu um sorriso encorajador.

Benjamin assentiu.

— Prosseguindo.... — continuou —, após essas sessões de quimioterapia faremos a cirurgia para remoção do tumor e colocaremos uma endoprótese na sua perna.

— Endoprótese? — perguntou com o cenho franzido.

— Uma prótese que fica dentro da sua perna, para substituir o seu osso.

PERIGOSAS ACHERON

— Vão arrancar meu osso? — perguntou assustado.

— O tumor está destruindo seu osso, Benjamin, por isso ele ficou frágil e fraturou. Não podemos consertar. A endoprótese é a melhor opção.

— Tudo bem. — Ele já estava tonto com tantas informações. — E depois?

— Depois faremos a quimioterapia adjuvante, após a cirurgia. Compreendeu?

— Então estarei curado? — reuniu forças e perguntou esperançoso.

— Se tudo der certo, sim. Claro que iremos fazer o acompanhamento anual, mas, explicando de uma forma simples, o tratamento é basicamente esse.

Benjamin percebeu, pela calma com que o médico falava, que ele já tivera essa conversa várias vezes e que para ele, era comum falar sobre PERIGOSAS ACHERON

câncer, tratamento, cura ou morte. Ele não sabia se o fato de seu médico parecer tranquilo até demais era algo preocupante ou não. Apertou a mão de Melissa com um pouco mais de força, o que fez com que ela se remexesse na cama com dor, mas ela não reclamou.

— Quais minhas chances, doutor? — A pergunta que ele tanto temia pulou de sua boca de forma inconsciente.

Imediatamente ele se arrependera de tê-la feito. Ele não queria saber. Na verdade ele queria, mas não estava pronto. Benjamin tentava, a todo custo, achar dentro de si um pouco de esperança, mas dependendo da resposta do médico talvez nunca conseguiria se enxergar curado. Fitou o médico nos olhos, pois queria ter a certeza de que o oncologista lhe falaria toda a verdade.

— Depende de vários fatores. Primeiro precisamos saber qual o estadiamento do seu

PERIGOSAS ACHERON

câncer. Hoje mesmo vou agendar uma tomografia computadorizada do tórax, abdome e da sua região pélvica, um exame que irá procurar por metástases. Se o tumor estiver restrito apenas à sua perna, as chances são boas, caso tenha se espalhado elas diminuem.

— Meu câncer já pode estar espalhado?

As palavras saíram com dificuldade. Meu câncer. Dizer essas duas palavras amargou sua boca.

Meu câncer. Era como se agora o câncer tivesse sido oficializado em sua vida.

— É um câncer agressivo — disse o médico como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

— E o que seria uma metástase? — perguntou Melissa.

— Em vez de somente no osso o câncer acaba espalhando-se por outros órgãos.

— Então, além de câncer no osso, posso

estar com câncer no corpo todo também? Que sorte, hein? — Não tentou disfarçar a ironia.

— Não vamos colocar o carro na frente dos bois, Benjamin. Vamos esperar o resultado da tomografia. A quimioterapia você irá começar o mais rápido possível, vai ficar internado pelos três primeiros dias e depois pode ir *pra* casa, mas semanalmente irá a uma clínica de oncologia onde realizará o tratamento endovenoso, combinado?

Benjamin assentiu. Ele não tinha opções, não é?

— Você ainda não respondeu minha pergunta — disse ao médico de forma ríspida. — Em números, doutor, quais minhas chances?

Vendo-se sem saída, o médico resolveu dar ao seu paciente o que ele tanto desejava.

— Quinze a trinta por cento de sobrevivência em tumores com estágio três, ou seja, com metástase, sessenta a oitenta por cento em
PERIGOSAS ACHERON

tumores com estágio um, ou seja, que estão somente nos ossos.

Uma angústia e um alívio o invadiram. Desde que pisara no hospital há três dias que pela primeira vez, uma esperança de cura o atingiu.

Oitenta por cento. Vai ter que ser oitenta por cento. Deus, faça esse maldito estar apenas no meu osso. Apesar de nunca ter sido religioso ele orou em silêncio.

— A medicina não se resume a números, Benjamin. Não se apegue a eles. O mais importante é sua determinação em vencer essa doença.

— E quando iremos começar a quimioterapia? — perguntou um pouco mais animado.

Oitenta por cento, Benjamin. Foca no oitenta por cento.

— Como eu disse, o mais rápido possível. Irei solicitar um cateter para realização da

PERIGOSAS ACHERON

quimioterapia, assim iremos evitar que você seja furado a cada nova sessão. Esse cateter vai ficar debaixo da sua pele, não vai atrapalhar suas atividades.

Tudo estava acontecendo muito rápido. Benjamin não sabia se isso era bom ou ruim. Câncer, quimioterapia, cateter, internamento... Essas informações estavam deixando sua mente inquieta. Respirou fundo e tentou colocar ordem no caos que estava sua cabeça.

— Vamos começar esse tratamento, então — disse fingindo uma segurança que ainda não estava completamente firmada.

— Serão dois meses de quimioterapia. Repetiremos a ressonância para sabermos o quanto o tumor diminuiu. Então planejaremos a cirurgia para retirada do seu câncer. Você entendeu tudo o que foi dito, Benjamin? Sei que são muitas informações, mas preciso que você saiba de tudo o

PERIGOSAS ACHERON

que vai lhe acontecer daqui *pra* frente.

— Acho que sim. — Foram tantas informações que ele não conseguira processar tudo.

— Eu sei que são muitas coisas para assimilar — o médico pareceu adivinhar seus pensamentos —, mas estou aqui para sanar qualquer dúvida sua.

Ele agradeceu. Apesar da angústia, do medo e dessa jornada desconhecida que estava para enfrentar, sentiu-se aliviado, pois algo iria ser feito em relação à sua doença.

O médico falava de forma confiante e isso trouxe a ele um pouco de esperança.

Morrer não é uma opção, disse a si mesmo.

E finalmente, depois de tantos dias Benjamin soltou seu primeiro sorriso sincero.

— Vamos matar esse desgraçado, doutor.

O médico devolveu o sorriso, ficara feliz por seu paciente tomar as rédeas e controlar seu

PERIGOSAS ACHERON

destino, em vez de deixar a doença tomar o controle.

— Vamos! — respondeu dando-lhe um sorriso cheio de cumplicidade.



|CAPÍTULO 4

“Viver significa lutar.”

Sêneca

Dois dias após a implantação do cateter para quimioterapia, Benjamin estava começando a primeira sessão. Ele entrara de licença do trabalho para tratamento médico e Melissa, que administrava sua própria loja de produtos de beleza, contratara uma pessoa para cuidar da parte administrativa para que ela pudesse ter mais tempo para ficar com o marido.

— *Não se preocupa com o escritório,*

Benjamin. — O dono da firma de advocacia tentava tranquilizar seu funcionário. — *Fique fora o tempo que precisar. As portas estarão abertas quando você retornar. E curado* — frisou.

O telefone estava no modo viva-voz para que Melissa escutasse a conversa.

— Eu só tenho a agradecer o apoio, Dr. Santos. Não se preocupe, se Deus quiser logo, logo estarei de volta. Não coloque ninguém em minha mesa, hein? Seria um ultraje. — Brincou.

— *Nunca, meu caro! Ainda te quero como sócio da firma, Ben. Por isso trate de ficar curado. Até mais!* — Desligou.

Benjamin suspirou aliviado. O trabalho era, além de uma obrigação, uma paixão. O medo de perder o que já conquistara vinha tirando seu sossego. Depois do telefonema, era uma preocupação a menos.

Melissa seguraria as pontas e caso

PERIGOSAS ACHERON

necessitasse, ele recorreria às suas economias. Apesar de Benjamin vir de uma família que não tinha preocupações acerca de dinheiro e dele próprio possuir uma quantia considerável em aplicações financeiras, não era um homem de esbanjar. Gostava da simplicidade das coisas. Embora fizesse questão de manter um padrão de vida elevado, principalmente após o casamento.

— Eu disse que eles iriam entender — falou a esposa percebendo o alívio no rosto do marido. — Eles não iriam arriscar perder o melhor advogado da empresa. Você é uma mina de ouro para eles, meu amor.

Benjamin apertou afetuosamente a mão de Melissa, recostou-se na cama e fechou os olhos, deixando a medicação correr veia adentro. Sua caminhada contra o câncer havia iniciado. Ele estava confiante.

O início do tratamento deu-se em um clima

de positividade e boas notícias. A tomografia não mostrava nenhum sinal de metástase, portanto, o câncer de Benjamin estava restrito ao osso.

Eu sabia que seria oitenta por cento, pensou quando o médico lhe deu as boas notícias.

Entretanto, após o início da quimioterapia o clima voltou a ficar tenso e toda angústia que ele sentia reapareceu com toda a força.

A primeira noite foi a mais difícil. Nem Melissa, nem Benjamin dormiram. A náusea o atingiu em cheio e ele pôs para fora tudo o que tinha comido o dia inteiro e um pouco mais. Não tinha medicação que desse jeito. Com o esforço do vômito a cabeça doía, o corpo reclamava e pela primeira vez desde o início do tratamento desejou realmente morrer.

Eu não sou forte o suficiente, pensava todas as vezes que vomitava.

No amanhecer do dia sentia-se fraco,
PERIGOSAS ACHERON

extremamente nauseado e exausto. A perna quebrada latejava e ele só queria que aquilo tivesse fim.

Olhou para Melissa que dormia em uma poltrona ao lado do seu leito. Fechou os olhos e tentou descansar, mas a náusea era incapacitante. Olhou ao redor e buscou um saco para vômitos. Não encontrou nenhum perto de si. Sem querer acordar Melissa, que finalmente descansara após uma noite em claro, tentou levantar para ir ao banheiro, entretanto, sem poder apoiar os dois pés no chão por causa da perna quebrada e com a fraqueza que sentia caiu. O baque acordou a esposa que correu ao encontro do marido.

— O que você estava tentando fazer —
ralhou ajoelhando-se para ficar na altura dele. —
Você se machucou?

Benjamin não se moveu. Não respondeu. Apenas ficou de cabeça baixa, passando a mão na

PERIGOSAS ACHERON

coxa direita e amaldiçoando em silêncio, o mundo, sua vida e todos ao seu redor.

A perna doía, e a dor se espalhava por todo o corpo, mas ele queria sentir. Ele não queria que a dor passasse, pois enquanto doesse, significava que ainda estava vivo. A raiva o consumia. Era algo sem explicação. Revolta por estar naquela situação.

Por que comigo? Por que justo comigo?

— *Me deixa, Melissa!* — vociferou.

— Vou chamar alguém *pra* te ajudar a levantar. — Ignorou a explosão dele e deixou o quarto em busca de auxílio.

— Não preciso de ajuda! Eu não sou incapaz —, mas seus gritos não alcançaram Melissa que já havia batido a porta atrás de si.

Quando aquele pesadelo teria fim? Era o dia um, do primeiro ciclo de quimioterapia e seu corpo já reagira daquela forma. Iria aguentar dois meses daquele sofrimento? Pensou em ligar para Dante e

perguntar-lhe como ele fazia para ser forte e conseguir enfrentar uma doença, seja qual fosse, mas desistiu.

Dante continuava mandando mensagens, tentando ligar e se comunicar com Benjamin, mas a cada nova mensagem ele mentia sobre seu estado, o que o fazia se sentir mal.

Sabia que Dante ficaria ao seu lado independente de qualquer coisa, mas, sem saber muito bem o motivo, não queria compartilhar com ele o peso de sua doença. O fardo era dele, ele teria de aprender a carregá-lo consigo. Não era justo dividir esse peso com os outros. Pelo menos era assim que enxergava sua situação. No entanto, eram sentimentos tão conflitantes. O desejo de não estar sozinho contra a resistência em dividir suas aflições.

Dante era bipolar e a revelação de sua doença poderia afetar, seriamente, a estrutura de

PERIGOSAS ACHERON

uma mente já não muito estável, mas ao mesmo tempo sentia a necessidade de compartilhar com mais alguém seus medos e angústias. Não era justo com Melissa deixar tudo em suas costas. Ela não reclamava, mas ele sabia que no fundo ela estava exausta.

Isso é apenas o dia um.

Foi quando decidiu. Ainda no chão, sentou-se com dificuldade franzindo o cenho com a dor que ainda lhe invadia. Ofegante, esticou a mão em direção ao criado mudo que ficava ao lado de seu leito e pegou seu celular. Discou um número e com apenas dois toques alguém atendeu.

— Finalmente resolveu aparecer. Como está a perna? Se alguém tiver assinado esse gesso antes de mim eu arranco sua perna fora, Benjamin.

— A voz de Dante saiu do outro lado da linha.

Benjamin riu com o comentário.

— Ainda estou no hospital, Dante. —

Voltou a ficar sério.

Dor maldita. Alisava a perna sem parar.

— *Como assim? Já tem vários dias que você quebrou a perna. Por que ainda está hospitalizado?* — O amigo estava confuso. — *O que houve?* — perguntou de forma preocupada.

— Vem aqui que eu *te explico*.

— *Benjamin, me...*

— Vem aqui que eu *te explico!*

— *Estou a caminho.* — Desligou.

Benjamin recostou-se no leito e fechou os olhos. Resolveu que não iria fazer aquilo sozinho. Não que Melissa não contasse, mas iria ter os amigos ao seu lado.

Dante caminhava de um lado a outro no quarto, visivelmente irritado e conversando consigo

mesmo. Melissa havia saído para tentar comer alguma coisa, o que deu a Benjamin a oportunidade de conversar a sós com o amigo. Ele não acreditava no que tinha acabado de ouvir. Como assim o melhor amigo tinha câncer? Isso era doença de gente velha. Benjamin tinha sua idade.

— Por que você não me contou? Como você pôde ter escondido isso de mim, cara? Porra! — esbravejou, passava as mãos nos cabelos, o olhar fixo no chão. — Ele tem quantos anos? 33? Como isso é possível? Como assim o Benjamin com câncer? Câncer? Impossível! Deve ter algo de errado com isso. Não pode! Câncer? E desde quando existe câncer no osso? Câncer não é tipo, no peito? No pulmão? Na próstata? *Pra* evitar é só prevenir! *Pra* mulher, a prevenção é fazer exames de mama; no pulmão, é só não fumar; na próstata, bem... levar aquela dedad....

— Para, Dante! Você está me deixando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tonto! Para de falar sozinho e olha *pra* mim.

— Mas como prevenir câncer no osso? —
continuou ignorando Benjamin.

— Para, Dante! — gritou.

Dessa vez ele parou de caminhar e encarou
o amigo.

— Por que você não me contou? — Podia-
se enxergar um certo desespero nos olhos azuis de
Dante.

— Porque eu não queria que você me
olhasse como está olhando agora — explicou de
forma simples.

— Estou olhando *pra* você com meus olhos.

— Não, você está olhando *pra* mim como
se eu já estivesse morto.

— Você tem câncer, Benjamin. Todo
mundo que eu conheço que teve câncer morreu.
Você quer que eu faça o quê? — falou enquanto
continuava a andar de um lado a outro.

PERIGOSAS ACHERON

— E quantas pessoas com câncer você já conheceu?

Apesar da situação ser complicada Benjamin sentia-se um pouco mais leve. Pela primeira vez uma pessoa, além do seu médico é claro, falava abertamente com ele sobre o câncer, sobre a morte e sobre sua situação.

Melissa evitava tocar no assunto como se fosse algum tipo de tabu, Dante, porém, não media palavras e ele sentia-se agradecido por isso. Ele estava doente e fingir o contrário não o faria melhorar.

— Bom — Dante colocou a mão no queixo pensativo —, nenhuma, mas... Ah, Benjamin, você está me confundindo.

— E você está me divertindo. Não surta, cara. Eu já comecei o tratamento e...

— Ei! — Dante fez um sinal para que Benjamin se calasse. — Eu não estou me metendo

PERIGOSAS ACHERON

no seu câncer, então não se meta no meu surto. Porra! Eu ainda não *tô* acreditando!

Dante começou a ficar extremamente agitado. A vontade de sair daquele quarto e ir para bem longe invadia sua mente. Ele não podia perder o controle.

Calma, Dante. Controla essa porra de ansiedade, cara, pensou enquanto voltava a caminhar de um lado para o outro.

Por mais que estivesse sob efeito dos medicamentos ele nem sempre conseguia controlar os nervos. Era um exercício diário. Foi até um frigobar que ficava no quarto e tomou dois copos d'água a fim de se acalmar. Sentou-se na poltrona que ficava ao lado do leito do amigo e ficou encarando Benjamin, enquanto balançava as pernas de forma inquieta.

— Quer que eu mande colocar uma cama aqui ao meu lado? Pelo menos você se interna

PERIGOSAS ACHERON

comigo já que está enlouquecendo aí.

Benjamin se divertia com a situação. Como uma conversa com Dante sobre seu câncer o fizera não pensar sobre seu câncer? Ele se sentia confusamente feliz com aquilo. O peso da palavra parecia ter sido aliviado. Ele tinha câncer? Tinha. Era uma coisa de outro mundo? Não era.

— Vai se foder, Benjamin! — xingou levando as mãos à cabeça. Olhou para Ben e o encarou nos olhos. — Você não pode morrer, cara. Isso não é divertido. — Havia medo em suas palavras.

— Desculpe. Não quero menosprezar seus medos, Dante, mas eu não vou morrer! — disse com tanta convicção, que se espantou com suas próprias palavras.

Eu não vou morrer. Repetiu mentalmente.

Eu não vou morrer. As palavras pareciam música. E foi então que ele acreditou no que dizia.

Ele não ia morrer. Ele não PODIA morrer. Naquele momento ele sabia que iria lutar até o fim e que utilizaria todas as forças que tivesse para vencer o mal que lhe afligia.

— Se você morrer, eu juro que te mato!

Benjamin gargalhou como a muito tempo não fazia. Dante relaxou e também soltou um sorriso ainda levemente tenso.

— Sua aparência está horrível — falou para o amigo enquanto roía as unhas, tentando aliviar a tensão do ambiente.

— Ainda estou mais bonito que você — retrucou.

Dante riu de forma mais solta, seguido pela risada de Benjamin. O clima tenso foi, aos poucos, dissipando-se e já mais calmo, Dante começou a tentar racionalizar tudo o que havia ouvido até então.

— Como você vai matar esse bicho? —

perguntou inclinando-se na poltrona e apoiando os cotovelos na coxa.

— Quimioterapia e cirurgia. — Iria ser o mais sucinto possível para não agitar o amigo que agora se acalmara.

— Você vai ficar careca?

— Provavelmente!

Benjamin estava se divertindo com aquela conversa. Dante parecia uma criança curiosa. Sem papas na língua. Sem medir as palavras. Sem tabus. Era como se eles estivessem conversando sobre assuntos banais.

— Posso tocar *Love by Grace* da Lara Fabian enquanto raspo sua cabeça?

— Vai se foder, Dante! — Benjamin disse gargalhando enquanto jogava uma almofada em direção ao amigo.

Dante ficou sério e aproximou-se do amigo sentando na cama e colocando a mão em seu

PERIGOSAS ACHERON

ombro. Benjamin também parou de rir e os dois se encararam. Não havia palavras entre os dois, mas estava mais do que claro que Benjamin sabia que o amigo estaria ao seu lado em todas as horas.

— Você vai superar essa, cara, não tenho dúvida disso. — O peso nos ombros que assombrava Benjamin desde que descobrira seu diagnóstico aliviou ao ouvir àquelas palavras. Ele não precisava carregar esse fardo sozinho.

— Você acha? — Enxergava-se aflição nos olhos de Benjamin.

— Tenho certeza absoluta! — exclamou com firmeza.

— Estou com medo, Dante. Eu não quero...

— Cala a boca, Benjamin! Você não vai... eu te proíbo, ok? — E mesmo sem querer, uma lágrima solitária escorreu em seu rosto.

Benjamin era como um irmão para ele. Perdê-lo estava fora de cogitação. Ele não ia deixar

PERIGOSAS ACHERON

isso acontecer. Em uma rara demonstração de afeto, Dante puxou Benjamin para si e deram um abraço forte, fraterno e recheado de esperança.



|CAPÍTULO 5

“Aquele sorriso
seria capaz de pôr fim as
guerras e a curar o
câncer.”

O Teorema de
Katherine

Um mês havia passado desde o início do tratamento. Como prometido pelo médico, Benjamin havia ficado internado pelos primeiros três dias e após isso ele teria que comparecer a uma clínica de oncologia onde as medicações seriam

administradas. Ir para casa fora outro alívio.

As náuseas estavam mais controladas e apesar de noites difíceis e das dores no corpo, já estava acostumando-se com a nova rotina. As muletas haviam virado suas melhores amigas. A perna ainda estava imobilizada e o único jeito de locomover-se sem depender dos outros, era com suas meninas.

Os cabelos, antes castanhos claros que Benjamin penteava para trás em um topete bagunçado, haviam desaparecido. Quando os primeiros fios começaram a cair, ele preferiu raspar logo os cabelos, não queria passar por todo processo de queda. Já que a calvície momentânea seria inevitável, iria cortar logo o mal pela raiz. Sua cabeça, agora lisa e sem um pelo sequer vivia protegida por uma touca estilo *oversized* preta.

Pelo menos estou estiloso. Tentava manter-se otimista, embora nem sempre conseguisse.

Mesmo com a aparência mais frágil, palidez constante e expressão apática, Benjamin continuava um homem bonito. Seus olhos verdes, mesmo sem o brilho anterior, contrastavam com o preto da touca. Ele tornara-se o queridinho do hospital, arrancando suspiros tanto das médicas, enfermeiras, como das próprias pacientes do setor de oncologia.

— Bom dia, meus amores — disse entrando na sala de quimioterapia apoiado em suas muletas.

— Bom dia, Ben — as enfermeiras do setor responderam em uníssono. — Está atrasado — Amora, a enfermeira responsável pelo setor o repreendeu de forma afetuosa.

— Desculpa, Amora. Esposa acordou mal-humorada.

Ele sorriu e sentou na poltrona que sempre ocupava quando ia fazer sua sessão de quimioterapia. Seu humor havia melhorado consideravelmente desde o início do tratamento.

Além de estar sendo acompanhado por um psicólogo, Benjamin estava confiante que logo estaria curado. Além das terapias individuais ele passara a participar de grupos de apoio a pacientes com câncer e já conhecera várias histórias de superação.

A vida começava a fazer um outro sentido para ele. Aos poucos fora dando mais valor as pequenas coisas da vida e as conquistas mais simples, como por exemplo, passar um dia inteiro sem vomitar.

— Onde está a esposa? — perguntou Maria, uma senhora de 50 anos em tratamento para câncer de mama.

— Vim de táxi. — Benjamin ficou sério e não conseguiu disfarçar o descontentamento. — Esposa estava cansada e não quis acordar — justificou.

— Noite agitada? — Ela piscou o olho e

PERIGOSAS ACHERON

sorriu faceira.

— Quem me dera.

Mas dona Maria está muito curiosa, pensou divertido.

Durante as sessões de quimioterapia era comum a interação entre os pacientes. Eles trocavam experiências, falavam sobre suas vidas e conheciam um pouco mais a dor do outro. Melissa era a responsável por deixá-lo na clínica e buscá-lo no fim da sessão. Entretanto naquele dia havia sido diferente.

— *Você já consegue ir sozinho, Benjamin. Eu não posso ser sua babá e te carregar pra tudo que é lugar — gritava Melissa enquanto passava uma maquiagem no rosto.*

Benjamin sentia-se culpado por ser um peso para a esposa, mas ao mesmo tempo precisava dela. Apesar de conseguir se locomover com as muletas, ainda era difícil fazer as coisas sozinho.

— *Você pode pelo menos ir me buscar?* —
pediu baixinho. — Eu sempre saio da
quimioterapia enjoado e...

— *Vai vomitar no meu carro de novo?* —
cuspiu as palavras sem perceber o que dizia. —
Desculpa, amor, eu... eu não devia ter dito isso. —
Amaldiçoou-se com suas próprias palavras, ela
havia sido cruel.

Benjamin calou-se. As palavras lhe
atingiram em cheio, como milhares de farpas
entrando em sua pele. Aquilo doía. Será que era
isso que ele se resumira? A um estorvo? Respirou
fundo, engoliu a dor, deu as costas e dirigiu-se à
porta do quarto.

— *Vou passar o dia na loja* — *ela disse*
sem desviar o olhar do espelho. Era como se nada
tivesse acontecido.

— *Faz o que você achar melhor!* — *Seu*
tom de voz saiu mais ríspido do que ele desejava.

Finalmente Melissa desviou o olhar do espelho e olhou para o marido, que estava parado na porta, a encarando. Benjamin estava com uma expressão fechada, a fitava sério e claramente decepcionado.

— Eu não posso parar minha vida por sua causa, Benjamin. — Seu tom de voz voltou a se elevar.

Ele inspirou fundo tentando manter a paciência que estava ínfima.

— Não estou pedindo isso, nunca pedi! Só estou pedindo a droga de uma carona — disse ainda mais alto. O exercício de respiração para manter a calma não surtira efeito.

— Não grita comigo! Diminui esse tom de voz ao falar comigo. — O dedo estava em riste, apontado diretamente para o rosto do marido. — A loja fica do lado oposto da sua clínica. — Tentou se justificar.

Benjamin desistiu da discussão e desceu as escadas à procura do celular. Era a primeira vez que iria a clínica sem a companhia da esposa.

Não gostava de mentir, mas ele não podia simplesmente dizer aos amigos que tinha feito na *Oncoclin* que Melissa simplesmente não queria trazê-lo. Sentia vergonha.

— Respira fundo, Benjamin — instruía Amora, enquanto puncionava o cateter localizado abaixo de sua clavícula direita. — Muito bem, agora solta o ar e prende a respiração enquanto eu introduzo a agulha, ok?

Ele assentiu, expulsou o ar de seu pulmão e prendeu o fôlego. Sentiu a pressão da agulha entrando e mesmo acostumado com o procedimento, ainda achava extremamente

PERIGOSAS ACHERON

desconfortável. Após a medicação estar devidamente instalada, acomodou-se na poltrona e fechou os olhos. A lembrança do episódio com Melissa o deixara desanimado e sem vontade de conversar.

A interação entre os pacientes era tão harmônica que eles sempre sabiam quando alguém estava querendo ficar somente com seus pensamentos. Então Benjamin foi deixado em paz e acabou adormecendo.

Acordou apenas com o barulho da bomba de infusão, o aparelho que servia para controlar o gotejamento do medicamento que era infundido em seu organismo, que apitava insistentemente alertando sobre o fim da droga. A medicação foi retirada e ele estava pronto para ir embora.

Olhou pela janela e viu que o tempo lá fora ameaçava desabar. Nuvens cinzas e pesadas cobriam o céu. O clima era o reflexo do seu estado

PERIGOSAS ACHERON

de espírito. O estômago roncou e a náusea lhe invadiu. Sabia que não podia ficar sem comer, principalmente durante e após a quimioterapia, caso contrário era invadido pelo enjoo.

Tirou uma barra de cereal do bolso e a devorou. Sentiu um certo alívio após a pequena refeição, mas sabia que logo, logo os efeitos da medicação agiriam e ele iria se sentir péssimo. A chuva logo começou a cair e Benjamin percebeu que não conseguiria um táxi tão facilmente. Cogitou ligar para Melissa, mas o orgulho não deixou.

— Merda! — xingou alto, de forma inconsciente.

— O que houve, Benjamin? — Amora, a enfermeira responsável pelo setor, aproximou-se.

— Não é nada. Desculpe pelo palavrão. — Ele mexia na aliança na mão esquerda, rodando-a em seu dedo com o polegar.

Ela não insistiu e continuou a organizar a sala de medicação, para que os próximos pacientes pudessem utilizar o local. De vez em quando ela olhava para Benjamin, que estava sentado em sua poltrona, fitando o chão e mexendo em sua aliança.

A chuva começou a castigar do lado de fora e o que eram apenas gotas tímidas caindo naquele fim da manhã, transformaram-se em gotas pesadas e grossas, como se todo o céu compartilhasse a fúria que Benjamin continha dentro de si. Ele não queria transparecer, mas por dentro a raiva o consumia.

Havia momentos durante o tratamento, que ele parecia perder todo e qualquer tipo de esperança que as coisas iriam melhorar. Existiam situações em que tinha certeza absoluta que ficaria curado. Aquele misto de emoções o deixava inquieto, inseguro e duvidando da sua capacidade de autocontrole. Até quando iria suportar altos e

PERIGOSAS ACHERON

baixos? Por quanto tempo aguentaria essas alterações de humor?

Começou a rir sozinho. Amora parou os afazeres e observou-o com curiosidade. Benjamin lembrara-se de Dante e sentiu-se em sua pele. A incapacidade de controlar suas emoções, a sensação de impotência que isso causava. Ele sabia que Dante passava por tudo isso e passou a admirar, ainda mais, a força de vontade e a capacidade que ele tinha de suportar todo o estigma de sua doença e ser um homem bem-sucedido e realizado.

Com isso em mente, apoiou-se em suas muletas, levantou da poltrona e resolveu parar de se lamuriar. Se Dante conseguia manter-se são frente a tantos sentimentos conflituosos ele também conseguiria.

— Você pode chamar um táxi *pra* mim? — pediu à Amora que já terminara de organizar todo o ambiente e agora estava no posto de enfermagem

PERIGOSAS ACHERON

reunindo os prontuários dos pacientes daquela manhã.

Ela levantou os olhos e encarou o verde esmeralda dos olhos de Benjamin, que a fitavam. Conseguia enxergar pesar em seu olhar. Já havia acompanhado diversos casos de pacientes oncológicos e sabia que o que mais afetava à vida dos doentes era o descaso da família e a terrível sensação de ser apenas um estorvo, uma carga difícil de ser levada.

Ela tinha certeza absoluta que aquele comportamento tinha alguma coisa a ver com o comentário que ele fizera em relação a esposa mais cedo.

Entretanto não sentiu pena de Benjamin, apenas compaixão. Ela evitava esse sentimento de pena. Achava que era o pior tipo de emoção que um ser humano poderia ter pelo outro. Para Amora, a pena levava a decisões equivocadas e que muitas

PERIGOSAS ACHERON

vezes não ajudava o paciente a superar a dificuldade pela qual estava passando. E ela queria ajudar.

Deixou os papéis de lado e aproximou-se de Benjamin, puxando um banco de rodinhas para perto dele e sentando-se. Benjamin a acompanhou e voltou a sentar na poltrona. Amora colocou a mão em seu ombro, como tantas vezes fizera com seus pacientes e sorriu para aquele homem de ombros caídos e olhar perdido.

— Se precisar conversar estou aqui. Sempre ajuda! — falou de forma carinhosa.

Benjamin devolveu o sorriso. Percebeu que ela era jovem, aproximadamente 25 anos, a pele era morena. Os olhos eram uma mistura entre um tom de mel misturado a um verde água. Os cabelos estavam escondidos sob uma touca hospitalar de pano, com tema infantil, mas ele podia enxergar fios negros escondidos ali. Sem conseguir encontrar

palavras para expressar o que sentia, ele permaneceu calado, mas agradecendo mentalmente o apoio, mesmo que somente presencial, daquela enfermeira que não tinha nenhuma obrigação de estar ali ao seu lado.

Amora parecera decodificar a mensagem e apenas manteve-se ao seu lado.

A chuva transformara-se em uma tempestade e o vento uivava lá fora. Quando um trovão ressoou por todo o ambiente Amora instintivamente aproximou o banquinho mais ainda de Benjamin e segurou em seu braço com força, em um claro sinal de medo. Afastou-se imediatamente assim que percebeu o que havia feito.

— Des... desculpa! — gaguejou sentindo as bochechas esquentarem.

Benjamin sorriu.

— Medo de trovão é tão clichê.... —
Brincou.

Amora devolveu o sorriso ao mesmo tempo em que outro trovão lhe fez dar um pulinho do banco em que se encontrava sentada. Benjamin segurou na mão da enfermeira e apertou com firmeza fazendo-a se acalmar instantaneamente.

— Melhor?

— Sim, obrigada! — disse abaixando a cabeça e fitando o chão visivelmente envergonhada.

— Estamos quites — ele respondeu mantendo o sorriso. — Sua companhia me fez ficar melhor.

Dentro do táxi Benjamin observava as gotas de chuva que escorriam pelo vidro do carro. Ainda sentia o calor das mãos de Amora nas suas. O apoio daquela enfermeira foi fundamental para melhorar

PERIGOSAS ACHERON

um pouco a tristeza que sentia. Por mais que não tivesse conversado com ela sobre seus anseios e frustrações, a simples presença dela o acalmara.

O balançar do carro mais a fome que ameaçava voltar o encheu de enjoo. Fechou os olhos e recostou a testa no vidro gelado tentando aliviar os sintomas desagradáveis que a quimioterapia lhe causava. A última coisa que queria era vomitar no carro do taxista.

Agradeceu imensamente quando o carro estacionou na frente de sua casa. Desceu e com o apoio de suas muletas caminhou com dificuldade em busca do refúgio do seu lar.

Já havia passado o horário do almoço e ele estava faminto. Percebeu-se sozinho em casa e esquentou um pouco das sobras do jantar da noite anterior, mas foi só colocar a primeira garfada na boca que a náusea o atingiu em cheio, e antes que pudesse ter tempo de ir até o banheiro, vomitou no

chão da sala de estar onde almoçava solitário.

Depois da primeira golfada sentiu-se bem o suficiente para subir as escadas e dirigir-se ao seu quarto, mas não tão bem o suficiente para o cessar daqueles episódios desgastantes que eram os vômitos. Sentando-se no chão frio do banheiro, apoiou a cabeça no vaso sanitário e ali ficou, esperando que aquela náusea incapacitante passasse, ou que aquela doença o matasse logo, para que toda aquela dor desaparecesse.

De repente desejou que Amora estivesse ao seu lado.



|CAPÍTULO 6

“A esperança é o sonho do
homem acordado.”

Aristóteles

— Que sujeira é aquela na minha sala? — A voz esganiçada de Melissa invadira o banheiro onde Benjamin caíra no sono, agarrado ao vaso sanitário. — Precisava vomitar no chão?

Benjamin levantou a cabeça debilmente, abriu os olhos e a visão de Melissa parada na sua frente, com as duas mãos na cintura e um olhar fulminante foi, aos poucos, entrando em foco. Ele

levantou-se com dificuldade, pegou as muletas que jaziam encostadas na parede do banheiro e apoiou-se na pia, onde jogou um pouco de água no rosto e na boca.

Aquele gosto ácido de vômito invadia seu paladar e queimava sua garganta. Bebeu um pouco de água da torneira.

Com a cabeça latejando e o estômago embrulhado escovou os dentes sob o olhar furioso da mulher. A escova de dentes em sua boca aumentava a náusea. Terminando, o gosto mentolado da pasta de dente deu-lhe um alívio e uma sensação de limpeza.

Ao se olhar no espelho não reconheceu seu reflexo. Os olhos verdes estavam sem vida, o rosto estava pálido e magro. Ele perdera alguns quilos desde o início do tratamento.

Quem é esse? Não se reconheceu.

Saiu do banheiro ainda em silêncio,
PERIGOSAS ACHERON

ignorando totalmente a presença de Melissa. Sentou-se na cama e com um ar derrotado, finalmente a encarou.

— *Me desculpe* pela bagunça lá embaixo — disse com uma voz monótona.

— Estou ficando cansada, Benjamin. Além da jornada exaustiva que tenho no trabalho, ainda tenho que ser sua motorista e... quando chego em casa ainda preciso ser sua...

— Sinto muito se minha doença está atrapalhando seus planos de vida, Melissa — retrucou ofendido, com um tom de voz firme e encarando a esposa nos olhos.

A guerra de olhares durou poucos segundos, com Melissa virando o rosto visivelmente envergonhada das palavras que dissera.

A sensação de estorvo que Benjamin sentia era absurdamente multiplicada na presença da esposa. Havia momentos em que ela era

PERIGOSAS ACHERON

completamente compreensível e solícita às necessidades atuais do marido, mas em outras situações ela simplesmente parecia ter prazer no ato de humilhá-lo.

— Sinto falta da nossa vida, do nosso casamento, da nossa rotina — confessou ela.

— E você acha que eu não sinto? Você pensa que estou satisfeito com tudo o que vem acontecendo comigo? Quando descobri sobre a doença eu sabia que eu iria vencê-la, pois você está ao meu lado e lutaria comigo. Não desiste de mim, meu amor! — implorou com os olhos marejados.
— Na saúde e na doença, lembra?

— Se eu soubesse... — Calou-se e evitou falar o que passou em sua cabeça.

— Soubesse o que, Melissa? — O coração dele gelou.

— Besteira minha, Benjamin! Eu só estou cansada. — Tentou desconversar.

Mas Benjamin sabia exatamente qual pensamento havia passado na mente da esposa e seu coração já machucado devido a tantas provações sangrou um pouco mais.

— Se você soubesse que eu adoeceria não teria se casado? É isso? —perguntou aflito, pois já sabia qual era a resposta.

Ela permaneceu em silêncio. Um silêncio ensurdecedor, angustiante. Um silêncio cheio de confissão. Nenhuma palavra necessitava ser dita, pois a falta de resposta de Melissa já afirmava o que Benjamin temia escutar.

— Eu tenho 28 anos, Benjamin, eu... — procurou uma justificativa inexistente —, eu preciso viver. Toda essa situa...

— E eu não preciso, Melissa? — interrompeu com uma voz uma oitava acima do normal. — Você realmente acha que eu quero estar assim? Que eu quero que a mulher que eu amo me

PERIGOSAS ACHERON

veja nesta situação?

Melissa então chorou. Sentindo-se culpada por tudo o que havia feito e dito até então. Por mais que se sentisse presa à doença de Benjamin amava o marido, mas a carga emocional estava sendo difícil demais de suportar. Aproximou-se e posicionou-se à sua frente. Ele elevou a cabeça encontrando seu olhar cheio de lágrimas e remorso.

Benjamin enlaçou sua cintura com as mãos, a trouxe para mais perto de si e a abraçou forte, encaixando a cabeça em seu abdome, começando um choro frouxo e cheio de dor.

— Eu só queria poder te fazer a mulher mais feliz deste mundo, me perdoa se não estou sendo capaz de te proporcionar isso — desabafou.

A raiva o consumia. Raiva da impotência frente à situação. Ele não tinha controle sobre seu próprio corpo. Não tinha controle sobre o mal que crescia arditamente dentro de si, ameaçando se

PERIGOSAS ACHERON

espalhar por todo seu organismo, lhe definhar pouco a pouco, ceifar com sua vida.

Abraçou Melissa com mais força, com medo de soltá-la. Com medo de nunca mais tê-la em seus braços, em sua vida.

— *Me perdoa* por estar doente — disse em meio aos soluços.

Melissa não proferiu nenhuma palavra. Ficou apenas passando as mãos na cabeça lisa do marido. Ela também estava com raiva. Tudo o que ela queria era voltar ao que era antes. Ser casada com um advogado bonito, bem-sucedido e usufruir das coisas boas da vida.

Ela não nascera para aquilo. Ela não merecia passar por aquilo. Amava Benjamin, mas não queria estar casada com um... Balançou a cabeça. Não queria ter tais pensamentos, mas era inevitável. Sentia-se terrível por pensar tais coisas.

Logo, logo ele vai ficar curado e

retornaremos às nossas viagens, nossas regalias.

Sim, eu preciso focar nisso.

Melissa tentava manter esse pensamento na cabeça. Ela teria sua vida de volta. Tudo seria como antes.

— Vou fazer um suco *pra* você. —
Quebrou o silêncio afastando-se do abraço de Benjamin que começava a incomodá-la e girando nos calcanhares, caminhou para fora do quarto.

A visão dele naquele estado lhe causava calafrios. Benjamin enxugou as lágrimas residuais e deitou na cama, fechou os olhos e apreciou o barulho da chuva que ainda podia ser ouvida lá fora. Um trovão pôde ser ouvido, seguido de um clarão que iluminou todo o aposento.

Lembrou-se de Amora e de seu medo de trovões.

Sorriu.

Com a lembrança da doce enfermeira que

lhe dera a mão, adormeceu em um sono tranquilo e despreocupado.

Três dias depois retornou à clínica para outra sessão de quimioterapia. Não sabia explicar o motivo de tamanha ansiedade.

Mais uma vez Melissa e Benjamin discutiram, pois ela insistia que ele deveria pegar um táxi até o local do tratamento. Ele já estava ficando cansado de tantas brigas e aceitou sem protestar muito.

Ao chegar, sentou na poltrona que já estava habituado e logo os procedimentos de punção do cateter de quimioterapia se iniciaram. Sempre era incômodo, mas era um mal necessário.

— Bom dia, Benjamin. — Ele sorriu ao ouvir a voz de Amora.

— Bom dia. Sobreviveu a esses dias de chuva? — perguntou descontraído tentando puxar alguma conversa.

Ele não sabia por que agia assim com aquela enfermeira, mas era inevitável. Talvez tenha sido sua gentileza.

— Com dificuldade — respondeu sorrindo. — Se você estivesse ao meu lado talvez não teria sido tão difícil.

Amora percebera o que havia acabado de dizer e sentiu as bochechas esquentarem. Estava com as medicações de Benjamin dentro de uma bandeja e sem falar mais uma palavra ou olhar para seu paciente, instalou a medicação na bomba de infusão, programou o aparelho para infundir a medicação no tempo adequado e saiu para atender outro paciente.

Benjamin apenas observara a cena com um olhar divertido no rosto. Recostou-se na poltrona e

PERIGOSAS ACHERON

tentou relaxar. Pelas próximas quatro horas ele ficaria ligado àquele aparelho.

Ele começou a reparar nas pessoas que também estavam no ambiente e alguns rostos antigos se misturavam a novos pacientes. Toda vez que ele deixava de ver algum dos pacientes dos quais estava acostumado sentia um calafrio percorrer toda sua coluna. Isso significava duas coisas.

Ou o tratamento havia terminado e o paciente não retornaria para mais sessões de quimioterapia ou então... Após as primeiras más notícias ele havia aprendido a não perguntar mais. Por mais que ficasse feliz após um “colega de quimioterapia” ou simplesmente “colega de QT” tivesse alta do tratamento, a notícia sobre uma morte sempre o abalava.

Ele ficava se perguntando quando iria ser a sua vez. Quando perguntariam sobre ele e o motivo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

da sua ausência. E o que mais o deixava apreensivo, era a incerteza de qual das duas respostas seriam dadas: tivera alta ou morrera? Um calafrio percorreu sua espinha. Inspirou fundo e remexeu-se na cadeira inquieto.

— Está sentindo alguma coisa, Benjamin?

— Bete, outra enfermeira que trabalhava na clínica perguntou.

— Apenas pensamentos ruins — explicou.

— Já passa.

— Qualquer coisa, me chame, ok?

Ele assentiu e tentou espantar esses sentimentos que vez ou outra ameaçavam voltar à sua mente. A medicação para náusea administrada um pouco antes do início da sua quimioterapia o deixou sonolento e ele acabou adormecendo.

Acordou com uma enfermeira mexendo em seu acesso venoso e retirando a medicação que acabara.

PERIGOSAS ACHERON

— Como está se sentindo, Benjamin?

Amora voltou a se aproximar com uma prancheta nas mãos. Ele a olhou nos olhos o que a fez desviar o olhar. Ela ainda estava envergonhada pelas palavras ditas horas antes.

— Como sempre. — Deu um sorriso fraco.
— A náusea é o que me mata.

— Vamos tentar resolver isso. Vou te dar uma outra medicação *pra* vômitos agora, quem sabe conseguimos segurar um pouquinho esses enjoos que você vem sentindo.

Benjamin agradeceu enquanto Amora se retirava para preparar a medicação.

Quando já estava pronto para ir embora, satisfeito pois até aquele momento a náusea não mostrara sinal que viria, ele chamou um táxi e abriu a carteira para separar o dinheiro necessário para viagem até sua casa.

— Merda! — esbravejou percebendo que
PERIGOSAS ACHERON

não tinha mais dinheiro.

Ligou para o serviço de táxi e cancelou a corrida. Pegou o telefone e tentou ligar para a esposa, mas ela não atendia. Começou a ficar inquieto e lembrou de Dante. Fez a ligação para o celular do amigo e caiu direto na caixa postal.

Ele deve estar pintando, pensou.

Amora percebeu que seu paciente parecia angustiado.

— O que houve, Benjamin?

Ele explicou a ela sua situação. Amora deu um sorriso e antes de raciocinar o que estava prestes a fazer foi logo dizendo:

— Eu te levo, se você quiser.

Seu rosto esquentou e ela baixou os olhos fitando o chão.

— Não quero te atrapalhar — ele disse sem jeito.

— Não atrapalharia. — Mentiu.

Na verdade, ela teria que conseguir algum substituto para o turno da tarde e também não tinha a mínima ideia de onde Benjamin morava, mas desejava sua companhia. O motivo? Não sabia.

— Tem certeza? Eu posso continuar tentando falar com meu amigo, ou com minha esposa...

A palavra esposa fez Amora engolir em seco.

Ele é casado, menina. Mas ela não tinha intenções maldosas com ele. Queria apenas ajudar. Pelo menos acreditava fielmente nisso.

— Absoluta! — respondeu com firmeza.

Benjamin assentiu e Amora sorriu satisfeita.

— Preciso apenas organizar algumas coisas e já podemos ir.

Ela saiu apressada e começou a ligar para todos os colegas de trabalho implorando para que alguém cobrisse seu turno. Após a terceira ligação

conseguiu uma substituta e foi ao vestiário trocar de roupa e pegar suas coisas.

Voltou à sala de medicações vestindo suas roupas comuns. Uma calça jeans rasgada nos joelhos, um blusão preto caído no ombro e uma sapatilha preta. O cabelo estava solto e era liso com ondas nas pontas, de um preto brilhante e que caíam de forma graciosa pelas costas.

Benjamin percebeu que aquela mulher era a mesma enfermeira de uniforme branco, toca na cabeça e sapato estilo *crocs*.

— Uou! — falou sem perceber fazendo Amora baixar os olhos envergonhada. — Você está... diferente.

Linda é a palavra certa, pensou, mas não queria constrangê-la, ser mal interpretado e perder a carona.

— Vamos? — Não quis comentar o que seu paciente dissera, pois seu rosto já estava queimando

de vergonha.

Benjamin pegou as muletas e seguiu Amora que caminhava devagar, respeitando a velocidade do seu paciente.

Ele agradeceu em pensamento a ela. Estava acostumado com Melissa gritando à sua frente que já estava atrasada e que ele precisava logo se acostumar a andar mais rápido com aquela gerigonça.

O caminho até a casa de Benjamin foi silencioso, mas incrivelmente não havia um silêncio constrangedor. Chegando ao destino ele desceu do carro e foi então que percebeu, no ombro nu de sua motorista, uma tatuagem que lhe chamou a atenção. O contorno de um coração ligado a palavra *hope*, escrita em letras cursivas.

— Significa esperança — ela disse percebendo que ele notara a pintura em sua pele —, mas você provavelmente deve saber disso.

— Sim — respondeu desanimado —, difícil é se apegar ao conceito da palavra na situação que eu me encontro.

— Confio que você vai conseguir. — Ela piscou o olho para ele — E se você fraquejar, tenho outra tatuagem com a palavra fé, você também pode se apegar a ela.

— Quero ver essa outra tatuagem. — Sorriu de forma maliciosa.

Para de flertar com ela, Benjamin.

— Infelizmente essa não posso te mostrar.
— Devolveu o sorriso, claramente envergonhada.
— Está entregue, Benjamin, fique bem.

Ela deve ter ficado com raiva de você, idiota. Mesmo assim ele sorria.

Benjamin ficou olhando o carro se afastar até dobrar a esquina e desaparecer de sua vista. O sorriso estava estampado em seu rosto, a energia renovara-se e a palavra esperança ficou cravada em

PERIGOSAS ACHERON

sua mente.

Eu vou conseguir.

Olhando para sua casa, respirou fundo e deu os primeiros passos em direção ao portão de entrada. Lembrar da esposa e de seu mal humor afastou um pouco aquela positividade que o atingira, mas ele não iria se deixar abalar por causa disso.

Eu vou conseguir. Repetiu o mantra.



|CAPÍTULO 7

“Quando as coisas
ficam ruins, é sinal de que as
coisas boas estão por perto...”

[Cora Coralina](#)

As caronas haviam se tornado rotina na vida de Benjamin e Amora e uma amizade havia se formado entre os dois. Quando ela não conseguia trocar o turno, Benjamin esperava o dia todo para voltar com ela e ter aqueles poucos, mas preciosos

minutos dentro do carro.

Com Amora ele sentia-se a vontade para falar sobre seu câncer, suas esperanças, seus sonhos e o que esperava do futuro.

Mesmo com algumas trocas de olhares mais demoradas, flertes ocasionais, nenhum dos dois deu o primeiro passo para o surgimento de algo mais.

Amora respeitava o fato de seu amigo ser um homem casado, da mesma forma que Benjamin não era homem de trair, por mais que seu casamento estivesse enfrentando uma forte crise.

Ele percebera também que Amora era reservada. Descobrira que ela morava sozinha, os pais não eram mais vivos e ela não tinha irmãos ou irmãs. Apesar de tudo carregava uma energia vibrante dentro de si. A mãe havia falecido de câncer, um dos motivos de especializar-se em oncologia durante a pós-graduação. Ela queria levar conforto tanto para pacientes, como para familiares

quando tinha a oportunidade.

Para ela, o câncer não se resumia a somente uma doença, mas todo um processo de adoecimento que envolvia tanto o doente, quanto à família. Ele era capaz de unir famílias, promover aproximação de entes queridos que não se davam tão bem e mesmo quando algum paciente não conseguia vencer a doença, ele nunca era considerado derrotado. Pelo contrário, era um vencedor, pois lutara por sua vida e com certeza, deixara ensinamentos para todos que acompanharam sua luta.

Benjamin se reconfortava com o discurso de sua enfermeira, agora amiga e confiante. Apesar de ter tudo para vencer seu câncer, ele se apegara as palavras de Amora e já se considerava um grande vencedor. Só gostaria que Melissa também pensasse da mesma forma.

As brigas com ela foram transformando-se

aos poucos em indiferença. Eles pouco conversavam. Ela seguia sua vida como se o marido não tivesse doente, comparecendo a jantares e reuniões entre amigos, enquanto Benjamin aprendera a não esperar mais pela ajuda da mulher. Algumas vezes ela o convidava para sair, quando ele se sentia disposto a acompanhava. Quando não, ficava só em casa.

Entre altos e baixos eles iam levando o casamento. O sexo já era praticamente inexistente, tanto pela condição de Benjamin, que ainda sentia dores terríveis na perna, como também pela falta de interesse da esposa.

Para seguir com seu tratamento ele contava com a ajuda principalmente de Dante, mas também de sua mais nova amiga, a enfermeira Amora. Não perdia mais seu tempo pedindo algo à Melissa.

Os efeitos adversos da quimioterapia já estavam menos presentes e Benjamin já tolerava

PERIGOSAS ACHERON

bem o tratamento que era bastante agressivo. Algumas vezes sentia-se muito dolorido, mas já sabia que era por causa das medicações. Após o término dos dois meses do primeiro ciclo do tratamento, ele sentia-se otimista que seu tumor diminuía de tamanho e que agora eles poderiam partir para a segunda fase da luta por sua vida: a extirpação do câncer.

A nova ressonância magnética foi marcada e após o resultado do exame ele compareceu ao consultório do oncologista que estava acompanhando seu caso. Melissa foi com ele.

Já no consultório, as mãos de Benjamin começaram a suar, sentia o coração palpitar e a boca ficou seca. O nervosismo tomava aos poucos, conta de seu organismo. Apesar de estar com o resultado do exame em mãos ele não tivera coragem de abrir e olhar o resultado. Esperaria que o médico o fizesse.

Dr. Eduardo entrou no consultório minutos depois e sentou-se em sua cadeira encarando o jovem casal.

— Bom te ver, Benjamin. — Sorriu afetuosamente e apertou com firmeza a mão de seu paciente. — Como passou esses dois meses na quimioterapia?

— Tempos difíceis, doutor, mas aqui estou, pronto para a próxima etapa. — Sorriu confiante.

O médico cumprimentou Melissa e recebeu das mãos trêmulas de seu paciente o exame de imagem e também os de sangue que havia realizado. Benjamin ficou encarando o médico, tentando captar qualquer sinal não verbal que o doutor pudesse fazer ao abrir o exame e verificar os resultados, não percebeu nada de anormal. Dr. Eduardo mantinha sua fisionomia impassível e dura.

Após alguns minutos lendo os laudos e

PERIGOSAS ACHERON

analisando as imagens impressas ele fechou o exame e fitou seu paciente nos olhos.

— Os exames de sangue mostram uma queda em sua imunidade, normal depois dessa bomba de medicamentos que lhe demos, teremos que esperar a normalização das taxas para realização da cirurgia. Nada com que se preocupar.

Uma respiração aliviada. Agora faltam os outros exames.

— Seus exames de imagem, entretanto, mostram algo que não esperávamos.

O coração pulou uma batida.

— Houve um aumento do tumor, Benjamin — continuou o médico. — A quimioterapia inicial não surtiu o efeito que desejávamos.

Melissa, que segurava sua mão, a soltou colocando as próprias mãos no rosto, tentando encobrir o susto que havia levado com a notícia. Benjamin permaneceu calado, tentando processar o

PERIGOSAS ACHERON

que tinha acabado de ouvir.

Dois meses onde, em vez de diminuir, o tumor crescera. E se houvesse se espalhado? E se o médico dissesse que não teriam mais o que fazer? E se sua sentença de morte fosse decretada ali e agora?

Benjamin começou a ter uma hiperventilação. Começou a balançar a cabeça de um lado para o outro em total negativa as palavras do médico.

— Não! — finalmente conseguiu falar. — Dois meses sentindo náuseas terríveis, dores excruciantes *pra* que simplesmente a medicação não surtisse efeito? Como isso pode acontecer?

Sentiu vontade de gritar com o médico, mas não teve forças para tal. A voz saía com dificuldade e sua próxima reação foi baixar a cabeça, encolher os ombros e calar-se frente a tais notícias.

— Tente ficar calmo, Benjamin. Escute o

PERIGOSAS ACHERON

que tenho a dizer.

Mas ele não conseguia.

Quanto tempo terei até o fim? Será que vai doer? Seu cérebro começou a lhe encher com mil perguntas.

Voltou a erguer a cabeça fitando o médico, mas ele não conseguia processar mais nada. A mente ficou inquieta, apavorada, desamparada. Não queria chorar. Não mais. Mas a umidade começou a tomar conta de seus olhos.

Percebendo o silêncio do seu paciente, o médico continuou a falar.

— O tumor cresceu, mas não é o fim. —
Tentou acalmar seu paciente. — *Me escute, Benjamin.*

Ele colocou as mãos no rosto, enxugou uma lágrima teimosa que caíra e balançou a cabeça positivamente. Iria escutar o que o médico teria a dizer.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como eu disse, o tumor aumentou a ponto de invadir artérias e veias, conseqüentemente não podemos mais retirá-lo da sua perna, por isso, Benjamin, precisamos conversar muito sério sobre o que faremos a partir de agora.

Foi aí que Benjamin desabou.

As lágrimas contidas banharam seu rosto e ele chorou como uma criança, deixou que o desespero o levasse para um lugar obscuro, habitado somente pela dor e pela morte. Tentava enxugar as lágrimas com as mãos, mas era em vão. Logo novas e grossas gotas daquele líquido salgado voltavam a aparecer, de forma contínua e teimosa.

Ele disse mesmo que não era o fim? Para Benjamina parecia o fim.

Melissa permanecia calada. Não olhava para o marido, muito menos para o médico. Apenas imaginava que seu pesadelo não havia chegado ao fim.

PERIGOSAS ACHERON

— Quais minhas opções, afinal? — A voz embargada saiu com dificuldade. — Eu... eu ainda tenho alguma opção?

— O fato da quimioterapia não ter surtido o efeito desejado foi apenas um... digamos... contratempo, Benjamin. Só vamos mudar a abordagem do seu tratamento.

Um suspiro aliviado emanou do peito do paciente. Por um breve segundo ele achou que o oncologista estava lhe dando o aviso final. A sentença que ele tanto temia.

— Como o tumor invadiu artérias e veias, não podemos retirá-lo, teremos que ser mais invasivos. Entenda. Tentamos ao máximo preservar o membro afetado, mas... Existem casos em que isso não é possível.

Benjamin tentava acompanhar o que o médico dizia, mas a angústia e o medo deixara sua mente enevoada e ele não conseguia pensar com

PERIGOSAS ACHERON

clareza.

— Pelo amor de Deus, vá direto ao ponto e pare com essa tortura, doutor. O que exatamente o senhor está querendo dizer? — Sua voz estava atormentada.

O olhar do médico pousou em seu paciente por alguns segundos, depois passou pelos olhos da esposa, que voltara a levantar a cabeça e prestar atenção ao que ele dizia, e voltou para o doente. Aquilo sempre era difícil.

— Precisamos amputar sua perna. — Não tinha um jeito mais fácil de falar aquilo. — A endoprótese que falamos anteriormente não é mais uma opção.

O silêncio pairou sobre o ambiente. O único barulho audível era dos carros passando na rua, as buzinas ocasionais dos mais apressados. O mundo lá fora estava alheio ao drama que se instalara naquele pequeno consultório.

Melissa começou a soluçar e sem dizer uma palavra, levantou da cadeira onde estava sentada e saiu do consultório.

Benjamin ficou estático. Se ainda restava algo do mundo em que ele vivera, acabara de ocorrer o desmoronamento total. A pouca confiança que ele tinha conseguido reunir desaparecera. Amputação? Iriam cortar sua perna fora?

— Não... deve ter outro jeito... — seu tom era de súplica. — Vocês não podem arrancar minha perna, tem de haver outro jeito.

— Infelizmente nessa situação não há outro jeito, ou amputamos sua perna ou o câncer irá se espalhar e — o médico suspirou —, é a melhor opção que podemos lhe dar.

— Estarei curado depois? — perguntou tentando achar algum fio de esperança.

— Iremos realizar uma nova bateria de exames a procura de metástases. Quando seu

PERIGOSAS ACHERON

organismo recuperar a imunidade, realizaremos a cirurgia e logo após a retirada dos pontos será necessária outra leva de quimioterapia, dessa vez por um tempo mais prolongado. De quatro a seis meses. Precisamos matar toda e qualquer célula que ainda reste em seu organismo para que ...

— Por que não arrancaram a perna logo no começo? — perguntou em um tom de crítica. — Teriam evitado dois meses de sofrimento para absolutamente nada.

Bufou recostando-se na cadeira visivelmente irritado e contrariado.

— Independente de qualquer coisa, a quimioterapia antes da cirurgia iria ser feita, Benjamin, mas eu entendo sua reação. — O médico continuou de forma serena. — Estávamos tentando evitar a amputação, não havia motivo para arrancar sua perna se poderíamos preservá-la. Se a *quimio* tivesse respondido, iríamos extirpar apenas o

tumor, mas infelizmente existem casos em que não temos o efeito esperado.

— E o que garante que dessa vez vai funcionar?

— Iremos mudar as drogas, e o tumor será removido...

— Junto com minha perna — interrompeu.

— Quando será realizada a maldita cirurgia?

— Em duas semanas, no máximo. Precisamos apenas que seu organismo e sua imunidade se reestabeleçam. Então operamos, e após dez ou quinze dias, logo após a retirada dos pontos reiniciamos a quimioterapia, ao mesmo tempo em que você começara a fazer a fisioterapia motora. Vamos preparar sua perna para uma prótese.

Prótese? Então sua vida tomaria esse rumo? Ele agora seria um deficiente físico? Nunca, em toda sua vida, Benjamin imaginou que algo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

parecido fosse acontecer com ele. Ninguém nunca imagina, na verdade.

Terminou a consulta pedindo desculpas ao médico pelo comportamento e saiu do consultório procurando pela esposa, mas Melissa não se encontrava mais no local. O seu ressentimento com ela só crescia dentro de si, entretanto, mantinha aquilo guardado a sete chaves, pois mesmo sabendo que não deveria, sentia-se responsável por tudo o que estava acontecendo na vida dos dois.

Quem adoeceu fui eu. Ela não deveria enfrentar tudo isso. Repetia para si toda vez que ela agia de forma egoísta e inconsequente.

Benjamin tentava justificar as ações de Melissa, mesmo que lá no fundo soubesse que nada justificava a frieza com que era tratado.

Retirou o celular do bolso e mandou mensagem para a primeira pessoa que veio em sua mente.

PERIGOSAS ACHERON

“Eles vão arrancar minha perna fora. Estou sem chão. Preciso de um ombro amigo.”

Antes mesmo de ter tempo de guardar o aparelho um bip alertou que sua mensagem fora respondida.

“*Me explique* isso direito. Onde você tá? Folga hoje. Posso ser seu ombro ;)”

Ele sorriu e digitou uma resposta rápida.

“Consultório Dr. Eduardo Sabóia, sabe o endereço? Te aguardo, ah, estou a pé. Abandonado de novo. Quero carona ^^”

“Abusado :) Passo aí em quinze minutos. Vou pensar sobre a carona. Bj :*”

Contrariando as expectativas, Benjamin não pensou mais nas palavras que o médico dissera, na esposa ou nos demônios que habitavam sua cabeça. Ele apenas aguardou, ansiosamente, o momento em que sua enfermeira favorita entrasse pela porta do consultório e o recebesse com um sorriso sincero e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um olhar doce e amendoado que só ela possuía.

PERIGOSAS ACHERON



|CAPÍTULO 8

“Tenho andado distraído,
impaciente e indeciso...”

[Renato Russo](#)

Chegaram ao café e depois que entraram no ambiente Benjamin indicou um local para sentarem. Fizeram o pedido e encararam-se por alguns segundos.

— Você ficou calado o caminho todo até aqui, vai me contar o que está acontecendo? — inquiriu Amora.

Benjamin narrou toda a conversa que tivera

com seu médico. Desde o resultado dos exames até a notícia que abalara suas estruturas, que teria de amputar a perna.

Ao contrário de Melissa, que tivera uma reação de negação, Amora segurou as mãos de Benjamin com firmeza e disse sem hesitação:

— É só uma perna, Benjamin, sua vida vale muito mais — disse com simplicidade.

Se fosse qualquer outra pessoa que lhe falasse aquilo a reação de Benjamin seria de raiva e revolta, mas as palavras saíram da boca de Amora com uma simplicidade e um pragmatismo tão surpreendente que a reação dele foi apenas a de concordar com ela.

É só uma perna. Obviamente que toda angústia que ele sentia não desaparecera, mas se fosse pensar com a simplicidade de Amora, sua vida valia muito mais do que um membro.

Sua mente começou a clarear e um raio de

PERIGOSAS ACHERON

esperança ameaçou surgir em meio às nuvens negras e pesadas do desespero que rodeavam sua cabeça.

— Hoje em dia a tecnologia está ao nosso alcance, meu bem. Rapidinho você começa uma reabilitação e logo, logo está de pé novamente, com uma superprótese e uma vida nova, sem câncer, sem dor...

— Sem perna... — As palavras escaparam de sua boca.

— Mas com saúde! — rebateu a enfermeira sem se abalar. — Tente ver o lado bom de tudo, em vez de se concentrar nas coisas ruins. Só assim você poderá sair vencedor dessa batalha.

— É fácil você falar quando sua saúde está em perfeito estado — falou amargurado.

— Não seja injusto. Eu vejo o sofrimento todos os dias. Perdi minha mãe para o câncer, meu pai por um infarto. A profissão que escolhi não é

PERIGOSAS ACHERON

fácil. Não é porque não estou doente que não posso me colocar no seu lugar. — Amora tentava entender como ele se sentia, mas Benjamin fechava as portas e no momento não estava permitindo que ninguém entrasse.

Ela colocou os cotovelos na mesa, inclinou-se para a frente e envolveu as mãos de Benjamin nas suas. Ela sentiu o calor de suas mãos e o coração deu uma batida em falso.

Sem perceber, Benjamin fechou os olhos e experimentou as mesmas sensações que Amora sentia. A maciez da sua pele quente o acalmava. Ele deu um meio sorriso e levou as mãos femininas aos lábios depositando um beijo delicado ao mesmo tempo em que fitava os olhos amendoados com ternura.

Amora baixou os olhos timidamente, visivelmente envergonhada.

— *Me desculpa.* Obrigado por estar aqui.

Por me escutar e principalmente por entender meus sentimentos — agradeceu sinceramente.

— Sem desculpas, é como você se sente. Não precisa se envergonhar disso. E tenho certeza que você vai ficar curado e vai superar todas as dificuldades e dar a volta por cima, eu acredito em você — disse com um sorriso nos lábios.

Foram interrompidos com a chegada do pedido e beberam o café em silêncio, apenas trocando olhares tímidos e carinhosos. Pagaram a conta e saíram no carro em direção à casa de Benjamin. O percurso foi feito em silêncio.

Benjamin queria dizer à Amora que adorava sua companhia, e que não conseguia explicar o que sentia quando estava ao seu lado. Amora queria revelar que seu coração palpitava cada vez que sentia o toque de Benjamin em sua pele, mesmo que acidentalmente ou devido a um aperto de mão.

Nenhum dos dois tinha a coragem de dar o

PERIGOSAS ACHERON

primeiro passo.

Já no destino final, parou o carro e encarou os olhos verdes do, até então, amigo.

— Chegamos — disse suavemente.

— Chegamos — repetiu Benjamin na tentativa de prolongar a sua permanência no carro.

Silêncio.

Apenas a respiração dos dois podia ser ouvida. Benjamin alternava seu olhar entre os olhos de Amora e sua boca pintada de um rosa claro. Os lábios eram cheios. Sua boca estava entreaberta e ela percebera seu olhar sedento. Ela ficou um pouco mais ofegante e sem perceber mordeu o lábio inferior. Foi fatal para Benjamin.

Ele envolveu o pescoço de Amora com uma das mãos enquanto com a outra soltava seu cinto de segurança e logo depois o dela, deixando-o livre para puxá-la para si. Sua língua invadiu a boca da enfermeira em um beijo quente e harmônico.

Quanto mais sentia o gosto de Amora na sua, mais Benjamin sugava com avidez a língua da enfermeira.

A mulher sentia seu corpo esquentar a ponto de brasa. A cada investida de Benjamin, era como se um choque percorresse todo seu corpo, amolecendo-o e deixando-a incapaz de reagir. Ela perdera o total controle sobre si e seus desejos. Borboletas começaram uma dança sensual em seu estômago refletindo em seu baixo ventre, com um pulsar um tanto gostoso e uma umidade antes inexistente.

Quando finalmente as bocas se afastaram, o tórax de Amora subia e descia em uma respiração rápida, arfante e descompassada. Ficaram com as frentes encostadas uma na outra, tentando recuperar o fôlego e quem sabe um pouco do juízo antes ignorado.

— Você... é.... casado... — Entre uma
PERIGOSAS ACHERON

respiração e outra, a enfermeira constatou um fato dolorosamente verdadeiro. — Eu nós... não podemos...

— Está difícil resistir a você — Benjamin confessou acariciando seu rosto com os dedos.

Amora afastou-se dos braços dele e o fitou com tristeza. Seu coração também sabia que estava sendo extremamente difícil resistir aos encantos do rapaz, mas ele era casado e aquilo era completamente errado. Benjamin era seu paciente, ele estava fragilizado por causa de uma doença grave e certamente o que pensava sentir por ela era somente ilusão.

Ilusão por causa dos problemas no seu casamento. Por causa do enfrentamento de sua mortalidade. Da constatação que perderia a perna. Seu emocional estava abalado. O que ele sentia por ela era apenas mais um sintoma da doença.

Amora se recompôs, colocou novamente o

PERIGOSAS ACHERON

cinto de segurança e olhou para Benjamin com uma dor no olhar e um desejo que precisava suprimir.

— É melhor você ir. Logo sua esposa chega — frisou a palavra esposa como se precisasse falar em voz alta, como se precisasse se convencer que aquele homem extremamente atraente, que estava dentro de seu carro era casado. E ele realmente era. Se convencer de quê? Ela soltou o ar dos pulmões de forma pesarosa.

— Amora...

— Até mais, Benjamin — ela ligou o carro anunciando o fim da conversa.

— Eu não vou esquecer isso — ele falou apontando para ele e ela.

Deus, como ela também não queria esquecer. Um aperto se formou no peito da enfermeira. Sentir-se atraída por um paciente? Isso nunca acontecera. Era... errado... antiético... inadmissível. Como ela deixara as coisas chegarem

até aquele ponto?

— Por favor, Benjamin. Eu preciso ir — suplicou com a voz rouca e quase inaudível.

— Eu saio — ele disse sério —, mas isso aqui não é o fim.

Pegou as muletas e saiu do carro fechando a porta atrás de si. Mal olhou para trás e Amora já havia arrancado com o carro.

Benjamin inspirou fundo e passou a língua entre os lábios, tentando sentir algum resquício daquele beijo. Na boca a sensação havia desaparecido, mas seu baixo ventre indicava que ela estava bem viva em seu corpo. Entre suas pernas, Benjamin sentia um pulsar antes prazeroso, mas agora um pouco incômodo e sorriu ao perceber sua ereção.

Fazia tempo que ele não tinha uma. Chegou a ponto de se perguntar se os medicamentos afetariam sua capacidade sexual. Pelo visto não.

Sorriu novamente e mesmo sabendo que depois ficaria com uma dor cansada em sua virilha, aquilo não o incomodou nenhum pouco.

Entrou em casa com um sorriso bobo no rosto. Quando ergueu a cabeça o riso morreu ao deparar-se com a esposa.

— Vão arrancar sua perna e você está rindo? — alfinetou.

— Vão arrancar minha perna e eu vou continuar vivo — rebateu.

— Você precisa procurar outra opinião, Benjamin. Não confio nesses médicos, nesse hospital, como você garante que eles estavam te medicando da forma correta?

Benjamin não estava com paciência para discussões. Amaldiçoara a esposa por acabar com seu bom humor e por varrer da mente o que tivera com Amora instantes antes.

— Em vez de pensar só no que é ruim,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Melissa, você poderia ao menos tentar me apoiar, de vez em quando.

— Você é muito ingrato, sabia? — começou a gritar com o marido. — Estou sustentando essa casa sozinha! Não tenho mais tempo para meus amigos, minha vida virou de cabeça *pra baixo*...

— Sua vida? Olha pra mim, Melissa! — gritou o mais alto que pôde. — Eu tenho câncer, caralho! Eu... — A raiva era tão grande que ele não conseguia pensar direito. — Meu corpo está sendo castigado com medicações fortíssimas, a porra da minha perna continua quebrada e você não tem ideia da dor que sinto. Eu preciso destas duas muletas — balançou os objetos na frente da esposa o que quase o fez perder o equilíbrio —, para caminhar. Vão arrancar a PORCARIA da minha perna podre e você acha que sua vida virou de cabeça *pra baixo*? — Começou um riso sarcástico.

PERIGOSAS ACHERON

Melissa encarava o marido estática. Benjamin passara esses meses tão entregue a doença que se acostumara com sua falta de reação às suas provocações. Assustou-se com a atitude que ele tivera agora. Não sabia o que responder. Benjamin conseguira lhe desarmar.

Com o rosto fechado, expressão de quem estava sentindo um mal cheiro e lágrimas nos olhos, subiu as escadas pisando os pés.

Benjamin não estava orgulhoso de si, mas sentia-se extremamente satisfeito. Colocara para fora toda mágoa que acumulara durante aqueles dois meses. Não deixaria mais Melissa tratá-lo daquela forma.

Pensou em Amora. Pensou em Melissa. A culpa o atingiu.

Que merda você tá fazendo, cara?

Jogou-se no sofá deixando as muletas caírem no chão e arrependendo-se amargamente de

PERIGOSAS ACHERON

sua ação.

A perna quebrada e imobilizada deu uma leve inclinada quando ele deitou-se de modo brusco o que foi suficiente para causar uma dor lancinante.

Ele soltou um grito de dor que não conseguiu conter. A vista escureceu, o suor frio surgiu em sua tez. A respiração acelerou e Benjamin colocou a mão fechada na boca e a mordeu tentando sufocar outro grito.

Melissa desceu correndo as escadas para socorrer o marido. Testemunhando a cena correu até a pia da cozinha, molhou um pano com água e correu para colocar na testa de Benjamin. Não sabia se isso ajudaria, mas não custava tentar.

— O que houve, meu amor? — seu tom de preocupação era verdadeiro.

— Eu... machuquei... — ele estava ofegante — a perna — conseguiu terminar a frase.

Ela correu para seu quarto onde buscou os

PERIGOSAS ACHERON

frascos de comprimidos que ele tomava.

— Qual deles? — perguntou apontando para os medicamentos.

Benjamin apontou e fez sinal com a mão para que ela lhe desse dois. Ele os tomou e fechou os olhos esperando que a dor melhorasse. Melissa beijou os lábios do marido de forma doce, puxou uma cadeira e sentou ao lado dele até que melhorasse.

O coração de Benjamin esquentou quando ela segurou sua mão e ficou lhe fazendo carinho na cabeça com a mão livre.

Será só uma fase? Será que vou ter minha Melissa de volta?, pensava enquanto mantinha os olhos fechados e relaxava à medida que a dor ia diminuindo.

Amora.

Melissa.

O que eu vou fazer?

Foi o último pensamento que teve antes de adormecer.



|CAPÍTULO 9

“Nada é permanente, exceto a mudança.”

[Heráclito](#)

As semanas seguintes passaram vagarosamente. Foram quase vinte dias de pura tortura. Com o fim da quimioterapia Benjamin não tinha mais motivo para frequentar a clínica e Amora rejeitava suas ligações e não respondia as mensagens.

Desde o beijo roubado ela o evitava, não porque o sentimento por Benjamin não fosse verdadeiro, mas exatamente o contrário. Ela temia

não resistir aos encantos do rapaz, e se via cada vez mais atraída por ele.

Após as primeiras ligações rejeitadas, por fim ele acabou desistindo. Pelo menos por enquanto. Por mais que necessitasse falar com Amora, explicar seus sentimentos, ele sabia que o eu fizera não foi correto.

Depois do episódio do sofá o relacionamento com Melissa, por incrível que pareça melhorou. Ela estava mais paciente, acessível e mesmo com toda dificuldade devido a imobilização da perna, eles fizeram sexo em algumas ocasiões. Ela estava voltando a ser a mulher com quem ele se casara.

O sentimento de ambiguidade o consumia.

Ele amava Melissa, ela era sua esposa, sua companheira há anos, mas Amora despertava nele uma chama há tempos adormecida.

Desde a descoberta da doença que percebia

que Melissa não o enxergava da mesma forma. Em vez do homem com quem casara, tudo o que ela visualizava à sua frente era uma pessoa doente, condenada à morte por uma doença lenta e cruel. Pelo menos até pouco tempo atrás.

Já Amora conseguira resgatar nele algo que havia sido perdido. A sensação de que ainda poderia ser visto, ser reparado, ser desejado. Benjamin não se resumia apenas a uma doença. Ele não percebia nela um olhar de pena. Amora enxergava além da doença, enxergava um homem que estava lutando por sua vida na batalha mais difícil que tivera de enfrentar. Ela orgulhava-se de sua força e de sua determinação.

Duas mulheres que olhavam para um mesmo homem e que tinham perspectivas completamente diferentes sobre ele.

O que fazer? Como agir?

Enquanto a dúvida e os questionamentos o

consumiam o dia da cirurgia havia chegado. Após os exames pré-operatórios realizados, evidenciou-se que tudo estava bem e que o procedimento poderia ser realizado.

— Seus exames estão ótimos. — O médico deu as boas notícias quando Benjamin fora ao seu consultório para a consulta pré-operatória. — Sem sinal de metástases. Isso é uma notícia excelente. Vamos marcar sua cirurgia o mais rápido possível.

Apesar das primeiras boas notícias, em um longo período de tempo, o nervosismo o consumia. Sentia-se culpado, pois por mais que tivesse sido orientado por psicólogos e terapeutas a compartilhar seus sentimentos, medos e angústias com familiares e pessoas próximas, ainda não se sentia no direito de preocupar os amigos.

Os pais, que viviam no exterior não imaginavam que o filho estivesse passando por uma doença tão séria. Nas ligações Benjamin sempre

PERIGOSAS ACHERON

mentia, dizendo que sua vida não podia estar melhor ao lado da esposa. Melissa sempre insistia para que ele dissesse a verdade, mas sem sucesso.

Benjamin vivia em constante contato com Dante, mas ao informar que a cirurgia seria realizada, omitira a informação de que além do tumor, sua perna também seria amputada. Da mesma forma que fora difícil falar sobre o câncer, enfrentar essa segunda prova também não estava sendo nada fácil.

A verdade era que Benjamin não tinha a mínima ideia de como falar isso para Dante, nem para os pais, nem para si mesmo. Não passava pela sua cabeça ir para uma sala de centro cirúrgico e acordar sem um dos membros.

Por mais que todos os dias repetisse para si as palavras de Amora, que aquilo era só uma perna e que sua vida era mais importante, se desgarrar de algo que o acompanhara durante 33 anos não era

tão simples assim. Quando o dia da cirurgia chegou ele deu entrada para internamento acompanhado de Melissa. Acomodaram-se no quarto e logo Benjamin estava com os trajes hospitalares aguardando a chamada para sala de cirurgia.

— Obrigado por estar aqui comigo — falou para Benjamin enquanto a esposa digitava algo no celular.

— Vou ficar até a hora que levarem você — respondeu sem tirar os olhos do aparelho. — Depois preciso ir resolver algumas coisas na loja, mas volto antes de terminar sua cirurgia.

Por mais que o relacionamento deles estivesse melhorado, não estava 100% sólido. Melissa ainda tinha atitudes que o entristeciam. Essa era uma delas, ele não queria ficar sozinho nesse momento.

— Promete que volta? — murmurou em uma súplica. — Eu... eu preciso de você.

Antes que ela pudesse responder, Dr. Eduardo entrou no quarto e cumprimentou seu paciente.

— Como está, Benjamin? — perguntou enquanto tirava uma espécie de caneta do bolso. — Preciso fazer algumas marcações na sua perna, ok?

Benjamin assentiu.

— Iremos fazer a amputação um pouco acima do seu joelho, de modo que consigamos retirar o tumor de forma completa com uma boa margem para evitar assim, que você tenha uma recidiva.

O paciente manteve-se calado. Sem esperar resposta o médico realizou as marcações na perna, agora sem tala, o que fez com que ele virasse o rosto para o outro lado. Ele não queria ver onde iria ser cortado. Esticou o braço em direção à esposa para que ela segurasse sua mão, mas foi ignorado.

Melissa permanecia afastada e olhava

PERIGOSAS ACHERON

horrorizada para a cena que se seguia.

— Pronto — disse o médico terminando a marcação e olhando para a perna direita de seu paciente tentando identificar se algo fora esquecido.

— Vão me levar agora? — A ansiedade lhe consumia.

— Sim, já está tudo pronto na sala. Vai dar tudo certo. Após a cirurgia iremos esperar a retirada dos pontos e recomeçaremos um novo ciclo de quimioterapia — falou confiante.

— E depois? — perguntou esperançoso.

— Depois a cura, Benjamin — disse o médico em um tom firme e apertando o ombro de seu paciente. — Depois a cura.

Dr. Eduardo saiu do quarto deixando Benjamin um pouco mais tranquilo e confiante.

Quando chegaram para levá-lo ao centro cirúrgico ele foi acomodado em uma maca. Melissa apenas olhou enquanto levavam o marido para fora

do quarto.

— Eu te amo! — ele murmurou para ela que finalmente saíra da inércia e levantou da cadeira onde estava e aproximou-se de Benjamin.

Inclinando-se sobre ele, beijou-o na face e passou a mão por sua cabeça ainda lisa devido ao tratamento que fora submetido.

— Você vai ficar bem.

À medida em que ia sendo levado pelos corredores do hospital, tudo o que ele conseguia pensar era em como sua vida seria daqui para a frente.

Olhou para o teto e as luzes brancas passavam conforme a maca era empurrada o levando para um mundo cheio de dúvidas e incertezas.

Lembrou do que Amora lhe dissera: é só uma perna, Benjamin.

Fechou os olhos e deixou que esse
PERIGOSAS ACHERON

pensamento lhe embalasse e tranquilizasse sua mente tão inquieta e amedrontada.

A sala do centro cirúrgico era fria e seus olhos doíam tamanha a claridade do local. O posicionaram em uma espécie de maca, localizada bem no meio da sala, abriram os dois braços dele onde, em um deles puncionaram um acesso venoso para realização da anestesia e sedação e no outro colocaram os aparelhos que iriam monitorizá-lo durante o procedimento.

— Bom dia, Benjamin, sou o Dr. Bruno e sou o anestesista que irá te acompanhar. Vou administrar uma medicação que irá te deixar um pouco tonto, e logo em seguida aplicarei outro medicamento que irá te apagar, ok? — o médico falava enquanto Benjamin observava-o manusear

várias seringas.

Ele assentiu sentindo as mãos frias e molhadas de suor. Benjamin começou a sentir a cabeça um pouco tonta e pesada e virou para olhar o braço por onde as medicações estavam sendo administradas.

— Depois que você estiver dormindo iremos colocar um tubo na sua garganta para você respirar melhor durante a cirurgia, mas não se preocupe que assim que o procedimento acabar iremos retirá-lo, ok? — Ele mal escutava as palavras do médico, percebeu que um líquido esbranquiçado corria lentamente pelo cateter periférico, entrando na sua corrente sanguínea. Imediatamente o mundo girou, as pálpebras foram ficando pesadas.

A partir daí ele não enxergou mais nada. Os olhos fecharam-se e ele caiu na inconsciência.

— Tudo pronto, ele já está apagado — disse

o anestesista após entubar Benjamin e garantir que ele não sentiria absolutamente nada durante a cirurgia.

— Então vamos começar — falou o Dr. Eduardo enquanto fazia os procedimentos de limpeza do sítio cirúrgico e pegava seu bisturi para iniciar à cirurgia que mudaria, para sempre, a vida de Benjamin.

Tudo o que Benjamin lembrou ao acordar foi de ouvir os bips das máquinas e um sono avassalador que o dominava. Lembrava vagamente de acordar e sentir um objeto ser retirado de sua garganta, mas não sabia realmente se isso tinha acontecido. Era tudo muito nebuloso. Abriu os olhos, olhou ao redor tentando decifrar e descobrir onde ele estava, mas a visão estava turva e as

PERIGOSAS ACHERON

pálpebras pareciam pesar toneladas. Entregou-se à sonolência e logo estava dormindo novamente.

Novos bips começaram a ser ouvidos. Sentia algo em sua perna direita latejar, fez uma expressão de dor, mas os olhos permaneciam fechados. Alguém se aproximou e começou a mexer em seu braço esquerdo, poucos instantes depois a dor começou a amenizar. Alguém lhe aplicara uma medicação. O corpo foi relaxando. Dormiu.

Acordou! Abriu os olhos e a visão aos poucos foi entrando em foco. Mexeu a cabeça e conseguiu visualizar um balcão onde vários funcionários vestidos de verde mexiam em computadores, outros faziam anotações em papéis. Olhou para frente e percebeu que estava em uma grande sala, com várias macas dispostas lado a lado, onde pacientes dormiam, outros estavam com tubos na garganta, enquanto alguns, assim como PERIGOSAS ACHERON

ele, olhavam para o ambiente ao redor admirados e ao mesmo tempo assustados.

— Que bom que já está bem acordado. — Um funcionário vestido de verde aproximou-se dele enquanto apertava em um botão localizado no monitor que ficava logo acima de sua cabeça. Imediatamente, uma espécie de braçadeira colocada em seu braço direito começou a inflar até fechar a circulação de todo seu braço que começou a doer e formigar.

Ele fez uma expressão de dor.

— Eu sei que é incômodo, mas logo passa. Se estiver tudo bem com seus sinais vitais logo o médico te libera *pro* quarto. Você está na sala de recuperação. *Me chamo* Ismael e sou técnico de enfermagem. Sua cirurgia correu bem. — O funcionário olhava para a tela do monitor ao mesmo tempo em que anotava algo em uma prancheta.

Sua cirurgia havia corrido bem.

Imediatamente ele olhou para a perna direita, mas seu corpo estava envolto em cobertores grossos e ele não visualizou nada.

— Está com dor?

Balançou a cabeça em negativa. O funcionário deu um sorriso simpático e afastou-se do paciente.

Agradeceu em silêncio pelos cobertores. Será que ele queria ver? Não sentia nada de diferente. Será que a perna ainda estava lá?

Não... não queria ver.

Encostou a cabeça na cama onde estava deitado e tentou dormir novamente, mas não estava mais sonolento e os bips que partiam dos monitores da Sala de Recuperação faziam uma sinfonia insuportável. Queria sair dali.

Após a alta da Sala de Recuperação Anestésica, onde fora encaminhado imediatamente após a cirurgia, Benjamin foi realocado a seu quarto, mas em nenhum momento olhou novamente para sua perna. Não queria ver, pelo menos os cobertores ajudavam a esconder seu status pós-cirúrgico: um homem amputado.

Quando o acomodaram em sua cama percebeu que estava sozinho. Buscou o celular que ficara em um criado mudo ao lado de seu leito e quando ligou a tela assustou-se com o horário. Já eram mais de dezoito horas. Isso significava que ele tinha passado quase dez horas entre o início de sua cirurgia e aquele momento. A bateria do celular estava quase no fim, mas conseguiu ligar para a esposa.

— Onde você está? — perguntou amargurado.

— Você estava demorando muito, fiquei cansada, Benjamin. Estou em casa, amanhã eu...

— Eu preciso de você aqui, hoje — suplicou.

— Não seja egoísta. Você vai me fazer dirigir à noite por que não consegue dormir sozinho? Cadê o Dante? Chama ele...

— Não quero o Dante aqui! Quero minha esposa! Melissa — respirou fundo —, eu... eu passei por uma cirurgia séria, preciso do seu apoio, eu... vem *pra cá*... por favor.

A linha ficou muda por alguns segundos e Benjamin só conseguia ouvir a respiração pesada e o silvo de Melissa. A situação já estava ficando insustentável. Era mais do que clara o desconforto que ela sentia em tudo relacionado à doença do esposo.

Sentia-se completamente humilhado quando a mulher se comportava daquela forma, mas a sua

PERIGOSAS ACHERON

situação não o deixava com muitas alternativas.

— Boa noite, Benjamin, amanhã estou por aí. — Desligou o telefone não dando a chance de o marido responder.

Ele ficou olhando para a tela do celular por vários minutos, ainda incrédulo sobre o que Melissa havia feito. Uma raiva começou a invadi-lo e sem pensar, arremessou o celular que se chocou contra a parede espatifando-se. Olhou para o próprio corpo, deitado na cama, ainda protegido pelas grossas cobertas. Com uma das mãos agarrou o cobertor, mas não teve coragem de puxá-lo. Colocou as duas mãos na cabeça e trincou os dentes forçando-se a não chorar.

Foi interrompido quando uma enfermeira entrou em seu leito. Ela usava uma roupa branca, uma prancheta na mão e um sorriso no rosto que deixou Benjamin irritado.

— Boa noite, senhor. *Me chamo* Raquel e
PERIGOSAS ACHERON

sou a enfermeira responsável pelo plantão noturno e vim saber como está se sentindo — disse cordialmente.

Minha perna foi cortada, como você acha que me sinto?

— Está tudo bem — respondeu sem ânimo.

— Posso dar uma olhada se está tudo bem com a cirurgia?

Ele foi pego de surpresa com a pergunta. Ele não queria ver. Imaginou então, que seria de praxe a inspeção do local operado e concordou. Enquanto ela removia a cobertura Benjamin virou a cabeça para o lado e fechou os olhos. Não estava preparado.

— Tudo parece bem, não há nenhum sangramento visível. Amanhã renovaremos o curativo. Está sentindo dor? — Ela cobriu o local novamente com a cobertura o que fez Benjamin abrir os olhos e a encarar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está latejando um pouco. Preciso também de algum medicamento *pra* dormir. Eu... por favor... só quero dormir. — Seu olhar estava cansado.

— É normal essa sensação de latejar, vamos administrar algo para aliviar esse desconforto, mas caso a dor aumente você nos avisa. Onde está o seu acompanhante? — Ela olhou o ambiente, mas obviamente, não havia ninguém ali além dela e de seu paciente. A enfermeira pousou os olhos no celular quebrado, mas não comentou nada.

— Estou sozinho — disse sem querer prolongar o assunto.

— Qualquer coisa que precisar você pode nos chamar por meio dessa campainha. — Apontou para um fio que saía da parede e terminava em um botão vermelho.

Isso aí parece mais um detonador de uma bomba, pensou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi deixado sozinho e pensou em chamar Dante. O amigo com certeza não iria pensar duas vezes em lhe fazer companhia, mas lembrou que espatifara o celular na parede. Pensou também em Amora. Sentiu saudades e seu coração apertou. Por que reagia assim quando lembrava dela?

A perna latejava, mas era uma dor diferente daquela que estava acostumado a sentir. Aquela dor significava algo. Que seu câncer já não estava mais encravado em seu corpo. Havia sido extirpado. Ele ainda precisava passar por uma segunda fase de quimioterapia, mas não existia mais nenhum tumor lhe matando aos poucos.

Com esse pensamento relaxou e após as medicações ele conseguiu cair em um sono sem inquietações.

PERIGOSAS ACHERON



|CAPÍTULO 10

“A paixão e o amor não exigem a humilhação, exigem respeito e cumplicidade.”

[Jeocaz Lee-Meddi](#)

Benjamin acordou com uma vontade incontrolável de urinar. O banheiro ficava do lado oposto da sua cama. Olhou para os lados à procura de suas muletas, mas elas jaziam encostadas ao lado da porta do banheiro.

Merda!

Lembrou da campainha e apertou-a de forma forte tamanha era a urgência que tinha de ir

PERIGOSAS ACHERON

ao banheiro.

“Posto de Enfermagem.” Uma voz soou de uma pequeno alto-falante que ficava embutido na parede.

— Preciso ir ao banheiro, estou sozinho, não consigo andar, rápido, por favor.

“Já estamos indo.”

Benjamin ficou parado com medo de que, caso se mexesse, a bexiga acabasse estourando dentro de si. O tempo foi passando e ninguém apareceu. Após vinte minutos de pura tortura ele ainda não tinha sido atendido.

Apertou novamente a campainha.

“Posto de Enfermagem.”

— Preciso de alguém aqui com urgência. Estou sozinho, preciso ir ao banheiro... eu... não consigo andar. — A dor na bexiga já era insuportável, ele não sabia quanto tempo mais conseguiria segurar.

“Estamos com uma urgência, senhor, mas iremos o mais rápido possível.”

Merda! Pensou jogando o botão da campainha que ficou balançando de um lado para o outro pendurado na parede.

Ele teria que fazer aquilo sozinho. Respirando fundo, Benjamin tomou coragem e removeu o cobertor que cobria seu corpo. Olhou para as pernas. Pelo menos para uma delas. No local onde deveria estar sua perna direita havia apenas o vazio. Um curativo cobria toda coxa e região que havia sido cortada.

Sentiu-se estranho. O choque inicial foi interrompido por sua bexiga que gritava para ser esvaziada. Com dificuldade sentou na cama e colocou os pés no chão.

O pé no chão.

Será que conseguiria ir sozinho até o banheiro? Lembrou-se então da queda que levara

PERIGOSAS ACHERON

quando ainda tinha as duas pernas e desistiu da tentativa. Tentou alcançar o fio da campainha que agora estava imóvel, pendurado na parede, mas estava fora do seu alcance.

Merda. Merda. Merda! Agora só restava esperar.

Foram necessários mais trinta minutos para que alguém finalmente aparecesse em seu leito. Benjamin fitava o chão e quando ouviu a porta se abrir levantou o olhar preparado para xingar quem quer que tivesse entrado no quarto.

— Melissa? — A raiva deu lugar a surpresa.

— Eu disse que viria pela man... — Ela parou quando olhou para o marido.

Benjamin estava sentado com uma perna para fora da cama, o membro amputado protegido por um curativo. Ela não conseguira segurar. O choque no rosto de Melissa era visível.

Seu olhar pousara na perna amputada de
PERIGOSAS ACHERON

Benjamin.

— *Me ajuda* a ir ao banheiro, pelo amor de Deus — implorou sem saber como aguentara tanto tempo.

Mas Melissa não se movia. Encarava sem piscar o local amputado.

— Melissa! — ele aumentou o tom de voz.

— Eu... o que fizeram com você? — Sua expressão era de horror.

— Como assim, Melissa? Vem aqui e me ajuda a ir ao banheiro.

— Eu... eu não consigo, Benjamin — falou dando um passo para trás, em direção à porta.

— Como assim não consegue? Pega minhas muletas que eu vou sozinho, só preciso que você me apoie até o banheiro, não sei se consigo me equilibrar com uma perna só. *Me ajuda*, eu preciso...

— Não! Eu.... — Ela começou a gaguejar

não tirando os olhos da perna ausente do esposo.
— Sua perna... eu... eu não me casei com você *pra* passar por isso... eles... eu não consigo Benjamin... Eu preciso ir...

Dando mais um passo para trás, Melissa tateou a maçaneta da porta e a abriu. Olhando uma última vez para o local da cirurgia e dando um breve relance nos olhos de Benjamin, deixou o quarto.

— Não! — Benjamin gritou levantando-se por reflexo, mas perdeu o equilíbrio e caiu no chão.

Era tarde demais. Melissa já deixara o local. Benjamin sentiu as lágrimas molharem seu rosto, ao mesmo tempo em que sentia a urina quente lhe manchar as vestes e a dignidade.

A alta de Benjamin foi realizada três dias
PERIGOSAS ACHERON

depois da cirurgia. A liberação foi adiada depois de sua queda, ocorrida na manhã seguinte ao procedimento. O médico estava satisfeito com a recuperação do seu paciente e decidiu liberá-lo para recuperação em casa. Mesmo sabendo que ainda teria de enfrentar longas sessões de fisioterapia para readaptação e possibilidade da colocação de prótese, ele já conseguira após o início da fisioterapia, se movimentar sem tanta dificuldade utilizando suas muletas. A ausência da perna dificultava, e muito, a caminhada utilizando as duas companheiras.

Melissa não visitou mais o marido no hospital e Benjamin permanecera sem comunicação por causa do celular quebrado. Percebendo que ela não apareceria pediu um táxi e foi para casa.

Por mais doloroso que fosse tentava entender a reação da esposa. Ele ficara tão chocado quanto ela quando viu sua perna, e caso pudesse,

PERIGOSAS ACHERON

também preferia dar as costas e se afastar daquela visão, mas isso não era possível. Ele estava decidido. Iria ter uma conversa com Melissa. Faria de tudo para retomar o relacionamento com a esposa, nem que fosse necessário apelar para terapia. Talvez seria isso que os dois precisasse, terapia em casal.

Chegando em casa sentiu-se bem. Estava em seu lar. Cansado e com a perna doendo, sentou-se no sofá da sala e resolveu esperar a chegada da esposa. Levantou com dificuldade, foi até a cozinha onde bebeu um pouco de água juntamente com um comprimido para dor.

Foi quando percebeu aquele papel em cima do balcão da cozinha.

“Querido Benjamin,

Não é fácil escrever estas palavras, mas digo que as escrevo com dor no coração. Quando casei com você, esperava uma vida repleta de

felicidades e de companheirismo. E eu realmente tive esses dias ao seu lado. Pelo menos até o seu diagnóstico. Tentei lutar ao seu lado, mas você é tão mais forte que eu, meu amor.

Confesso que eu sou frágil. Até covarde, talvez.

Eu confesso, mas eu não consigo testemunhar o homem que amo... Que amei, se transformar em uma pessoa completamente diferente.

Onde está o Benjamin que eu conheci? Por quem me apaixonei? Onde está aquele homem que me recebeu no cartório, no dia de nosso casamento? Não consigo mais enxergá-lo em você.

Tudo o que eu já te fiz ou te falei é reflexo do meu medo. Tenho medo de te perder. Na verdade, eu acho que já te perdi. Nunca terei meu Benjamin de volta.

Me perdoa por te dizer isso por meio desta

carta.

Me perdoa por ser covarde, mas eu não consigo mais.

Estou na casa dos meus pais. Não me procura. Não tenta contato.

Eu preciso colocar a cabeça no lugar. Você precisa se concentrar no seu tratamento.

Seja forte. Sobreviva!

Te dei meu coração.

Te amei com todas as minhas forças.

Hoje, desejo que você supere todas essas dificuldades que está enfrentando.

De uma pessoa que já foi sua,

Melissa”

Benjamin releu aquela carta dezenas de vezes sem acreditar no que estava lendo. Ela estava abandonando-o? Fizera isso por meio de uma carta? Não. Aquilo não poderia estar acontecendo.

Amassou a carta com toda força e jogou a

bolinha de papel longe. Lágrimas brotando em seus olhos. Ele as enxugou com força. Não queria chorar. Não mais.

Ele fora abandonado. O que estava acontecendo em sua vida? Como em pouco mais de dois meses, tudo mudara tão drasticamente?

Ele era um homem bem-sucedido, casado com uma mulher maravilhosa e agora se resumia em uma pessoa doente, deformada e solitária. A sensação de desamparo o atingiu. A esposa era culpada por deixá-lo? Ou a culpa era somente sua? Por ter adoecido, por ter aceitado a cirurgia?

Arrastou-se até o sofá e sentou-se. Olhou para a perna ausente. Não conseguiu mais segurar.

Chorou.

Morrer teria sido tão mais fácil.

Lembrou de Dante. Em como sentia raiva do amigo quando ele estava em seus momentos depressivos, ou querendo desistir da vida. Agora

PERIGOSAS NACIONAIS

ele estava agindo da mesma forma.

Mesmo sem querer, Dante havia lhe ensinado tantas coisas. Eram doenças completamente diferentes, mas que manifestam sentimentos tão similares: raiva, dor, angústia e um dos mais perigosos e traiçoeiros, o desespero.

A vontade de desistir bateu forte no peito de Benjamin. Queria acabar com tudo. Não tinha mais forças para resistir. Um vazio havia se formado em seu peito e naquele momento, nada parecia capaz de preenchê-lo.

Pegou as muletas e com dificuldade chegou ao topo da escada, o suor banhava seu rosto, a dor na perna estava insuportável.

Já arrancaram essa merda! Por que dói tanto? Praguejou em silêncio.

Com o resto das forças que ainda tinha caminhou até seu quarto.

Vazio.

PERIGOSAS ACHERON

Olhou para os guarda-roupas. Escancarados. O local onde repousavam as roupas da esposa estava vazio. No banheiro, apenas uma escova de dentes. Não havia qualquer sinal de que alguém, além de Benjamin utilizava o local.

Retirou a cartela de analgésicos e tomou mais dois.

E se eu fizesse igual a Dante?

Olhou para os comprimidos, mas desistiu.

Covarde! Xingou-se mentalmente.

Deitou-se na cama de casal e finalmente surgiu um sinal de que a esposa era real. O cheiro doce de seu perfume ainda residia nos lençóis. Seu travesseiro ainda emanava a fragância feminina que invadiu as narinas de Benjamin e novas lágrimas brotaram de seus olhos.

Abraçado ao que restava da lembrança de Melissa, chorou de forma convulsiva.

Foi interrompido apenas pelo telefone

localizado no criado mudo, que começara a tocar fazendo-o sobressaltar-se.

Atendeu a chamada imediatamente.

— Melissa, por favor, vamos ...

— Ben? — A voz masculina de Dante soou do outro lado da linha. — Graças a Deus! Por que está me evitando? O que está acontecendo, cara? Por que a porra do celular está desligado? Você... você tá chorando?

Benjamin não estava com forças ou vontade de entrar em uma discussão, muito menos se explicar. Sem responder ao amigo, desligou a ligação para logo depois retirar o telefone do gancho.

Envolveu-se nas cobertas e com o efeito dos analgésicos que havia tomado, adormeceu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Acordou com um barulho incessante de algo batendo à porta do seu quarto.

— Abre essa porta ou eu derrubo! — Dante gritava enquanto dava murros fortes na porta de madeira.

— *Tá* aberta, seu burro! — Benjamin disse irritado enquanto sentava-se na cama.

Como diabos ele entrou na minha casa?
Merda, Dante!

Dante irrompeu no quarto e antes de iniciar os xingamentos ao amigo estancou ao olhar para o coto de Benjamin, protegido apenas com curativos.

Dante abriu a boca, mas não disse nada tamanha era a surpresa. Passou as mãos nos cabelos nervosamente e continuou encarando Benjamin, ora nos olhos, ora na perna direita.

— Onde diabos está sua perna?

Como sempre, Dante era incapaz de filtrar as palavras que saíam de sua cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

— Foi passear, mas logo volta — ironizou Benjamin. — O que você acha, Dante? — vociferou.

— Vai se foder, Benjamin. Foi por isso que sumiu? Por que não queria contar que iriam ...? — hesitou. — Porra, cara, sou seu amigo! Eu... eu achei que confiasse em mim. — O tom amargurado com que Dante falava era claramente notável.

Benjamin sentiu-se culpado, mas extremamente agradecido. Da mesma forma que ele próprio já fora ao auxílio de Dante nas mais diversas situações, perceber a recíproca era gratificante. Ele não estava sozinho nessa.

— Eu confio, Dante. *Me desculpa...* não está sendo fácil, o câncer aumentou e, ou eles cortavam a perna ou... Eu estou com medo, Dante... não sei se me importo com a porcaria dessa perna, mas... — Benjamin gaguejava, mas queria colocar para fora tudo o que estava preso. — Melissa me

PERIGOSAS NACIONAIS

abandonou...

— Ela o quê? — Dante aproximou-se e sentou ao lado do amigo.

— Não me faça repetir, Dante.

— Vadia... — sussurrou.

— Dante! — repreendeu.

— Mas é o que ela é!

— Melissa está passando por um momento difícil, ela...

— Não me venha com essa, Benjamin! Ela está passando por um momento difícil? — Dante levantou da cama gargalhando ironicamente. — Você está passando por um momento difícil! — frisou bem.

Benjamin baixou a cabeça envergonhado. Ele sabia o que Melissa havia feito, mas algo dentro dele queria encontrar alguma justificativa. Era como se com isso, a dor do abandono se tornasse mais amena.

PERIGOSAS ACHERON

Era somente ilusão, mas a mente de Benjamin não pensava com clareza. Tudo o que ele queria era que a mágoa passasse.

— Não fala assim dela. — A voz de Benjamin era baixa, quase um sussurro.

Dante começou a andar de um lado para o outro, extremamente irritado. Então parou, tirou o celular do bolso e começou a ligar para alguém. Enquanto tentava equilibrar o celular entre o rosto e o ombro dirigiu-se ao guarda-roupas do amigo e começou a jogar algumas peças no chão.

— O que você pensa que...

— Pequena? — Dante começou a falar fazendo sinal para que o amigo se calasse. — Benjamin vai passar alguns dias conosco... não, a vadia da Melissa não vai... amor... amor... Deixa eu falar, Angel! Chegar em casa explico... também te amo...

Desligou.

Benjamin fitava o amigo de forma desafiadora. A expressão no seu rosto era dura e impassível.

— Vai embora daqui, Dante — vociferou.
— Não vou permitir que você fale assim da minha mulher.

A raiva o consumia, mas incrivelmente estava direcionada à Melissa e não a Dante, mas naquele momento ele era a única pessoa presente no local. Consequentemente, seria a vítima da ira de Benjamin.

Dante ignorou o amigo. Estava à procura de alguma mala onde pudesse colocar as roupas jogadas no chão. Estava irritado pela atitude de Melissa e mais irritado ainda pela persistência de Benjamin em defendê-la.

— Vai embora! — repetiu gritando, o que fez Dante virar e encará-lo.

Os olhos de Benjamin transbordavam
PERIGOSAS ACHERON

mágoa, raiva e desespero. Ele estava mal-humorado e completamente exausto daquela situação.

— Não vou embora! — Dante fincou os pés no chão, cruzou os braços na altura do peito e enfrentou Benjamin mantendo os olhos fixos nos dele. — Está com raiva de mim? Ótimo. Eu não ligo. Mas você vai comigo *pra* casa, por bem ou por mal.

— VAI EMBORA DA MINHA CASA, DANTE! — Benjamin perdeu o controle, os olhos agora estavam molhados e cheios de rancor.

Dante não se moveu. Ele já passara por aquilo, mas os papéis estavam trocados. Ele já agira exatamente daquela forma com Benjamin. E o amigo manteve-se firme e ficou ao seu lado para ajudá-lo. Ele iria fazer o mesmo.

— Se quer me bater, não tem problema, pode bater — disse de forma tranquila —, mas você quer que eu me aproxime ou vai vir até aqui

PERIGOSAS ACHERON

pulando?

— Vai à merda! — Emburrou a cara, mas deixou escapar um leve sorriso pelo canto da boca. — Não quero atrapalhar sua rotina, eu...

— Você não vai passar por isso sozinho — decretou Dante. — Eu e Angel teremos o prazer de tê-lo lá em casa.

Benjamin baixou os olhos.

— Obrigado — disse timidamente.

Ele não estava sozinho. Pegou as muletas e levantou da cama.

— Joga tudo isso dentro de um saco, porque a Melissa levou todas as malas.

Quando Benjamin ficou de pé parado ao lado da cama, Dante ficou olhando para ele. A boca abriu, mas logo voltou a fechar.

— Pergunta logo, Dante, o que você quer saber?

— Não é nada. — Desviou o olhar e pegou

as roupas do chão.

— Desembucha!

— É que... — Coçou a cabeça com uma mão enquanto equilibrava as roupas com a outra.

— O que eles fizeram com... você sabe. — Apontou para a perna agora ausente de Benjamin.

Ele riu com a pergunta.

— Enterraram em um cemitério. — Fitou o amigo esperando sua reação.

— Tipo... — Dante escolhia as palavras cuidadosamente com medo de deixar Benjamin desconcertado. — Tipo... um velório?

— Exato... Você precisava ver a comoção que foi. Tinha vela, várias coroas de flores ornamentando o caixão. Acho que nem no meu enterro vai ter tanta homenagem.

Dante estreitou os olhos e encarou Benjamin que falava de forma séria. Percebendo a ironia velada na resposta de seu amigo soltou uma

PERIGOSAS ACHERON

gargalhada.

— Vai à merda!

— Sua cara foi impagável — respondeu Benjamin. — Mas, sim. Eles realmente enterram a perna e ainda tem um atestado de óbito, acredita?

Dante analisou Benjamin à procura de algum sinal de sarcasmo em sua resposta. Percebeu que, dessa vez, ele não mentia.

— Esquisito — comentou.

— Esquisito mesmo — concordou Benjamin.

Ambos se olharam e então caíram na gargalhada.

— Vamos logo *pra* sua casa. Estou faminto e com saudade dos dotes culinários da sua esposa.

Dante mostrou o dedo do meio a Benjamin e sorriu.

— Só uma coisa, Ben. Precisamos trocar a fechadura da sua casa.

— Por quê? — perguntou surpreso.

— Tive que arrombar a porta *pra* entrar aqui.

Nos primeiros dias após Melissa ter lhe deixado ele tentara contato, mas sem êxito. Benjamin estava inconsolável. Com o passar dos dias a mágoa transformou-se em raiva e ele chegou ao ponto de evitar citar o nome da mulher, mas o sentimento amargo crescia um pouco a cada dia, se ele não colocasse aquilo para fora era capaz de explodir.

Ainda sentia falta da esposa. A raiva o dominava, pois não queria ter saudades, mas não podia evitar. Aquilo o deixava transtornado. Olhou para a mão esquerda onde a aliança repousava em seu dedo. Tirá-la seria reconhecer que o casamento

PERIGOSAS ACHERON

terminara.

Pegou as muletas e dirigiu-se à sala de estar onde Angel serviria a comida. Apesar de não estar com fome acompanhou os amigos. Angel colocara as crianças para dormir. Os três estavam sentados à mesa, o casal comia, mas Benjamin apenas olhava para o seu prato, brincava com as almôndegas que já estavam frias.

Ele não aguentava mais. Precisava desabafar ou iria enlouquecer.

— Como ela teve coragem de fazer isso comigo? — Benjamin disse fazendo Dante e Angel erguerem os olhos e encararem o olhar magoado do amigo. — Como ela pôde fazer isso?

Levantou da mesa de jantar e foi até a cozinha onde se serviu de um copo de água. Girava a aliança de forma nervosa no dedo.

— Por que ela fez isso comigo? Por quê?

Ele repetia à pergunta, esperando que os

PERIGOSAS ACHERON

dois amigos respondessem seus questionamentos. Mas Angel e Dante estavam surpresos com o desabafo repentino de Benjamin. Eles ficaram, literalmente, sem palavras. Percebendo o silêncio do casal ele continuou.

— Angel não abandonou você quando você estava doente, ela ficou ao seu lado... Por que Melissa não fez o mesmo? — Os olhos verdes estavam banhados em lágrimas que teimavam em não cair. — Ela não honrou a porcaria da promessa que fez! Na saúde e na doença! Na saúde e na PORCARIA da doença! — Tirou a aliança do dedo e jogou furiosamente no lixo.

— Calma, Ben — Angel tentou consolar.

— Você não abandonou ele — repetiu apontando para Dante.

— Tecnicamente ela me abandonou.... E você ajudou... — Angel deu um tapa no ombro do marido. — Ai, por que me bateu? — Dante alisava

PERIGOSAS ACHERON

o ombro que ficara dolorido.

— Não escuta ele, Ben. — Aconselhou Angel. — São situações diferentes e não sei os motivos que a levaram a fazer isso, e também não podemos responder sua pergunta. Mas estamos aqui *pra* te apoiar em tudo. Mesmo meu marido falando asneiras a cada cinco minutos.

Dante fez uma careta para Angel o que fez com que Benjamin desse um sorriso tímido.

— E se você abrir a boca *pra* falar mais alguma besteira, Dante, aí sim, é capaz de eu te abandonar — disse ríspida para o marido.

— Duvido! — Dante falou de forma convencida.

Outro tapa.

— Ai! Para de me bater, mulher! — Alisou o ombro que acabara de levar um tapa mais forte.

Benjamin sentiu-se melhor assistindo a cena. Ele estava entre amigos. Após o jantar ele

PERIGOSAS ACHERON

fora para a cama com o coração um pouco mais leve.

Dante acordou ouvindo um barulho estranho vindo da cozinha de sua casa. Olhou para o lado, mas Angel dormia tranquilamente. Levantou com cuidado para não acordar a esposa. Foi até o quarto dos filhos checar se eles estavam bem. Os dois dormiam em seus respectivos quartos.

O aposento onde Benjamin dormia estava com as portas abertas. Checou o quarto e estava vazio. Desceu as escadas ainda sonolento e percebeu a luz da cozinha acesa.

Ao aproximar-se Benjamin estava sentado no chão, as muletas ao lado do corpo. Ele estava remexendo no lixo.

— O que você está fazendo, cara?

PERIGOSAS NACIONAIS

Benjamin olhou para cima onde Dante estava parado, olhando-o de forma assustada. Os olhos dele estavam injetados de desespero.

— Onde está? — perguntou. — Não estou achando — choramingou.

— Não está achando o quê?

— A aliança! Eu não estou achando... eu preciso... quando a Melissa voltar... o que ela vai dizer quando me ver sem aliança? Eu... onde está?

Benjamin estava fora de si. O choro escorria livre por seu rosto. Dante ajoelhou-se ao lado do amigo e tocou em seu ombro fazendo-o parar.

— Você vai ficar bem. Eu e Angel iremos te ajudar — falou suavemente.

Foi quando tudo o que estava acumulado no peito de Benjamin extravasou em forma de lágrimas. Dante apenas sentou ao lado do amigo e ali ficaram até que Benjamin colocasse para fora toda dor que estava sentindo.

PERIGOSAS ACHERON

Naquele momento não era necessário nada ser dito. Dante deixou que Benjamin chorasse até que a exaustão lhe consumisse. Ficou apenas ao seu lado, fazendo-se presente e deixando bem claro ao amigo que ele não precisaria passar por nada daquilo sozinho.

Quando o dia amanheceu, Angel encontrou os dois amigos adormecidos no chão da cozinha, o lixo espalhado pelo chão. Orgulhou-se do marido e compadeceu-se por Benjamin.

Ele ainda teria um longo caminho a percorrer, mas se dependesse dela e de Dante, ele teria todo apoio possível e necessário para sua cura.



|CAPÍTULO 11

“A amizade duplica
as alegrias e divide
as tristezas.”

[Francis Bacon](#)

Dez dias depois da cirurgia o ferimento cicatrizava divinamente e os pontos puderam ser retirados. Ele ainda estava hospedado na casa de Dante, o que estava sendo um alívio para ele, já que podia contar com a ajuda dos amigos. Ele ainda estava de adaptando a vida sem uma das pernas. Em breve, uma nova fase do eu tratamento iria começar.

Estava confiante.

Certa noite, porém, Benjamin acordara sentindo uma dor insuportável na perna direita. Tateou o local para fazer uma massagem a fim de melhorar o que sentia, mas não havia nada.

Mas que porra está acontecendo?

Sentou-se na cama, o relógio de cabeceira marcava 4h32. Acendeu o abajur que repousava no criado mudo e começou a massagear sua coxa direita, pouco acima do coto já cicatrizado.

Agora sem a presença de curativos, Benjamin olhava para o local da cirurgia, massageando a coxa insistentemente tentando amenizar o desconforto. A dor estava localizada abaixo da cicatriz, em um local onde deveria existir uma perna.

Será o câncer voltando?, pensou assustado.

Ele não tinha a mínima ideia do que estava acontecendo. Como poderia sentir dor em um

PERIGOSAS ACHERON

membro que já havia sido amputado? A cada físgada que a perna dava, a angústia em seu peito crescia. Pensou em chamar por Dante, mas não queria acordar Angel e as crianças.

Dante tinha dois filhos, um menino de seis anos de idade e uma menina de pouco mais de um ano. Desde o incidente com Melissa, ele havia se mudado para a casa do casal a fim de passar alguns dias.

Apesar do orgulho ferido, ele não podia recusar a ajuda. Em breve a segunda etapa da quimioterapia iria se reiniciar e Benjamin não tinha ideia de como iria enfrentar as sessões sem o apoio de Dante e Angel.

As sessões de fisioterapia para preparar a perna para a colocação de uma prótese para que ele pudesse voltar a andar já haviam se iniciado, mas aquela dor inesperada o deixara extremamente aflito.

Além das sessões fisioterápicas ele também estava em uma terapia intensiva com psicólogos para enfrentar melhor o processo de perda do membro e enfrentamento, tanto da mudança da aparência física como da própria doença que lhe causara essa deficiência.

Com os pontos cirúrgicos retirados e a ferida operatória praticamente cicatrizada, era hora de reiniciar o segundo ciclo de quimioterapia, que duraria alguns meses.

Mas aquela dor ameaçava sua confiança que havia melhorado consideravelmente.

Outra fígada.

A vontade que tinha era de gritar, mas se fizesse isso acordaria a casa inteira. Com dificuldade devido a dor, sentou-se na cama e olhou para a perna. Colocou a mão no local da cirurgia e estremeceu. Toda vez que precisava tocar no coto sentia uma repulsa e um arrepio.

Coto.

Ainda achava estranho chamar o que restara da sua perna de coto. Tentou localizar a dor, mas sabia que ela estava mais abaixo.

Como é possível?

Pegou as muletas e caminhou até o banheiro. Acendeu a lâmpada e fechou os olhos protegendo-se da claridade. Quando se acostumou com a luz olhou-se no espelho. O rosto estava pálido e suado. A dor era visível em sua face.

Os analgésicos que o acompanhavam estavam ao lado da pia. Tomou um comprimido na esperança que a dor amenizasse. Jogou água no rosto e apoiou as mãos na bancada do banheiro.

Mais uma fígada.

Benjamin recostou-se na parede que estava gelada e sentiu o corpo tremer. Foi deslizando e sentou-se no chão, fechando os olhos e desejando que a dor passasse. Com a mão ficou massageando

a coxa e a cicatriz cirúrgica, tentando achar o ponto exato onde doía. Mas era impossível.

Um barulho dentro do seu quarto o fez virar o rosto em direção à escuridão que tomava conta do aposento. Visualizou uma sombra que foi aproximando-se de onde ele estava.

— Dante? — perguntou surpreso.

— Oi, tio Ben. — O pequeno Dante, filho de seu amigo estava parado na porta do banheiro. — O que faz sentado aí? O chão é frio, você pode ficar doente. Minha mãe sempre me diz *pra* não pisar no chão frio.

Benjamin sorriu. O pequeno Dante era a miniatura de seu pai.

— O que você está fazendo acordado, rapazinho? — perguntou Benjamin em meio a uma careta.

Mais uma fígada.

— Tive um pesadelo. Eu ia tentar dormir

com papai.

—Tentar? — Conversar com o pequeno Dante o ajudava a pensar em outra coisa além da dor.

— Sim! — disse balançando a cabecinha para cima e para baixo. — Papai *deixa eu* deitar com eles, mas mamãe diz que já sou rapazinho, que tenho que dormir no meu quarto. Você também estava tendo pesadelo?

— Mais ou menos — respondeu Benjamin.

Dante percebeu que o tio não parava de passar a mão na coxa direita e seus olhos azuis não paravam de encarar o coto de Benjamin.

— Está doendo — disse Benjamin adivinhando que o pequeno Dante estava curioso.

O filho de Dante tinha os mesmos olhos azuis que ele, entretanto, tinha os cabelos de um tom acobreado, um pouco mais escuros que o da mãe, que eram de um ruivo vivo. Benjamin

PERIGOSAS NACIONAIS

percebeu que o pequeno queria perguntar algo, mas a timidez não permitia.

— O que foi, Dante?

— Mamãe disse *pra* eu não perguntar — falou com a cabecinha baixa.

— Prometo que não conto a ela que você me perguntou — disse para o afilhado, piscando um olho.

— Como é andar com uma perna só?

Benjamin sorriu. Tal pai, tal filho.

— Não consigo andar sem ajuda disso aqui.

— Apontou para as muletas.

A resposta pareceu convencer o pequeno Dante, mas ele não se moveu e continuou olhando para a perna de Benjamin.

— *Tá* doendo muito? — Apontou o dedinho para o coto.

Benjamin assentiu.

— Mas já está passando.

PERIGOSAS ACHERON

Ele não estava mentindo. A conversa inusitada com o filho de Dante, de certa forma o ajudara. O medicamento começara a fazer efeito e o pequeno Dante distraíra a mente de Benjamin daquela dor infernal.

— Posso dormir aqui com você, tio Ben?

— Claro! — falou levantando-se do chão.

— Eu te ajudo com seu pesadelo, como você me ajudou com minha dor.

— O garoto já me trocou por você? — Dante entrou no quarto de Benjamin acordando o amigo. O pequeno Dante dormia ao lado do tio.

— Ele teve um pesadelo — justificou Benjamin. — Eu estava acordado na hora em que ele despertou, ele acabou vindo até meu quarto.

Benjamin não queria falar para Dante sobre
PERIGOSAS ACHERON

a dor que sentira.

— Traidor! — Dante disse aproximando-se de onde o filho dormia beijando-lhe a cabeça. — Bom dia, dorminhoco.

A criança abriu os olhos e sorriu para o pai. Esticou os braços de forma preguiçosa. Benjamin passou a mão na sua cabeça bagunçando seus cabelos.

— Sua perna parou de doer, tio Ben?

— Você vai se atrasar para escola, campeão — desconversou Benjamin. — Anda, sua mãe já, já te procura.

O menino saiu emburrado do quarto enquanto Dante apenas olhava para Benjamin, já sabendo que o amigo lhe escondia algo.

— O que você está olhando? — Benjamin sentou-se na cama esticando a mão para pegar as muletas que repousavam ao lado, mas Dante foi mais rápido e afastou o suporte que o amigo
PERIGOSAS ACHERON

utilizava para andar.

— O que você *tá* fazendo? *Me dá* isso, Dante — brigou.

— O que você está me escondendo? — Seu tom era acusador.

— Não estou escondendo nada! — Defendeu-se Benjamin. — Agora me dá isso! — Esticou a mão tentando alcançar as muletas, que já estavam fora do seu alcance.

— Eu te conheço! O que você está me escondendo? — repetiu Dante afastando ainda mais as muletas.

Benjamin bufou! Quando Dante queria, ele podia ser teimoso a ponto de enlouquecer qualquer um. Entregando os pontos, contou a Dante sobre a dor que sentira na noite anterior.

— Que bizarro! — declarou Dante. — Como você pode sentir dor em uma coisa que não existe mais?

Benjamin deu de ombros.

— Vou perguntar ao meu médico. Agora, me dá a porcaria da muleta.

Enquanto Angel preparava o café da manhã para o início do dia, e Dante organizava algumas telas no seu ateliê, Benjamin aprontava-se para o primeiro dia de quimioterapia após sua cirurgia de amputação da perna.

Ele ainda estava assustado pelo acontecido em seu quarto e o medo do desconhecido o deixou irritado. O mau humor então apareceu. Muitas vezes sentia-se sufocado e com vontade de simplesmente desaparecer, eram tantas coisas acontecendo. Muitas vezes desejava ficar sozinho, em sua casa, sem ter que dar satisfação para os amigos, mas sabia que tanto Dante quanto Angel

estavam preocupados com seu bem-estar e só queriam ajudar.

Tentou afastar o mau humor e pensou em Amora.

Fazia tanto tempo que não se viam.

O beijo que deram ainda estava vivo em sua memória. A perspectiva de reencontrá-la na clínica oncológica lhe deixara com uma ansiedade juvenil. Como ela reagiria ao vê-lo daquela forma?

A vontade de vê-la era imensa, entretanto, temia que ela tivesse uma reação negativa ao vê-lo sem uma perna. Não queria enxergar nos olhos dela, o mesmo olhar de repulsa que Melissa direcionara a ele.

O nervosismo começou a tomar conta de si.

Sua autoestima já fora abalada devido à cirurgia e piorara consideravelmente após o episódio com Melissa. Apesar de sempre ter sido um homem extremamente atraente estava

completamente inseguro de si. A autoconfiança estava abalada. Será que ele seria capaz de ser amado novamente?

Quando Dante o deixou na clínica ele ficou alguns minutos olhando para a porta antes de entrar no ambiente. Percorreu os corredores que levavam até a sala de medicação onde a quimioterapia era administrada.

Já no local varreu os olhos e visualizou a mesma rotina de sempre. Pacientes sentados nas poltronas, uns com lenços na cabeça, outros com bonés, alguns exibiam suas carecas sem se incomodar com possíveis olhares.

Benjamin, como sempre, usava uma touca *oversized* preta, que protegia sua cabeça e lhe dava um ar despojado.

Quando olhou para o balcão do posto de enfermagem a viu.

Lá estava ela, com a touca hospitalar nos

PERIGOSAS ACHERON

cabelos, roupa branca e os olhos fixos em vários papéis. Timidamente, caminhou até uma das poltronas vazias, mas antes de chegar ao seu destino Amora o viu.

O olhar dela imediatamente pousou sobre sua perna amputada. Benjamin usava uma bermuda, o que deixava à mostra o coto, que estava protegido apenas por uma meia de compressão que ele utilizava para melhorar, tanto a circulação local como a cicatrização.

Ele ficou estático, olhando fixamente para a enfermeira. Ela aproximou-se até ficar a menos de um passo de distância. Ele engoliu em seco.

Foi então que Amora puxou Benjamin para si, dando-lhe um abraço caloroso e apertado.

— Senti sua falta — ela disse enquanto envolvia Benjamin em seus braços.

Uma onda de alívio invadiu Benjamin. Ele ouvira o que tanto precisava. Amora sentia sua

PERIGOSAS ACHERON

falta. Deixando uma das muletas cair no chão, a abraçou com o braço que estava livre, sentindo todo peso do mundo deixar os seus ombros.

Aquela voz, aquele cheiro, aquela presença. Amora despertava em Benjamin um sentimento de superação. Ela acreditava nele, em sua força e em seu potencial para vencer sua doença.

— Também senti sua falta — sussurrou no ouvido da enfermeira fazendo-a estremecer.

Benjamin afastou-se e seu rosto ficou a apenas alguns centímetros da face corada de Amora. Ele podia sentir o hálito quente da morena. Um odor mentolado emanava de sua boca. Ele a olhou nos olhos e sorriu. Ela sorriu de volta.

Foi então que o olhar dele pousou na boca de Amora. Ela, involuntariamente, mordeu o lábio em uma provocação inconsciente. Ele inspirou fundo, abriu levemente os lábios e engoliu em seco. Sua boca ansiava pelo beijo da enfermeira.

Percebendo as intenções de seu paciente ela deu um passo para trás levemente desconcertada.

— Vamos começar a segunda etapa do seu tratamento, e logo você estará curado — ela disse confiante girando os calcanhares e se afastando daquela tentação.

O sorriso de Benjamin morreu quando a bela morena se afastou.

Ele a queria perto de si, mas ela estava certa. Uma nova etapa se iniciara. Ele precisaria manter o foco em seu tratamento. Buscar a cura e reiniciar sua vida que, com certeza, seria repleta de novos desafios.

Ele fora abandonado pela esposa e não era momento para iniciar um novo relacionamento. Benjamin não conseguia identificar muito bem o que sentia por Amora, mas precisava reprimir o que quer que fosse. O foco seria sua cura.

Olhou para o chão e abaixou-se com

PERIGOSAS ACHERON

dificuldade tentando alcançar a muleta que havia caído. Uma enfermeira que passava parou para ajudá-lo, mas foi interrompida pela voz de Amora:

— Deixa que ele consegue pegar sozinho.

— Eu só quero ajudar. — A enfermeira ignorou Amora e abaixou-se para pegar a muleta.

— Ele não precisa de ajuda. Ele derrubou a muleta, deixa que ele pega. Ele não é incapaz! — Amora falou com a voz mais autoritária deixando a enfermeira sem graça.

— *Me desculpa* — ela disse levantando-se, sem pegar a muleta.

Benjamin ficou olhando para a cena e irritou-se com Amora.

Abaixou-se com dificuldade tentando se equilibrar com uma perna só, apoiando uma mão na muleta que ainda estava com ele e com a outra mão, tentando alcançar o objeto caído no chão.

Levou quase dois minutos para fazer algo

que poderiam ter feito por ele. Quando finalmente ficou em pé, com suor brotando no rosto e ofegante, Amora o encarava satisfeita.

Ele a olhou sério, mas não disse nada. A irritação tomara conta de si novamente.

Ela estava zombando dele?

Sentou-se na poltrona e algumas pessoas conhecidas o cumprimentaram.

Nada mudou por aqui, pensou.

Minutos depois, Amora aproximou-se com a bandeja contendo o material já preparado para punção do seu cateter de quimioterapia bem como os medicamentos para náuseas e o próprio quimioterápico.

— Você já sabe como funciona. Vou puncionar seu cateter e depois iremos fazer a medicação para náuseas, ok?

Benjamin manteve-se calado. Estava chateado com a atitude de Amora. Apesar de ter

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

notado o comportamento do paciente ela não questionou sua atitude. Iniciou os procedimentos e instalou a medicação.

Durante toda sessão ele manteve-se calado, com os olhos fechados e extremamente chateado com a enfermeira. Como o medicamento para enjoos o deixava sonolento, acabou adormecendo.

Quando acordou já estavam retirando sua medicação.

Não era Amora.

— Onde está a enfermeira Amora? — perguntou olhando para os lados à procura de sua enfermeira predileta.

— Já foi embora, senhor. Está precisando de algo?

Ele balançou a cabeça em negativa.

Merda!

O reencontro com Amora não fora como o esperado.

PERIGOSAS ACHERON

Que bosta de vida!, lamentou-se.

No caminho de casa, preferiu o silêncio. Dante percebeu o estado do amigo e respeitou seu espaço. Decidiu que precisava ter uma conversa com Amora. Ele estava confuso. Não entendera o motivo de sua atitude.

Outra coisa o deixava inquieto.

O que diabos estava sentindo pela bela enfermeira? A atração era notável, mas... Seria carência? Melissa o abandonara, mas Amora despertava esse sentimento em Benjamin antes da separação. Então...

O que diabos estava acontecendo com ele?

Passou o restante do dia deitado em sua cama, imerso em dúvidas e questionamentos.

Adormeceu.

Acordou mais uma vez sentindo aquela dor incômoda no joelho direito.

Mas... que joelho? Ele tinha sido amputado.

Como poderia doer? Colocou as duas mãos no rosto e abafou um rosnado cheio de frustração. Não sentia medo. Apenas raiva. Raiva do desconhecido.

Mas que merda está acontecendo com meu corpo?



|CAPÍTULO 12

“Se queremos progredir, não devemos repetir a história, mas fazer uma história nova.”

[Mahatma Gandhi](#)

Três dias depois retornara para nova sessão de quimioterapia. Seriam exaustivos cinco meses de tratamento. Como Melissa não ajudava mais com as compras da casa, Benjamin teve que recorrer as suas economias. Mas suas contas indicavam que ele conseguiria se manter sem

problema nenhum utilizando o dinheiro que havia guardado.

Uma preocupação a menos.

Os efeitos adversos do tratamento ainda não haviam aparecido. Eram drogas diferentes e ele estava sendo bombardeado com antieméticos e hidratação intensa. Ele sentia apenas um gosto metálico na boca, o que fazia com que odiasse os horários de alimentação. Estava praticamente sendo forçado a comer.

Sentando em sua poltrona para início da rotina que já estava acostumado procurou por Amora.

— Ela ainda não chegou — a enfermeira que instalava a medicação observou com um sorriso nos lábios.

Ele ficou envergonhado. Seria tão óbvio assim?

— Será que ela demora?

A profissional sorriu. Ela já tinha aproximadamente cinquenta anos e pelo visto admirava jovens apaixonados.

— Acredito que não — respondeu em meio a um sorriso. — E antes que eu me esqueça, vocês formam um belo casal.

Antes que Benjamin pudesse dizer algo ela se afastou deixando-o sem graça, envergonhado e completamente feliz.

Um belo casal. Repetia as palavras da enfermeira simpática.

O sorriso bobo fugiu de seus lábios, a cabeça estava baixa e ele pensava no sabor do beijo de Amora.

— Posso saber o motivo desse sorriso?

Benjamin sobressaltou-se quando ergueu os olhos e encontrou o motivo de sua felicidade parado à sua frente.

“Vocês formam um belo casal.”

— Estava pensando em uma pessoa —
falou sem tirar os olhos dela.

Muito inteligente, ela percebeu seu tom de voz e sentiu as bochechas esquentarem.

— Em quem? — perguntou maliciosa.

— Você — respondeu ainda com o sorriso nos lábios. Os olhos verdes encaravam os amendoados.

Como ele pode ser tão lindo?, pensou a enfermeira.

Ela baixou os olhos. Será que as pessoas ao redor estavam percebendo a interação entre os dois?

— Preciso ir preparar as medicações dos outros pacientes. — Ela desconversou e afastou-se.

Benjamin a seguiu com o olhar. O que ele estava fazendo? Não podia flertar com Amora, muito menos pensar em ter algum tipo de relacionamento com ela. Eles eram amigos.

Somente isso.

A bomba que infundia sua medicação começou a apitar. Quando ela chegou para trocar uma de suas medicações que havia terminado ele não pensou duas vezes e falou:

— Um café? Quando terminar seu turno? — Ele segurou a mão dela antes que ela pudesse se afastar.

Amora olhou para a mão de Benjamin encostada na sua. Sua pele estava fria. A bomba ainda apitava insistentemente.

— Você está bem? — disse colocando a mão na testa de seu paciente. — Você está gelado, Benjamin. Caminhou até o balcão onde tirou um aparelho de verificar pressão arterial e aferiu o sinal vital — 120/80 mmHg. Está normal.

— É a medicação — ele respondeu irritado. Não queria que Amora o enxergasse como alguém doente. — Fico assim quando estou enjoado, mas PERIGOSAS ACHERON

estou bem. Melhor você checar esse aparelho que não para de apitar. Esse barulho está me enlouquecendo.

Benjamin estava frustrado. Observou Amora se afastar. De vez em quando ela olhava em sua direção, para certificar-se de que ele estava bem.

Ele não queria ser cuidado. Ele queria cuidar. Aquilo já estava deixando-o sem paciência. Quando Amora resolveu o problema do equipamento e trocou a medicação de um outro paciente que a chamara, reaproximou-se de Benjamin, que a fitava com a feição séria.

— Que cara é essa?

— Não sou frágil, Amora. Não precisa ficar toda *preocupadinha* comigo, como se eu fosse quebrar ao meio — cuspiu o que estava preso na sua garganta.

Ela abriu a boca para falar, mas logo

fechou.

— Tudo bem. — Cruzou os braços e encarou Benjamin. — Caso você venha a ter alguma hipotensão devido ao coquetel de drogas que está fazendo, deixo você desmaiar. *Tá bom assim?*

Benjamin a encarava sem graça.

— Eu não sou de porcelana, Amora.

— E quem disse que você era?

Benjamin ficou calado.

— Responde. — Ela continuava com os braços cruzados e olhando para ele.

Ele não disse nada. No fundo sabia que ela estava certa. Amora estava apenas fazendo o seu trabalho.

— Desculpa — disse num fio de voz.

— O café ainda está de pé? — Ela agora sorria.

— Claro! — Ele devolveu o sorriso.

Após dispensar a carona de Dante, Amora e Benjamin saíram à procura de algum local onde pudessem tomar um café e conversar. Chegando, procuraram uma mesa para sentar.

Benjamin percebia os olhares das pessoas sempre que ele andava em público. Mesmo acostumado com a cena aquilo sempre o incomodava.

Sentaram e ele fez um gesto em direção ao funcionário do café que aproximou-se com um bloco de anotações nas mãos.

— Um café e um pedaço de bolo — disse Amora para o rapaz.

— Eu quero uma salada de frutas, por favor — Benjamin falou.

— Nada de salada! — ela disse fazendo PERIGOSAS ACHERON

Benjamin olhá-la com surpresa. — Nada de comida crua, principalmente fora de casa. E não adianta ficar com raiva — falou antes que ele pudesse protestar, ele apenas revirou os olhos.

— O mesmo que ela — disse derrotado.

— Ótimo — falou satisfeita.

— Você é sempre mandona assim ou só quando sai com seus pacientes?

— Para seu governo, eu nunca saí com nenhum paciente, muito menos beijei. — Baixou os olhos envergonhada.

Benjamin tomou as mãos de Amora e as beijou. Ela ergueu os olhos e o encarou. Um sentimento bom brotava em seu peito. Estava realmente gostando de Amora. Mais do que poderia supor.

Foco Benjamin.

— Você me faz bem. — A voz de Benjamin saiu rouca e cheia de verdade.

Ela fixou os olhos nos seus. O coração acelerou. As palavras pareceram fugir de sua boca. Sentia o mesmo que ele, mas... Ele era casado. Não podia se deixar envolver com um homem comprometido. Por que aceitou tomar esse café, afinal?

Puxou as mãos desfazendo o contato pele a pele.

— Você é casado, Benjamin. — A voz era um sussurro.

Essas palavras doíam em Amora, principalmente quando eram ditas em voz altas.

A lembrança de Melissa amargou a alma de Benjamin. A saudade não existia mais. Agora só a repulsa permanecia. A raiva reinava.

— Ela me deixou, Amora — falou com a voz carregada de rancor. — E quer saber? Foi a melhor coisa que me aconteceu. Agora posso me concentrar somente em meu tratamento, sem ter

aquela... — hesitou. — Sem que Melissa jogue na minha cara que eu estou atrapalhando a vida dela e que minha doença é um estorvo — desabafou.

— Sinto muito por sua separação — ela mentiu.

— É tudo muito difícil e confuso *pra mim* — falou sincero. — Quando Melissa me deixou eu nunca achei que pudesse voltar a ser feliz, mas... superei... estou tentando me reerguer — ele falava de forma pausada.

Amora estava com o coração eufórico. Benjamin não estava mais com a esposa. Isso significava que não estava alimentando esperanças vãs, mas ao mesmo tempo... Era muito complicado a situação em que ele se encontrava. E ela não estava pensando na sua doença, mas na sua situação de recém-separado.

Não sabia se ele ainda amava a esposa, nem até onde ele gostava dela. A atração era inegável.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas e o sentimento? Eles haviam se beijado apenas uma vez e passaram mais de duas semanas sem se falar.

Ela decidiu deixar o tempo resolver a situação.

Conversaram sobre os acontecimentos recentes, Benjamin falou sobre Dante e a esposa e o apoio que estava recebendo deles.

— E seus pais? — ela perguntou curiosa.

— Não contei nada a eles — confessou sem graça.

— Você não deveria esconder uma coisa dessas — ela disse sem julgamentos.

— Eu tenho medo — confessou.

Ela o entendia.

Comeram em silêncio, trocando olhares tímidos e cheios de afeto. De vez em quando, alguns sorrisos escapavam dos lábios dos dois jovens.

PERIGOSAS ACHERON

— Por que impediu que me ajudasse quando derrubei a muleta no chão? — A curiosidade era mais que o receio de realizar a pergunta.

— Porque você não é nenhum incapacitado que não possa apanhar os objetos que derruba — respondeu de forma simples, enquanto bebia um gole do café.

Ele a encarou admirado.

Amora era diferente. Enxergava além da doença. Além da deficiência. Ela enxergava Benjamin como um todo. Um homem forte que estava enfrentando uma guerra por sua vida. Guerra essa que lhe trouxera sequelas que carregaria por toda vida.

Um homem admirável. Um homem pelo qual ela poderia se apaixonar. Pelo qual ela já estava se apaixonando.

E Benjamin percebera isso tudo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela era diferente.

E ele também percebera que, talvez, também estivesse se apaixonando pela bela enfermeira.

PERIGOSAS ACHERON



|CAPÍTULO 13

“A força não provém da
capacidade física.
Provém de uma vontade
indomável.”

[Mahatma Gandhi](#)

Os efeitos adversos chegaram com força total. Náuseas, vômitos, dores terríveis em todo corpo e um cansaço interminável. Benjamin sentia-se inchado devido a quantidade de líquidos que recebia na veia.

O sono não tinha fim. Entretanto, além dos amigos, agora tinha Amora de forma constante em

sua vida. Ela tornara-se uma amiga fiel.

Benjamin começara a sentir que queria mais, mas não queria se precipitar. No entanto, a cada momento juntos a atração entre os dois jovens ficava cada vez mais clara e difícil de disfarçar.

Após a quimioterapia Benjamin caminhava dois quarteirões até a clínica de fisioterapia e quando o expediente de Amora chegava ao fim, eles passavam um tempo juntos. Ela o levava para casa, eles tomavam um café e iam se curtindo e conhecendo.

As coisas finalmente estavam melhorando.

A fisioterapia também estava progredindo, apesar da relutância de Benjamin em fazer os exercícios.

— Eu saio de lá todo doído, Amora — reclamava Benjamin sempre que ela tocava no assunto fisioterapia.

— Seu corpo precisa se acostumar com uma

perna só, Benji — falou passando a mão em seu rosto. — Resistir ao tratamento não te ajuda em nada.

Pararam o carro na frente da casa de Ben. Ele decidira voltar para casa após Isabella, filha de Dante pegar uma gripe. Sua imunidade estava comprometida e ele não podia se arriscar. Mesmo assim continuava tendo o apoio de Dante e Angel sempre que precisava, além disso, Amora tinha prazer em ajudar sempre que podia.

Ele bufou entrando em casa e jogando-se no sofá. Ela entrou em sua casa e foi direto à cozinha preparar um chá para o amigo.

— Não adianta ficar com essa cara emburrada.

— Não estou com a cara emburrada — retrucou.

Ela observou calada.

Entregou o chá a ele e sentou-se ao seu

lado.

— Eu sei que tem dias que não são fáceis, mas você precisa ser forte. — Segurou a mão dele com carinho.

— Obrigado. — Sentou-se e bebeu o chá que ela oferecera. — Vou tentar dormir um pouco agora.

Ela assentiu e despediu-se de Benjamin com um beijo no rosto.

O primeiro mês após o início da quimioterapia tinha passado de forma bem rápida. Entretanto o corpo de Benjamin começava a reclamar, ele sentia-se cansado o tempo todo.

Acordara naquela manhã sem coragem nenhuma para levantar.

Não vou na quimioterapia hoje. Decidiu

enquanto virava na cama e se cobria novamente com o lençol. Adormeceu embalado na preguiça.

O telefone tocou acordando-o. Esticou a mão, tateou o celular no criado mudo e atendeu.

— *Onde você está?* — A voz de Amora soou do outro lado da linha antes que ele pudesse dizer alô.

Abriu os olhos e encarou o teto.

— Não estou me sentindo bem. — A voz estava rouca.

— *O que houve?* — Amora perguntou preocupada.

— Preguiça. Pretendo passar o dia deitado hoje.

— *Você não pode faltar a quimioterapia. Vamos, troca de roupa que estou indo te buscar.*

— Amora, não... — Ela desligou antes que ele pudesse terminar a frase.

Menos de vinte minutos depois ela já estava

tocando a campainha de sua casa.

Só me faltava essa versão feminina do Dante, pensou irritado.

Com relutância, ele arrastou-se para fora da cama, ainda de pijamas desceu as escadas com passos trôpegos e abriu a porta. Caminhar de muletas com a preguiça que sentia não era nada fácil.

Quando ela entrou deu meia volta e jogou-se no sofá.

— Reage, Benji. Vamos, levanta. — O puxou pelas mãos.

Benjamin fez uma careta, mas aceitou as mãos da enfermeira. Levantou-se sem a ajuda de muletas. Sem pensar, pegou Amora pela cintura e a puxou até que seus corpos ficassem colados.

Ele não aguentava mais ficar longe dos braços dela.

— Eu odeio esse apelido — disse passando

PERIGOSAS ACHERON

os dedos nos cabelos negros de Amora. — Benji é nome de cachorro.

— Não é, não! — retrucou. — E você já percebeu que não está se apoiando nas muletas? Seu equilíbrio já está melhor. Graças a fisioterapia, seu teimoso. Ainda vai dizer que não serve *pra* nada?

— Não... Por que você sempre está certa?
— Pegou as muletas e foi em direção à cozinha.

— Porque eu sou demais — respondeu faceira. — *Te dou* cinco minutos *pra* subir, trocar de roupa e escovar os dentes. Senti o bafo de longe. Deixa que eu preparo o café.

Benjamin revirou os olhos, mas obedeceu. Dez minutos depois Benjamin estava apresentável. Uma camiseta preta, bermuda branca e um mocassim bege. Em sua cabeça, sua eterna toca oversized.

— Você está lindo. — Amora deixou
PERIGOSAS ACHERON

escapar.

Benjamin aproximou-se da enfermeira e enlaçou sua cintura puxando-a para si. Ele não iria mais resistir.

— Não consigo mais ficar longe de você — confessou sussurrando no ouvido de Amora que arrepiou ao ouvir a voz rouca e grossa de Benjamin.

Sem dar chances para que ela respondesse ele tomou sua boca em um beijo cheio de saudades. O beijo foi correspondido.

Não havia mais o que hesitar.

As mãos de Amora percorriam o pescoço e as costas de Benjamin. Ele apoiava as axilas nas muletas, mas as mãos estavam livres para embalar o rosto de Amora. Era um beijo calmo, mas intenso. Apaixonado, mas cheio de vontade.

Os jovens renderam-se ao desejo que tanto os consumia. Não havia mais motivo para não

PERIGOSAS ACHERON

ficarem juntos.

O sentimento por Amora era algo que havia sendo cultivado ao longo desse tempo e apesar de ser algo novo que ele não sabia explicar direito, lhe trazia paz e felicidade.

O caminho para a clínica foi recheado de troca de olhares apaixonados, sorrisos bobos e carícias. Sempre que Amora parava no semáforo, Benjamin envolvia suas mãos e as beijava com seus lábios quentes.

— Esperei muito por isso — ele disse a fitando nos olhos.

— Eu também. — Sorriu afetuosa.

Entraram na clínica atraindo os olhares das pessoas por onde passavam. Amora caminhava ao lado de Benjamin, ele utilizava apenas uma muleta para caminhar, com a mão esquerda segurava a

PERIGOSAS ACHERON

mão de Amora, em um claro sinal de que estavam juntos, como casal.

Ele sentou-se para mais uma leva da medicação, enquanto Amora retornava para o vestiário para trocar de roupa.



|CAPÍTULO 14

“Ser profundamente amado por alguém nos dá força; amar alguém profundamente nos dá coragem.”

[Lao-Tsé](#)

Benjamin estava feliz. Apesar do grande desafio que estava enfrentando, ao lutar contra uma doença tão séria, sua vida estava entrando nos trilhos.

O relacionamento com Amora estava firme. Um início tímido, mas ela sempre estava ao seu

lado. Encorajando-o, acreditando nele, incentivando-o a nunca desistir.

Entre as sessões de quimioterapia ele tinha sessões de fisioterapia que eram a sua tortura. Sempre que começava as sessões o seu humor deteriorava-se.

— Já estou cansado, Rebeca — disse à fisioterapeuta que insistia que ele fizesse mais uma sessão de exercícios.

— Só mais uma vez e paramos. Vamos, Benjamin. Você consegue.

O exercício consistia em caminhar, sem ajuda das muletas, apoiando-se apenas em duas barras de ferro que percorriam todo caminho a ser realizado. Uma rampa levemente inclinada para cima era o obstáculo inicial, seguido de um caminho plano, de mais ou menos dois metros, e uma rampa levemente inclinada para baixo sinalizava o fim do percurso.

As barras laterais serviam de apoio, mas Benjamin precisava apoiar todo o peso do corpo na perna esquerda, bem como forçar os braços para impulsionar o corpo para frente, a fim de dar o próximo passo. Era cansativo e doloroso.

O corpo já estava debilitado devido a quimioterapia, mas isso não era obstáculo para ele. Benjamin estava determinado a conseguir sua recuperação.

— Terminei — falou irritado, mas satisfeito.

— Perfeito! Agora me deixa olhar sua perna.

Rebeca retirou a meia compressiva que ele sempre utilizava e avaliou a área amputada. Benjamin ficou um pouco envergonhado, mas já estava se acostumando com àquelas inspeções.

— E aí? — perguntou nervoso.

Ele estava ansioso com a possibilidade de,
PERIGOSAS ACHERON

finalmente, colocar uma prótese para que pudesse caminhar novamente, sem ajuda de muletas.

— A área está perfeita, Ben. Acho que já podemos providenciar uma prótese para começarmos sua reabilitação. O que acha?

— Pode ser hoje? — disse animado.

A fisioterapeuta sorriu.

— Vamos fazer as medições. A prótese vai ser feita sob medida. Em breve você vai estar andando novamente. Ainda sente alguma dor?

— Algumas vezes — respondeu. — É estranho — disse franzindo a testa —, a dor que sinto é no joelho, mas... obviamente não tenho mais joelho. Eu... fico desesperado quando isso acontece.

— Quando foi a última vez que sentiu isso?

— Há algumas semanas, eu acho.

— Isso chama dor do membro fantasma, Ben. É comum acontecer em pacientes amputados. Mesmo com a ausência do membro o cérebro ainda

interpreta a dor. No seu caso não parece nada debilitante. Caso aconteça novamente, você me fala, certo?

— Tudo bem.

Duas pessoas responsáveis pela empresa de próteses compareceram à clínica e realizaram as medições necessárias, bem como fizeram um molde de sua perna amputada.

— Agora é só esperar a confecção — Rebeca disse quando os funcionários deixaram o ambiente.

— E depois de pronto, quando vamos começar a testar a prótese? — ele perguntou animado.

A fisioterapeuta abriu a boca para responder, mas de repente ficou séria e encarou Benjamin que, imediatamente, sentiu algo viscoso escorrendo de sua narina esquerda. Passou a mão pelo líquido e, quando olhou para os dedos, eles

PERIGOSAS ACHERON

estavam sujos de sangue.

A fisioterapeuta correu e pegou um pano para que Benjamin tentasse estancar o sangue que agora descia livremente.

O que estava acontecendo com ele?

— Chama minha namorada — disse enquanto apertava o pano no nariz. — O gosto de sangue tomava sua boca. Ele começou a ficar enjoado.

— Qual o telefone dela? Como ela chama?
— Rebeca estava aflita. O pano que Benjamin usava já estava praticamente encharcado de sangue.

Ele ditou para ela o número enquanto inclinava a cabeça para trás tentando conter o sangramento. Não funcionou. O sangue desceu pela garganta, o que fez com que ele se engasgasse e ficasse mais nauseado. O gosto ferroso de sangue era nauseabundo.

Uma toalha limpa foi dada a ele, pois o

PERIGOSAS ACHERON

primeiro pano já estava inutilizado.

Após a ligação levou menos de dez minutos para que Amora entrasse na sala onde Benjamin encontrava-se. Ela se assustou com o que viu. O sangue tomava toda porção inferior do rosto dele. Sua roupa estava suja, o pano em sua face completamente avermelhado.

— Aperta seu nariz com os dedos, Benji e respira pela boca — orientou.

— Tem alguma cadeira de rodas? — perguntou à fisioterapeuta.

Ela acenou que sim e correu. Voltou empurrando uma cadeira de rodas onde sentaram Benjamin, que foi levado até o carro de Amora. Ele permanecia apertando o nariz, respirando pela boca e com uma vontade incontrolável de vomitar.

Ele estava com medo. E se o sangramento não parasse? Ele estava com câncer de osso e iria morrer por causa de um maldito sangramento

nasal?

A vida era mesmo engraçada.

Na emergência, foi atendido e logo um médico enfiou um tampão em seu nariz, que fez a narina arder e os olhos lacrimejarem. Poucos minutos depois o sangramento estava aparentemente controlado.

— Que milagre foi esse? — perguntou, ainda extremamente nauseado, a voz um pouco anasalada devido a obstrução de sua narina.

— Tampão nasal embebido em adrenalina — respondeu o emergencista. — Você sofreu algum trauma nasal?

Negou com um meneio de cabeça e contou ao médico todo o histórico de sua doença. Amora manteve-se ao seu lado, segurando sua mão e complementando algumas respostas que ele tinha dificuldade de responder. Principalmente as relacionadas as drogas quimioterápicas.

— Vamos coletar amostras de sangue para realizar alguns exames, mas provavelmente esse sangramento que você teve está relacionado com sua quimioterapia. Vou prescrever algo para sua náusea também — disse enquanto escrevia no prontuário. — Você deve ter engolido sangue, por isso o enjoo.

Após coletar os exames Benjamin e Amora ficaram aguardando os resultados. Ele estava nervoso. Apesar de ter ficado aliviado com o fim do sangramento, temia os exames.

Nunca as notícias eram boas.

A cada passo dado para frente ele sentia que dois eram dados para trás. Aquilo o deixava frustrado.

Amora tentava acalmá-lo, mas a ansiedade o consumia

Horas depois o médico retornou.

— Como eu desconfiava, Benjamin — disse

PERIGOSAS NACIONAIS

folheando o exame de sangue. — Seu sistema imunológico está bem fragilizado, devido ao tratamento. Suas plaquetas também estão muito baixas. Por isso esse sangramento.

— E eu vou viver? — Ele não sabia o que perguntar.

— Claro que vai, meu amor — Amora respondeu pelo médico. — Ele vai precisar de transfusão?

— Acho mais prudente — respondeu o plantonista. — Benjamin, seus níveis de plaqueta estão críticos, não nos assustamos porque é esperado em pacientes fazendo uso de *quimio*. Mas para evitar futuros sangramentos iremos transfundir plaquetas.

Ele assentiu.

— E meu sistema imunológico?

— Você vai precisar usar máscaras quando for para ambientes fechados e com muitas pessoas.

PERIGOSAS ACHERON

— Ótimo. Não basta a careca, a perna amputada, agora uma máscara vai denunciar que estou morrendo — falou frustrado.

— Benji. — Sentiu Amora apertar sua mão. Olhou para a mulher que estava ao seu lado e seu coração acalmou. Respirou fundo e forçou um sorriso. Aquilo era só mais um problema a ser enfrentado e solucionado.

Um pequeno detalhe.

Ele só precisava esperar.

Vai passar. Em pouco tempo vai passar.

Mentalizou esse pensamento positivo e fortaleceu-se.

Não desejou que o câncer aparecesse em sua vida, mas estava tirando lições importantes que iria levar para o resto da vida. Força, perseverança e fé. Essas três palavras entraram para seu vocabulário.

Morrer não estava nos planos. Além do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais, ele tinha um novo motivo para manter-se vivo.

Amora.

PERIGOSAS ACHERON



|CAPÍTULO 15

“O verdadeiro homem
mede a sua força, quando
se defronta com o
obstáculo.”

Antoine de Saint-
Exupéry

O internamento de Benjamin não durou mais de dois dias. Após a transfusão ele passou um dia em observação e logo foi liberado.

Liberado era uma palavra que gerava certas controvérsias. A alta hospitalar foi realizada, mas Benjamin rumou direto para sua casa. Para seu

confinamento. Seu sistema imunológico estava debilitado. Ele necessitava de isolamento total, ou corria risco de pegar algum tipo de infecção.

Amora decidira mudar-se temporariamente para a casa dele. Para cuidar do namorado e garantir que ele permaneceria saudável até seu organismo se recuperar do primeiro ciclo de quimioterapia.

Sabia que era um passo gigantesco no relacionamento deles, mas colocou na cabeça que era temporário. Não podia deixar que Benjamin ficasse sozinho durante a noite. E se algo acontecesse? Ela não iria se perdoar.

Ele estava gostando de ser mimado, mas sentia uma saudade imensa de seus beijos. Ela havia feito greve até seus exames normalizarem.

Mas ele ansiava por mais. A atração que sentia por Amora atingira patamares imensuráveis. Sua presença, seu cheiro, seus movimentos. Tudo

PERIGOSAS ACHERON

relacionado a ela parecia inebriá-lo de desejo. Sempre que Amora deitava ao seu lado para dormir, e que seus corpos se encostavam, a excitação tomava conta dele. Frustrava-se por não poder consumir a paixão que sentiam um pelo outro.

Também percebia que Amora tentava resistir à tentação. Em alguns momentos eles trocavam toques mais íntimos, mas ele sempre ficava fadigado ou então Amora cessava as investidas temendo piorar a saúde dele.

Na maioria das vezes Benjamin passava os dias com uma dor cansada na região da virilha. Sinal de que seu organismo pedia e ansiava por sexo.

Aquilo estava sendo uma tortura.

No fim do segundo mês de tratamento as
PERIGOSAS ACHERON

sessões de quimioterapia iriam passar por uma pausa de quatro semanas. Tempo suficiente para que Benjamin recuperasse suas forças.

Duas semanas se passaram e ele iria repetir os exames de sangue. Amora deixou Benjamin no laboratório antes de ir para o trabalho. Ele coletou os exames e pegou um táxi. Em vez de ir para casa, o carro fez o caminho para a casa do amigo.

Pegou o celular e mandou uma mensagem avisando que estava a caminho.

Quando chegou Dante já o esperava na porta de casa.

Entraram e Benjamin percebeu que seu amigo estava todo sujo de tinta.

— Exposição nova?

Dante assentiu.

— E essa máscara? — perguntou apontando para o rosto de Benjamin.

— Acho que posso ficar sem. — Retirou o

objeto que o sufocava.

— Tem certeza? — Foram caminhando em direção ao ateliê que Dante tinha dentro de casa.

— Tenho sim.

Benjamin começou a admirar as obras que estavam espalhadas pelo local. Ele sabia que as telas que o amigo pintava significavam seus sentimentos.

— Está tudo bem, Dante? — questionou quando observou uma tela onde observava-se um homem perdido em meio a uma nevoa densa e sombria.

Dante deu de ombros. Sabia que Benjamin era a melhor pessoa para conversar e compartilhar seus sentimentos, mas as angústias que permeavam sua mente estavam intimamente relacionadas a ele.

Eles eram como irmãos. E, mesmo tentando parecer forte, o câncer de Benjamin afetava a mente de Dante. Ele temia não conseguir se manter são

para apoiar o amigo quando ele precisasse de seu auxílio.

— Tenho medo de fracassar contigo — confessou.

— Como assim?

— Eu acho que estou entrando em uma crise... Angel já percebeu que estou mudado. Ando retraído e... ela acha que estou passando por uma depressão. Vou no consultório de Adler esta semana, mas eu juro que estou bem.

Dr. Adler era psiquiatra de Dante há vários anos.

— Eu me recuso a entrar em crise. Simplesmente me recuso. — Pegou o godê e um pincel e começou a pincelar uma tela recém iniciada.

Benjamin sentou-se em um banco e começou a prestar atenção no trabalho do amigo. Dante era um excelente pintor e um artista

PERIGOSAS NACIONAIS

conceituado. Suas telas eram conhecidas em toda região e sempre que fazia exposições, todos os quadros eram disputados e vendidos quase que instantaneamente.

Ele manteve-se calado, pois sabia respeitar os espaços e momentos de Dante. Com os olhos fixos na tela em que Dante trabalhava, começou a discernir a pintura que estava sendo produzida.

Um homem estava caído no chão, com as mãos esticadas pedindo por ajuda. Benjamin percebera que o homem na tela só tinha uma perna. Continuou concentrado no trabalho do amigo e logo entendeu o que Dante queria passar com a imagem.

Percebeu que, à frente desse homem que estava caído, um outro homem tentava alcançá-lo, resgatá-lo, mas tentáculos que pareciam surgir do chão impediam que esse homem ajudasse o amigo caído.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Todo cenário era obscuro e lúgubre.

Horas se passaram sem que os dois amigos percebessem. Dante estava imerso em sua pintura, Benjamin concentrado na obra do amigo artista e mergulhado em pensamentos.

Começara a avaliar que o câncer afetava muito além dele. Nunca entendera a extensão do que era aquela doença até aquele momento. Ele se espalhava, contaminava e causava danos em todos ao redor. E as garras daquele mal haviam atingido Dante. Benjamin sentiu-se culpado. Por mais que soubesse que nada daquilo era culpa dele, não podia deixar de sentir-se responsável pela piora do melhor amigo.

Ali estavam eles dois. Cada qual carregando demônios que somente eles conseguiriam exorcizar.

— Dante... — chamou.

Ele continuava absorto em seu trabalho.

PERIGOSAS ACHERON

Benjamin levantou, aproximou-se e tocou no ombro dele. Vagarosamente ele tirou o pincel de sua mão e, só assim, a atenção fora voltada a ele.

— Vamos sair — sugeriu.

— *Pra* onde? — perguntou franzindo a testa.

— Sei lá. Sair. *Pra* um bar — instigou Benjamin, tentando animar o amigo que o olhava de forma desconfiada.

— Um bar? Você não pode beber, Benjamin, muito menos eu, *tá* maluco? — Dante não estava entendendo absolutamente nada.

— A gente bebe água, porra! Sei lá. Eu só quero sair, passar um tempo fingindo que somos pessoas normais. Sei lá, cara! Foi uma ideia, só isso.

A verdade era que Benjamin desejava, mesmo que por um breve tempo, esquecer de todos os males que afligiam tanto a ele quanto a Dante,

PERIGOSAS ACHERON

que pareceu entender o que se passava na cabeça de Ben e abriu um sorriso.

— Então vamos para um bar. — Dante largou o godê que ainda estava em suas mãos e subiu as escadas, seguido por Benjamin. — Quais serão as opções de *drinks*?

— Água natural, gelada ou com gás — disse Benjamin em meio a risadas.

— Angel vai me matar sabendo que eu saí de casa *pra* me embriagar com água natural!

— Então serão dois enterros, meu caro amigo. Amora vai ficar possessa!

Quando chegou em casa já passavam das oito horas da noite. Ao entrar deparou com Amora parada na sala, com os braços na cintura e o pezinho batendo no chão de modo rítmico e

PERIGOSAS ACHERON

amedrontador.

Ficou parado olhando para a namorada furiosa e com medo de dar o próximo passo.

— Eu devia pegar essa muleta e tacar na sua cabeça — falou caminhando na direção de Benjamin que se encolheu com a fúria da mulher.
— Onde você estava? Cadê sua máscara?

— Eu estava com Dante — falou de forma calma.

— Caía o dedo se ligasse avisando?

— Desculpa, amor — disse sincero. — Eu não queria te preocupar, mas nos distraímos tanto na conversa que acabei esquecendo de avisar.

Ele aproximou-se cautelosamente e tomou a mão de Amora para si. Ela fez uma careta e franziu o nariz.

— Que cheiro é esse, Benji? É cerveja? Benjamin, você estava bebendo? — O tom de Amora foi firme e reprovador.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Devem ter derrubado em mim, calma, amor! Eu não sou burro. — Defendeu-se. — Eu e Dante precisávamos de uma saída para espairecer a mente. Tanto ele quanto eu estamos passando por alguns momentos difíceis. Não bebemos.

Amora estreitou os olhos e avaliou o namorado, tentando perceber se ele mentia ou não. Convencendo-se que ele estava sendo sincero, acalmou-se um pouco. Entretanto ainda estava furiosa com o namorado, pois ele arriscara a saúde frequentando um local cheio de gente, sem a proteção de sua máscara.

— Estou com os resultados do exame, minhas taxas normalizaram. — Tirou do bolso os exames que estavam todos amassados e entregou a ela.

Ela passou os olhos por cada uma das páginas e um sorriso brotou em seu rosto quando ela terminou de analisar a última página.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não acredito! — Empolgou-se jogando-se em cima de Benjamin, envolvendo os braços em seu pescoço e beijando sua boca de forma ávida e sedenta.

Por pouco ele não se desequilibrou. Aceitou de bom grado o beijo de Amora e deixando as muletas caírem no chão, enlaçou a cintura da amada com suas mãos e a puxou para si.

Como ele sentia falta daquela boca junto à sua. Colocou uma de suas mãos no pescoço de Amora, puxando-a para mais perto e intensificando o beijo. Não queria se afastar. Com a outra mão percorria a lateral do corpo feminino com a ponta dos dedos, fazendo os pelos de Amora eriçarem-se.

Chegando no quadril dela, a mão de Benjamin deslizou para trás, para logo depois deslizar para sua coxa. Benjamin apertou a perna carnuda erguendo-a ao encontro de seu quadril, fazendo-a sentir o tamanho de seu desejo por ela.

Amora arfava, queria puxar Benjamin para si, a urgência em prová-lo, em sentir suas carícias estavam tirando sua sanidade. Quando ele ergueu sua perna e ela sentiu toda sua excitação, não se conteve e inclinou-se ainda mais em direção a ele.

O ponto de equilíbrio de Benjamin foi alterado, não tendo como apoiar-se nas muletas, que jaziam no chão e não tendo nenhum ponto de apoio próximo, ambos foram ao chão. Primeiro Benjamin que tombou para trás, depois Amora, que acabou caindo em cima dele.

— Ah meu Deus, me desculpa, você *tá* bem? — Amora estava aflita e preocupada.

Benjamim começara a gargalhar. Ele estava ofegante, excitado e com a mulher dos seus sonhos em cima dele. Não seria uma queda que iria abalar toda sua felicidade em ter Amora em seus braços.

— Não sabia que você era tão pesada — disse ele em meio a risos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, cala a boca! — Ela deu um tapa em seu ombro saindo de cima dele, mas sem esconder o sorriso no rosto. — Vem, vamos tomar banho. Você está fedendo a álcool.

— Vamos tomar banho, do verbo nós dois? Juntos? — perguntou de forma maliciosa.

— Depois de você ter me chamado de baleia, não sei mais! Vamos, levanta!

— *Me ajuda!*

— Você tem dois braços, uma perna, duas muletas ... Vamos, levanta!

— Isso foi uma piada, senhorita Amora? — Levantou as sobrancelhas encarando-a. — Você vai para o inferno por causa disso.

— Vou nada. Sou uma santa. Vamos, levanta! — Ela bateu levemente na perna de Benjamin, incentivando-o a se levantar.

— *Me recuso* — disse sorrindo, apoiando as duas mãos no chão e olhando para ela de forma

PERIGOSAS ACHERON

divertida.

— Você que sabe. — Amora deu de ombros. Tirou a blusa que usava e jogou no chão, bem ao lado de Benjamin. — Estou indo tomar banho.

Benjamin observou atônito enquanto ela ia se livrando de cada peça que cobria seu corpo, ficando apenas de calcinha e sutiã. Ele engoliu em seco completamente surpreso com a cena. Percorreu com o olhar, o corpo moreno de sua namorada. A pele achocolatada contrastando com a lingerie rosácea, em um corpo que chamava para o prazer.

O baixo ventre de Benjamin pulsava e contraía-se cada vez que pensava em ter aquele corpo para si. Quando ela começou a subir as escadas, ele rapidamente buscou as muletas e pôs-se de pé.

Já do topo da escada ela colocou o dedo nos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lábios e fez uma expressão pensativa.

— Achei que você não conseguia levantar sozinho. — Piscou o olho para ele.

— Prepara essas duas perninhas *pra* correr, porque quando eu chegar aí em cima....

Amora deu um gritinho e correu para o quarto.

Quando a alcançou, Benjamin finalmente a tomou para si. Sem pudor, sem vergonha, sem receios. Amora parecia entender suas limitações e assumiu a maioria dos movimentos durante o ato de amor. Benjamin não se sentiu intimidado ou envergonhado. Era a primeira vez que transava após a cirurgia e sabia que ainda levaria tempo para se acostumar com sua nova condição. Amora, entretanto, parecia adivinhar seus temores e foi paciente e compreensiva. A sintonia dos dois foi perfeita. Amaram-se durante o banho, na cama e adormeceram abraçados, cansados e felizes.

PERIGOSAS ACHERON

Benjamin sabia que ainda iria enfrentar obstáculos, mas encontrara uma mulher que estava disposta a enfrentar todos os problemas de frente. E o amava além de tudo. Sim. Ele tinha certeza que era amor.



|CAPÍTULO 16

“A esperança é o sonho do homem acordado.”

[Aristóteles](#)

O quarto mês chegara cheio de promessas. Faltava apenas um mês para o término do tratamento.

Esses trinta dias que Benjamin passara recuperando-se foram excepcionais. Seu cabelo havia começado a crescer novamente e Amora se divertia passando a mão pelos fios de cabelo que lhe espetavam.

A disposição voltara e as sessões de

fisioterapia estavam mais intensas. Enquanto esperava a tão esperada prótese chegar ele preparava toda sua musculatura para receber sua nova perna.

O relacionamento entre ele e Amora estava mais do que sério e mesmo ela não precisando ficar ao lado de Benjamin todas as noites, simplesmente não conseguira ir para casa.

Entretanto algo a incomodava. Ela sabia que ele fora casado e mesmo ele não tendo mais contato com Melissa, dividir a cama que fora deles a incomodava.

— Acho que você deveria ir *pra* minha casa, Benji. Esta casa é sua e da sua esposa, eu...

— Ex-esposa — ele interrompeu.

— Não oficialmente — ela alfinetou levantando da cama e indo de encontro à janela do quarto, onde cruzou os braços e ficou olhando através do vidro.

— Não seja injusta comigo. Estou tentando contato com Melissa, mas ela me ignora.

— Ah, pelo amor de Deus, Benjamin. — Virou-se encarando o companheiro, visivelmente chateada com ele. — Você é advogado. Sabe onde ela mora. Entra com um processo e se divorcia.

Benjamin sentou-se na cama e encarou Amora. Ela estava séria e com a expressão chateada.

— Eu queria evitar um divórcio litigioso, meu amor. Por que isso agora?

— Porque estou namorando um homem casado — bufou. — Às vezes acho que você está evitando esse divórcio.

— Ei... — pegou as muletas e caminhou até onde Amora encontrava-se —, não pense nenhum minuto que ainda sinto algo por Melissa. Meu coração só tem espaço para você.

— Eu não queria que você tivesse mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nenhuma ligação com ela — falou fazendo bico. —
Eu... eu tenho medo de te perder.

Ele sorriu e passou a mão delicadamente
pelo rosto dela.

— Eu te amo, Amora.

Era a primeira vez que dizia isso. Tomada
pela emoção, ela deixou que as lágrimas rolassem
timidamente pelo seu rosto. Afundou o rosto no
peito de Benjamin e o envolveu em seus braços. O
que sentia por ele era puro e sincero.

— Também te amo, Benji.

— Prometo que se eu não conseguir falar
com ela nas próximas semanas dou um jeito de
entrar com o pedido de divórcio, ok?

Ela assentiu mais tranquila.

Tomaram banho e aprontaram-se para mais
um dia que prometia ser cheio.

— Hoje você experimenta sua prótese? —
perguntou enquanto tomavam café da manhã.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim — ele respondeu animado. — Rebeca me avisou que a prótese já chegou na clínica. Feita sob medida, só *pra* mim. Estou nervoso, amor. E... se eu não me adaptar?

— Você vai se adaptar, meu lindo. O pior você já superou. Que foi a perda da sua perna.

Ele manteve-se calado absorvendo as palavras da amada e canalizando todos seus pensamentos para que ela estivesse certa.

Após a colocação de sua prótese iria reiniciar novo ciclo de medicação.

O último mês antes do fim.

Tudo estava caminhando conforme planejado.

Ele estava confiante de que tudo daria certo. Tinha que dar.

Na sala de fisioterapia Benjamin aguardava
PERIGOSAS ACHERON

nervoso Rebeca aparecer com sua nova prótese. Finalmente iria ficar em pé novamente, firmar os dois pés no chão.

Quando Rebeca chegou trazendo a peça olhou admirado e ao mesmo tempo emocionado. Ela segurava uma prótese que iria servir de apoio para sua perna direita.

Ela era formada por um encaixe superior que ficaria envolta em seu coto, uma articulação artificial de joelho, a peça que imitava o osso da perna e uma articulação artificial do tornozelo e o pé.

— Está pronto? — perguntou colocando a prótese ao seu lado entregando uma espécie de meia de silicone especial para cotos.

— Sua prótese é a vácuo, Benjamin. Então não tem perigo de sair.

Graças a Deus! Ele imaginou mil cenas na cabeça onde estava andando e de repente a perna

PERIGOSAS ACHERON

caía.

Ele deu um riso nervoso.

— Não ia ser nada agradável perder a perna por aí. — Tentou suavizar a tensão que tomava conta de si.

Rebeca o ajudou a vestir a proteção de silicone que ficaria envolta do coto e então encaixou a prótese. Ela tirou o tênis que ele usava e ele olhou para baixo, os olhos marejaram.

Eu tenho dois pés. Ele sorria de forma boba.

— Eu tenho dois pés — exteriorizou seu pensamento, uma lágrima descendo em seu rosto.

— Vem! — Rebeca o puxou e ajudou a ficar em pé.

Segurando as mãos da fisioterapeuta ele finalmente estava de pé. Os dois pés firmados no chão, sentindo uma emoção que nunca pensou que pudesse experimentar.

Era incrível, mas ao mesmo tempo estranho.

PERIGOSAS NACIONAIS

Começou a sentir um incômodo no coto da perna direita. Aquela prótese estava apertando sua perna e incomodando.

— Isso aqui é desconfortável — confessou desanimado.

— É só questão de costume, confie em mim. — Tranquilizou Rebeca. — Agora vamos tentar dar alguns passos, mas vamos para nosso corredor com as barras de ferro. Não quero que você caia. Use as muletas até você ter estabilidade, ok?

Obedecendo a profissional Benjamin usou as muletas até ficar de frente a um corredor de caminhada, com barras de ferro em sua lateral que servia de apoio para os pacientes.

— Você vai usar o movimento do quadril para impulsionar a prótese para frente, Benjamin. Fazendo isso você conseguirá caminhar normalmente.

PERIGOSAS ACHERON

Falar era bem mais fácil que fazer. Para conseguir dar dois passos, Benjamin teve uma dificuldade imensa. A prótese apertava sua perna, era pesada, o coto doía e a coordenação motora precisava ser trabalhada. O equilíbrio do seu corpo havia mudado. Ele precisava reaprender a andar.

— Desisto! *Me dá* essa muleta — falou impaciente, quando terminou de percorrer o caminho apoiado nas barras laterais.

— É só o primeiro dia. Não se cobre demais. Todo esse processo exige calma e determinação de sua parte.

Ele aceitou o conselho da fisioterapeuta e decidiu não se preocupar tanto.

Com a ajuda das muletas caminhou até uma cadeira e buscou seu sapato para calçar. Percebeu então que cometera um erro e começou a rir.

— O que foi que houve? — perguntou a fisioterapeuta curiosa.

— Não trouxe o outro par do sapato.

O pé da prótese estava descalço. Não passara pela cabeça de Benjamin que precisaria do outro par de sapatos.

Era tudo novo.

— Posso ir assim *pra* casa? Usando a prótese?

— Claro, Benjamin. Ela é sua. Serviu perfeitamente. Mas não deixe de usar as muletas. Não se apresse.

Após ensinar os cuidados com a prótese, como colocar e retirar e mais alguns detalhes do funcionamento do objeto, Benjamin fora liberado da fisioterapia.

Como a clínica de quimioterapia ficava a apenas dois quarteirões decidiu ir andando.

A pessoas na rua olhavam de forma curiosa. Mesmo usando as muletas era uma cena, no mínimo, inusitada. A prótese direita que ele usava

PERIGOSAS ACHERON

estava sem sapato, deixando a mostra um pé artificial.

Não fez nova tentativa de andar utilizando sua perna mecânica. Em vez disso utilizou suas duas amigas, que já estavam mais do que acostumadas as caminhadas de Benjamin. As muletas eram sua segurança.

Entrando na sala de medicações foi recebido por uma Amora radiante. Quando viu Benjamin utilizando sua nova prótese ela esqueceu que estava em seu ambiente de trabalho e abraçou o namorado com vontade e beijou sua boca. Um beijo recatado, porém cheio de amor.

— Estou tão orgulhosa — falou em meio as lágrimas que brotaram em seus olhos. — Olha *pra* você!

— Mal consegui dar dois passos — disse desanimado.

— Em breve você vai correr uma maratona.

— A animação de Amora acabou o contagiando.

Ele relaxou e curtiu sua nova perna. Apesar de lhe apertar, era sua perna. Mecânica, mas sua.

Buscou a poltrona que já estava acostumado e depois dos procedimentos de costume, começou uma nova onda de quimioterapia.

Tudo vai dar certo.



|CAPÍTULO 17

“Cada dia que surge,
constitui uma nova vida
para quem sabe viver.”

[Horácio](#)

Com o passar dos dias as sessões de fisioterapia estavam finalmente surtindo efeito e Benjamin já conseguia caminhar com mais facilidade utilizando sua nova prótese.

Ainda sentia-se inseguro de deixar as muletas de lado. Levara algumas quedas no processo de adaptação, o que o deixara um pouco receoso.

Entretanto, depois de três semanas de fisioterapia intensa ele finalmente abandonou as muletas e começou a caminhar sem ajuda. A dor no coto, entretanto, era frustrante.

Metade do peso do seu corpo estava, agora, apoiado no coto de sua perna que, obviamente, estava apoiado na sua prótese mecânica. Algumas vezes, quando chegava em casa, o que ele mais queria era arrancar a prótese de sua perna e jogar longe. O alívio era imediato.

Os efeitos colaterais da quimioterapia também estavam tirando-o do sério. Diferente da última vez em que ele quase não apresentou vômitos, dessa vez parecia que seu estômago iria saltar para fora.

Seu tempo era dividido entre a clínica de quimioterapia, as sessões de fisioterapia, quando a náusea permitia e o vaso sanitário.

Durante algumas noites chegou a dormir no

banheiro, devido a quantidade de vezes que precisava vomitar.

— Quando essa tortura vai terminar? — perguntava enquanto vomitava todo o café da manhã que tinha acabado de tomar. Começou a tossir sentindo a garganta queimar.

— Calma, meu amor. Logo, logo passa. Só faltam mais três sessões e tudo termina. Estamos quase no fim.

Amora tentava animar seu companheiro. Ela começou a limpar a sujeira que Benjamin havia feito, pois ele não conseguira segurar o enjoo.

— *Me desculpa* — disse lembrando-se do ataque de Melissa quando ele fez o mesmo, meses atrás.

— Besteira! Senta no sofá, que já levo um remédio *pra* esse enjoo.

Ele obedeceu e sentou-se no sofá. Ainda tossindo um pouco. Jogou a cabeça para trás e

PERIGOSAS ACHERON

fechou os olhos.

— Há quanto tempo você está com essa tosse, Benji? — Aproximou-se dele e lhe entregou um copo com água e um comprimido que tomou sem questionar.

Voltou a encostar a cabeça no sofá, com os olhos fechados.

— Não sei! Dois, três dias. Eu *tô* bem, amor. Não vou *pra fisio* hoje. Estou um pouco cansado.

— Você está usando máscara, Benji?

— Aquilo me sufoca! — tentou se justificar.

— Teimoso! — bufou Amora. — Vou ligar *pro* seu médico e marcar alguns exames. Essa tosse não é normal. De qualquer forma você só tem quimioterapia na próxima semana. Então esses dias vai descansar, entendeu mocinho?

Ele apenas assentiu. O simples fato de falar
PERIGOSAS ACHERON

já era suficiente para a náusea lhe atacar.

Amora deixou Benjamin deitado no sofá e saiu para trabalhar. Cogitou a possibilidade de ficar em casa cuidando dele, mas ele negou com veemência.

— Não vai faltar o trabalho por minha causa. Qualquer coisa eu te chamo.

A noite havia chegado e Amora entrou em casa preocupada com Benjamin. Apesar dele ter atendido suas ligações dizendo sempre que estava tudo bem, algo na voz dele não estava normal.

Quando aproximou-se do sofá da sala ele ainda encontrava-se lá, mas ela assustou-se quando o viu.

Estava coberto de suor, tremendo muito e com a respiração bastante alterada. Encostou a mão

PERIGOSAS ACHERON

na testa dele e estava pegando fogo.

Correu para o quarto que agora também era dela e foi em busca de sua maleta onde guardava todos os materiais hospitalares que toda enfermeira deveria ter.

Chegando perto de Benjamin colocou o termômetro embaixo de seu braço, em seu dedo encaixou um oxímetro de pulso e em seu braço acoplou um aparelho de verificar a pressão arterial.

Foi então que ela teve medo.

A pressão dele estava baixa, ele estava com quase quarenta graus de febre e seu coração estava muito acelerado. Com certeza algum processo infeccioso se iniciara.

Sem saber o que fazer, pois não conseguiria colocá-lo dentro de um carro sozinha, ligou para o serviço de urgência, mas, por garantia, também buscaria o número de Dante no celular de Benjamin.

Droga, está travado.

— Qual a senha do celular, Benji?

Ele balbuciou os números e ela conseguiu acessar o aparelho.

Ligando para Dante explicou rapidamente o que estava acontecendo. Com a promessa de que chegaria o mais rápido possível, Dante desligou.

Agora era só esperar.

Quem chegasse primeiro levaria ele para o hospital.

Dante chegou.

Com dificuldade colocaram Benjamin dentro do carro. Ele estava sonolento, mas acordado.

Chegando na emergência foi levado diretamente a sala de estabilização e colocado no cateter de oxigênio. Fluidos foram administrados em seu sistema circulatório de modo a melhorar sua pressão arterial, que agora estava perigosamente

baixa.

Amora e Dante tiveram que esperar do lado de fora. Dante caminhava de um lado para o outro, coçando a cabeça e falando consigo mesmo. Pegava o telefone e tentava ligar para Angel, mas ela não atendia. Ele tivera que trazer Isabella, que dormia tranquilamente em um carrinho para bebês.

Aquela noite, Angel e o outro filho estavam em uma festinha de um amiguinho do pequeno Dante. Como Dante pai precisava terminar algumas de suas telas, decidiu ficar em casa com a filha, quando recebeu o telefonema de Amora pedindo socorro para o amigo.

A febre cedeu um pouco após a medicação antitérmica, mas Benjamin ainda estava muito cansado. O monitor, que agora mostrava todos os sinais vitais dele, acusava um nível de oxigênio abaixo do normal, mesmo com o uso de oxigenoterapia suplementar.

O médico saiu da sala para dar notícias do doente.

— Seu esposo provavelmente está com uma pneumonia — disse o médico que fizera o primeiro atendimento. Amora corou ao ouvir a palavra esposo, mas deixou o médico falar. — Ele está fazendo tratamento para qual tipo de câncer? Percebi que ele usa um cateter de quimioterapia.

— Osteossarcoma, doutor — respondeu Amora. — Ele estava bem hoje pela manhã, apesar de vomitar muito devido a *quimio*, mas tem apresentando alguns dias de tosse. Mas nada fora isso.

— Ele vai ficar bem? — perguntou Dante que ouvia toda a conversa.

— O quadro dele é uma provável sepse pulmonar. Grave, principalmente em um paciente com câncer. Já iniciaremos o antibiótico, mas provavelmente ele precisa ser intubado.

— Intubado? — perguntou Dante.

— Querem colocar um tubo na garganta dele, para ele respirar melhor — explicou Amora.

— Por que não colocam logo? — Dante falava apressado.

— Calma, Dante. Eles vão cuidar de Benjamin. — Amora tentava tranquilizá-lo, ao mesmo tempo em que tentava não se desmanchar em lágrimas. Era enfermeira. Sabia o que aquilo poderia significar. Se não entubassem Benjamin ele podia entrar em insuficiência respiratória e...

Balançou a cabeça.

Aquilo não iria acontecer.

— Ele está acordado? — ela perguntou.

— Sim. E já explicamos a ele o que iremos fazer. Ele aceitou.

— Podemos vê-lo? — Amora perguntou esperançosa.

— Claro. Estamos preparando o material

para o procedimento. Só não aconselho entrar com a bebê. — Apontou para Dante e Isabella. — É arriscado para criança.

— Claro, claro. Amora — Dante segurou delicadamente o braço dela. Ao contrário de Melissa, ele gostava da enfermeira. Sabia que o sentimento dela pelo amigo era verdadeiro. Além disso, Amora não olhava para ele como alguém maluco —, diz pra ele que se ele morrer, eu mato ele, tá?

Amora sorriu e assentiu.

Entrou na sala e observou que todo o material já estava preparado para a intubação de Benjamin.

Ela aproximou e segurou a mão dele.

— Você vai ficar bem. Eles vão te fazer dormir, mas assim que acordar eu prometo que estarei ao seu lado. Você vai ficar bem.

Uma lágrima escorreu pelo rosto de Amora.

Benjamin apertou sua mão.

— Eu quero um filho seu — disse ofegante, com um sorriso de canto de boca.

— Eu acho que você está delirando, Benji.
— Ela lhe beijou a mão e acariciou seu rosto que estava frio devido ao suor.

— Eu... — Benjamin ficava mais e mais desconfortável. — Só... queria mais tempo... — falava entre uma respiração e outra.

— Senhora... — o médico interviu —, precisamos intubá-lo agora. Pode fazer midazolam e fentanil. — Pediu para uma enfermeira que começou a diluir a medicação que o faria dormir.

— Eu te amo — ela sussurrou para ele —, e teremos todo o tempo do mundo. — Afastou-se para deixar os médicos e enfermeiros trabalharem.

— Você precisa esperar lá fora — falou o médico.

— Sou enfermeira. Eu prometo que fico

quieta, mas... deixa eu ficar aqui — implorou.

— Tudo bem — respondeu o médico.

O médico posicionou-se na cabeceira da cama de Benjamin, que já havia apagado devido à medicação que deram a ele. Foi-lhe entregue o material para o procedimento e, num piscar de olhos, Benjamin já encontrava-se com um tubo inserido na garganta e ligado ao aparelho de ventilação mecânica.

Imediatamente sua oxigenação melhorou, o que deixou Amora mais tranquila.

Agora era só esperar, mas ele ainda corria riscos. Seu sistema imunológico estava debilitado. A infecção parecia bem agressiva. E se ele não respondesse aos antibióticos?

O choro então correu livre quando percebeu que podia perdê-lo para sempre.

Saiu da sala desconsolada e Dante aproximou-se envolvendo Amora em um abraço

PERIGOSAS NACIONAIS

forte e consolador.

— Ele vai ficar bem — disse tentando se convencer que aquilo era verdade.

PERIGOSAS ACHERON



|CAPÍTULO 18

“Nada renasce antes que
se acabe. E o sol que
desponta tem que
anoitecer.”

[Vinicius de Moraes](#)

Eles esperaram mais de trinta minutos até o médico sair novamente da sala e informar que Benjamin já estava estabilizado e sob o uso de antibióticos. Ainda assim, seu estado de saúde era considerado grave.

Aguardariam o resultado dos exames, mas ele provavelmente estava mesmo com uma pneumonia.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Iremos transferi-lo para a Unidade de Terapia Intensiva. Enquanto isso preciso que a senhora dê entrada na parte burocrática e na papelada de internação. Seu esposo está sendo bem cuidado.

Dessa vez, Amora corrigiria o médico.

— Na verdade... ele é meu namorado — disse sem graça. Como se estivesse confessando um crime.

— E o senhor? É irmão do paciente?

— Amigo.

O médico olhou para os dois e colocou a mão no queixo pensativo.

— Ele tem algum parente com quem vocês possam entrar em contato?

— Os pais dele moram no exterior — respondeu Dante.

— Irmãos, avós? Alguém da família? — insistiu o médico.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A avó mora no interior, mas não sabe da doença dele. E ele prefere manter assim, ela já é uma senhora de idade, mas... por que essas perguntas?

— Eu não sou casada com ele, Dante — Amora respondeu. — Não posso tomar nenhuma decisão ou assinar como responsável legal por ele. Tem que ser alguém da família.

— Não faz sentido — Dante contestou. — Quem vai assinar a porcaria dos documentos, então?

— A esposa — Amora disse inconformada.

— Melissa? — A voz de Dante soou alta demais, o que fez Isabella sobressaltar-se e começar a chorar.

Ele a tirou do carrinho e tentou niná-la sem sucesso. Sem outra alternativa, resolveu voltar para casa com a promessa que retornaria assim que pudesse para tentar descobrir o que poderiam fazer.

PERIGOSAS ACHERON

— Ele é casado? — o médico perguntou tentando não transparecer nenhum sinal de julgamento na voz.

— Está em processo de separação, mas ainda são casados no papel — Amora respondeu incomodada.

— Precisamos de algum familiar aqui — decretou o médico. — Com Benjamin sedado as decisões a serem tomadas precisam ser autorizadas por um responsável.

Amora estava sem saber o que fazer. A avó de Benjamin era idosa e morava com a irmã em uma cidade vizinha desde a morte do marido. Sabia que elas não tinham condições de tomar decisões acerca da saúde do namorado devido à idade um pouco avançada.

Decidiu então ligar para os pais de Benjamin o mais rápido possível. Tinha a certeza que eles não hesitariam em pegar o primeiro voo e

PERIGOSAS ACHERON

ir em auxílio do filho, mas até lá teria que se contentar com Melissa.

— Eu vou providenciar o responsável. Pode ficar tranquilo, doutor.

Sentada na recepção do Pronto Atendimento do hospital onde Benjamin estava, com o celular do namorado em mãos, a senha na memória, procurou o número dos pais dele.

Após completar a ligação, tentou explicar toda a situação por telefone e da forma mais delicada possível, Amora sentia-se esgotada.

Primeiro teve que explicar quem era, por que estava ligando do celular do filho e o pior, a situação de saúde de Benjamin. Amora omitiu o fato dele estar separado de Melissa e também o seu relacionamento com o rapaz.

Para todos os efeitos, ela era apenas a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enfermeira responsável pelas sessões de quimioterapia dele. O que não deixava de ser verdade.

Desligou com a promessa dos pais de Benjamin que pegariam o primeiro voo de volta para casa.

Voltou nos contatos telefônicos e buscou a letra M.

Maria. Mariana. Milena. Naldo.

Onde estava o número de Melissa?

Voltou a letra A e procurou os contatos um por um. Chegando na letra E achou o que procurava.

O número de Melissa estava gravado como Esposa. Benjamin não fizera alteração no contato.

Amora sentiu uma pontada de ciúmes e, mesmo sem querer, magoou-se com Benjamin. Será que ele ainda sentia algo por Melissa? A insegurança tomou conta de si.

PERIGOSAS ACHERON

Respirou fundo e apertou o botão de chamar.

Ninguém atendeu.

Não esperava outra coisa. Melissa ignorava as ligações de Benjamin.

Resolveu tentar algo diferente.

Tirou o próprio celular do bolso, discou o número de Melissa e em menos de dois toques uma voz feminina atendeu:

— *Alô?* — Amora estremeceu e começou a suar frio. O que iria falar? Que era a namorada de Benjamin? Não podia.

— Melissa Passarinho? — falou com a voz trêmula.

— *Melissa Soares. Passarinho é o sobrenome do meu ex-marido. Quem deseja?*

Ex-marido?

— É... aqui quem fala é Amora Santana... é... — gaguejava de forma incontrolada, o

nervosismo estava presente em sua voz. — Eu sou enfermeira de Benjamin Passarinho e... — O que falar, meu Deus? — Seu número estava entre os contatos de emergência dele e preciso que a senhora venha ao hospital São Lucas. Ele está hospitalizado e o estado dele é crítico e precisamos de alguém responsável por ele — cuspiu as palavras de forma atropelada.

O outro lado da linha ficou mudo. Será que ela tinha escutado. Amora olhou para o celular e percebeu que a ligação ainda estava ativa.

— *Estou a caminho* — falou Melissa encerrando a ligação.

Algumas horas depois de ter dado entrada no hospital com um quadro grave de pneumonia e uma insuficiência respiratória, Benjamin finalmente fora transferido para um leito de UTI.

Melissa ainda não havia chegado. Amora

PERIGOSAS ACHERON

não deixara a sala de espera mesmo sabendo que enquanto não aparecesse um responsável legal de Benjamin ela não poderia ter notícias suas.

Já era dia, mas mesmo assim ela se recusava a deixar o hospital. Dante aparecera acompanhado de Angel e, da mesma forma de Amora, não puderam receber notícias do estado de saúde de Benjamin.

— Maldita burocracia — bradou Dante enquanto os médicos se negavam a dar notícias.

— *Se acalma*, Dante! — Angel o repreendeu. — Daqui a pouco você vai ser expulso daqui.

— Mas isso é um absurdo, pequena — Dante acalmou o tom de voz.

— É o trabalho deles, Dante. — Amora compreendia o comportamento dos médicos. Como profissional de saúde ela entendia bem.

Quase no final da manhã Melissa

PERIGOSAS ACHERON

finalmente aparecera no hospital. Quando viu Dante revirou os olhos.

— Bom dia, Melissa — Angel a cumprimentou educadamente.

— Bom dia — respondeu seca. — Você é Amora? Espera. — Estreitou os olhos enquanto analisava as feições da moça. — Você é a enfermeira que atendia Benjamin na quimioterapia. Foi você quem me ligou, não foi?

Amora assentiu. Não sabia como se comportar na presença de Melissa. Ela era uma mulher elegante, extremamente bonita e sua presença chegava a ser intimidadora. Percebeu enquanto Melissa a analisava, dos pés à cabeça.

Será que a esposa sabia que ela e Benjamin estavam juntos?

— O que houve com meu marido? — Melissa frisou bem as duas últimas palavras, como se estivesse marcando o território.

Amora explicou tudo o que aconteceu desde que haviam chegado ao hospital. Melissa escutava calada.

— Ele estava na clínica quando passou mal?

Amora olhou para Dante, baixou os olhos e depois encarou Melissa. Não sabia o que responder.

— Melissa — Dante pronunciou-se —, só te chamamos aqui para que você nos autorize a receber notícias de Benjamin e decidir sobre seu estado de saúde até que seus pais cheguem. Depois pode voltar à sua vida. Bem longe daqui.

Não era novidade o repúdio que Dante e Melissa sentiam um pelo outro. Dante não fazia questão de esconder a antipatia que cultivava pela moça.

— Então é verdade? — Melissa fitava Amora nos olhos. — Essa é a vadia que anda dormindo com meu marido?

Amora perdeu o ar. O rosto esquentou. O

olhar foi ao chão. Melissa sabia. Sempre soubera. Foi quando percebeu que tudo o que fizera até então ia contra seus princípios.

— Eu... — gaguejou. O que falar em uma situação dessas?

— Você acha que minhas amigas não iriam me ligar dizendo que meu marido estava morando com a amante, na MINHA casa?

Benjamin era um homem casado. Não importava se estavam juntos ou não. Para todos os efeitos, ele era casado. E ao se envolver com alguém na situação matrimonial dele, seu status era resumido a apenas um: a amante.

— Você o abandonou quando ele mais precisou, Melissa. Acho que a vadia aqui é você — vociferou Dante indo em defesa de Amora, enquanto apontava o dedo de forma acusatória para Melissa.

As pessoas ao redor começavam a olhar o

PERIGOSAS ACHERON

barraco que estava se formando. Amora segurava as lágrimas. Melissa e Dante duelavam olhares furiosos e Angel tentava acalmar os ânimos.

O funcionário responsável pela recepção de espera da UTI aproximou-se e repreendeu a todos.

— Sou a esposa de um dos pacientes que está internado — disse Melissa para o funcionário. — Gostaria de saber como faço para restringir visitas ao meu marido. Quero que somente eu tenha acesso a ele — falou enquanto fitava Amora.

— Vou chamar o serviço social para que possamos resolver essa questão, mas por favor, senhores. Esse é um ambiente que requer silêncio.

Dante sentou-se no sofá enquanto bufava de raiva, Amora permanecia parada, o olhar baixo e as lágrimas contidas e Angel tentava consolar a nova amiga.

Quando a assistente social chegou foi explicado para ela toda a situação que envolvia

Benjamin, a esposa, a namorada e os amigos. Ficou decidido, então, que Benjamin só poderia receber visitas da esposa, mas que Dante e Amora poderiam ter notícias sobre o estado de saúde dele uma vez ao dia. Entretanto, as decisões sobre qualquer coisa relacionado ao tratamento ficaria ao cargo de Melissa.

Mesmo frustrados, ter um boletim diário de notícias era melhor que nada.

Dois dias depois os pais de Benjamin finalmente chegaram e foram direto ao hospital. Apenas Amora estava na recepção da UTI quando escutou um casal perguntando sobre o filho internado. Aproximou-se timidamente e apresentou-se.

Amora os convidou para tomar um café na

PERIGOSAS ACHERON

lanchonete do hospital e contara a eles tudo o que aconteceu desde que conhecera Benjamin. Helena, mãe de Benjamin, sentia-se culpada por estar longe do filho durante todos esses meses de tratamento. Já o pai de Benjamin estava irritado com o filho por ter escondido a doença.

— Ele não queria preocupá-los, senhor. —
Amora tentava defender o namorado.

Pelo menos ainda achava que Benjamin era seu namorado.

— Por favor, me chame de Roberto.

— Então, você e Benjamin estão namorando?
— a mãe de Ben perguntou. Com o rosto corado ela assentiu.

— Mas em nenhum momento Benjamin traiu a ex-mulher.

— Ex-mulher? — perguntaram os pais de Benjamin em uníssono.

Amora explicou tudo o que havia acontecido
PERIGOSAS ACHERON

desde o abandono de Melissa. Eles ainda estavam perplexos com a atitude da ex-nora, mas acreditaram em Amora.

Ela parecia realmente se importar com o filho deles. Sua presença na recepção indicava isso.

A primeira atitude que tiveram foi de liberar suas visitas ao filho.

Amora agradeceu e esperou ansiosamente para que o horário de visita iniciasse.

Precisava ver Benjamin.

Depois de dois longos dias, finalmente Amora pode segurar a mão de Benjamin entre as suas. Ele ainda estava intubado, sob suporte de ventilação mecânica e sedado mas, incrivelmente, sua aparência era melhor do que o dia de sua internação.

Os exames mostravam uma melhora na

PERIGOSAS ACHERON

infecção. Os antibióticos estavam fazendo efeito. Os médicos informaram que se ele continuasse respondendo, iriam tentar tirá-lo do ventilador e acordá-lo.

As notícias não poderiam ser melhores.

Beijou a testa de Benjamin e sussurrou em seu ouvido:

— Seus pais estão aqui. Acorde logo e volte para nós. Eu te amo, Benji.

Deixou a UTI e os pais de Benjamin entraram para visitar o filho. Quando voltou à recepção deparou-se com Melissa que a olhava furiosa. Ela aproximou-se pisando forte e segurou no braço de Amora com força.

— Quem permitiu que você entrasse para visitar meu marido? — perguntou entredentes, tentando não chamar atenção das pessoas ao redor.

Ela desvencilhou-se das mãos de Melissa e afastou-se sem dizer uma palavra. Foi seguida pela

PERIGOSAS ACHERON

esposa ciumenta.

— O que você quer de Benjamin, Melissa? —
Amora virou-se fazendo a rival sobressaltar-se.

— Eu... eu sou a esposa dele. Eu tenho direitos sobre...

— Não foi isso que perguntei. Quero saber o que você quer dele. Você sumiu por meses, não atendia as ligações. Só atendeu porque liguei de um celular que você não conhecia. — Fez uma pausa.
— *Me diga*, o que você quer de Benjamin?

Melissa não sabia o que responder. Ela não sentia falta de Benjamin. Soubera, por meio de uma amiga, que ele estava saindo com outra mulher, mas de início não se incomodou com isso. O alívio de ter se visto livre de toda aquela pressão que a doença do marido causava era maior do que qualquer sentimento de posse.

Entretanto quando recebera a ligação de Amora sobre o estado de saúde de Benjamin, ela soubera
PERIGOSAS ACHERON

que aquela mulher estava dormindo com seu marido. Decidiu retomar seu papel de esposa e tomar seu lugar ao lado dele.

Assustou-se quando soube o real estado de saúde de Benjamin, mas ao mesmo tempo vibrou por dentro quando descobriu que todo controle em tudo que o envolvia estava em suas mãos.

Ela sabia que era pura vaidade. Apenas um sentimento de posse, mas sentia-se afrontada com a presença da amante de Benjamin naquele hospital.

Percebera então que era sua chance de afastar Amora da vida do marido. Não sabia o motivo verdadeiro de estar fazendo aquilo. Só sabia que queria fazê-lo.

Porém, naquele exato momento, quando encontrava-se frente a frente com a rival, não sabia o que responder. O que ela queria de Benjamin? Não sabia.

— Melissa? — Helena aproximou-se da nora,
PERIGOSAS ACHERON

com uma raiva contida no olhar. — Por que você o abandonou?

Agora eram duas perguntas que ela não sabia como responder. Melissa sentiu-se acuada. Ela não era uma má pessoa. Só queria ser feliz. Era pedir muito?

Melissa fora feliz com Benjamin, mas tudo acontecera e... e agora ele estava doente e incapaz. Era tão errado assim desejar um marido completo? Sabia que o comportamento dela em relação à Amora era pura vaidade. Tomar o lugar que lhe era de direito, não significava que queria voltar com Benjamin, mas... Como explicar isso de maneira que pudessem entender?

Sem saída, tomou a atitude que já estava familiarizada. Olhou para a sogra, depois para Amora e girou os calcanhares deixando as instalações hospitalares.

Melissa fugira novamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



|CAPÍTULO 19

“As lágrimas não são nada além da recuperação e regeneração da alma e da essência.”

[Iago Bellini](#)

Benjamin nunca se sentira tão aliviado quando retiraram aquele tubo que estava enfiado em sua garganta há tantos dias. Tudo o que restara agora era apenas um cateter nasal, ainda incômodo, mas nada comparado ao tubo orotraqueal.

Ele estava respondendo bem ao tratamento e estava ansioso para sair da UTI. Já recebera alta

da unidade de internação e aguardava ansiosamente sua transferência para o leito de apartamento.

Chegando ao quarto sorriu ao perceber que Amora já o esperava, mas ela não estava sozinha. Seus pais também o aguardavam ansiosos.

Quando finalmente foi instalado em sua cama, Helena correu em direção ao filho e o encheu de beijos e abraços.

— Calma, dona Helena, assim você me sufoca e eu vou ter que voltar *pra* UTI.

A mãe sorriu afetuosa, mas seu pai permaneceu sério.

— Estou decepcionado com você, meu filho. — O aborrecimento em seu rosto era evidente. — Como você pôde fazer isso conosco? Esconder algo tão sério?

Benjamin baixou os olhos envergonhado. Ele sabia que agira errado, mas não queria ter que presenciar aquela cena. Seu pai olhava para sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perna amputada, a mãe sorria para ele, mas com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu vou deixar vocês conversarem. Só queria te ver acordado, Benji. — Amora aproximou-se e deu um beijo no rosto de Benjamin. — Você precisa explicar tudo para seus pais.

— Eu te amo — ele falou em seu ouvido. — E ainda quero um filho seu. Eu ainda estava com minhas faculdades mentais preservadas quando disse aquilo. — Sorriu para ela.

Amora corou, levantou-se e saiu do quarto.

— Ela parece gostar bastante de você, meu filho — falou Helena afagando a cabeça de Benjamin.

— Eu a amo, mamãe — falou em meio a um sorriso.

— E Melissa? — perguntou o pai.

— O que sinto por Melissa hoje em dia é mágoa — respondeu triste.

PERIGOSAS ACHERON

Os pais de Benjamin então contaram tudo o que Melissa havia aprontado no hospital. Inicialmente, ele ficou incrédulo. O que ela pretendia com tudo aquilo? Ele decidira que assim que saísse do hospital, iria dar entrada nos papéis do divórcio. Imaginou como Amora se sentira com a atitude de Melissa. Ele não tinha a intenção de deixar aquilo acontecer novamente.

Benjamin também repetira aos pais a história que eles já haviam ouvido da boca de Amora.

Melissa agora tornara-se definitivamente a ex-nora do casal Passarinho.

Dez dias depois de dar entrada no hospital, Benjamin estava deixando as instalações hospitalares. Entretanto o sossego durou pouco,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pois logo teria que reiniciar sua quimioterapia. Ainda faltavam algumas sessões para o fim do tratamento e não queria arriscar.

Agora, mais do que nunca, ele precisaria se curar.

Sua vida criara um novo sentido. Ele queria um futuro com Amora.

Já em casa, fora acordado com um beijo apaixonado de sua namorada.

— Bom dia, meu amor — dizia ela enquanto acariciava o rosto dele.

— Bom dia, minha linda — respondeu sorrindo, mas logo ficou sério.

— O que foi? — ela franziu a testa.

— Estava pensando por tudo o que passei nesses últimos tempos. Principalmente minha internação.

Amora continuava fitando Benjamin esperando que ele continuasse a falar.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu... eu já tive muito medo da morte, meu amor — falava sério, havia sentado na cama, sendo acompanhado pela namorada. — Mas existem coisas muito mais assustadoras do que morrer.

Apesar de ser acostumada com a morte, ela não gostava de falar sobre aquilo. Principalmente quando era o amor da sua vida enfrentando uma batalha por sua vida. Mas se Benjamin estava falando sobre o assunto, era porque era importante para ele.

— Que coisas seriam mais assustadoras que a morte, Benji?

— Deixar você! — respondeu sem titubear. — Quando os médicos disseram que iam me sedar eu achei que nunca mais iria ver você novamente. Foi então que percebi que meu maior medo é te deixar.

Amora estava tocada. A insegurança que

PERIGOSAS ACHERON

sentira em relação aos sentimentos de Benjamin havia desaparecido. Sabia que o amor que ele demonstrava era real.

Nos últimos meses ele já tinha passado por tantas provas. Ela se orgulhava imensamente do homem que ele era. Forte, resiliente, lutador.

Ela mesma não sabia se conseguiria ser forte o suficiente caso fosse ela a enfrentar essa doença.

Mas entre trancos e barrancos eles iam levando a vida, superando os obstáculos. Um passo de cada vez. Era literalmente isso que Benjamin pensava.

A três últimas sessões de quimioterapia iriam ser realizadas. E depois, um novo futuro.

Benjamin reiniciara as sessões de
PERIGOSAS ACHERON

fisioterapia na mesma semana que iniciaria as últimas três aplicações de sua quimioterapia. Ele havia voltado à estaca zero. Passara muitos dias sem caminhar com a prótese devido a internação, consequentemente a dor no coto retornara.

O peso do corpo apoiado em seu coto que sustentava sua prótese fazia a perna latejar. Benjamin sabia que era somente questão de costume, mas ainda assim era frustrante dar tantos passos para trás após tantos progressos.

Nunca desistir.

Já haviam passado quase seis meses desde a cirurgia de amputação e ele já estava finalizando seu tratamento.

Desde a descoberta do câncer até aquele momento já haviam se passado quase nove meses.

Nove meses afastado do que mais amava fazer, advogar. Nove meses onde havia perdido tanto. Mas também ganhou muita coisa.

Uma nova chance para viver. Um novo modo de ver a vida. Um novo amor.

Benjamin não tinha mais dúvidas. Ele queria Amora ao seu lado para sempre. Queria ela como sua esposa e companheira para o resto da vida.

Quando chegou na clínica para administração da sua última sessão de quimioterapia foi recebido por todos com muito carinho. Finalmente ele se veria livre daquelas medicações que alteravam tanto o funcionamento do seu corpo. Era um mal necessário, mas Benjamin não sentiria saudade daquele tratamento.

Ao deixar a clínica chorou de emoção.

Benjamin lembrara da primeira vez que compareceu ao local. A perna imobilizada, o uso de PERIGOSAS ACHERON

muletas e o medo no olhar. Agora, quase nove meses depois, ele caminhava sem ajuda de nenhum suporte, utilizando apenas sua prótese, a alma completamente renovada.

Olhou para a mão esquerda. A aliança que antes repousava em seu dedo, que representava seu casamento com Melissa já não existia mais. Entretanto ele desejava ardentemente que uma nova união fosse selada por meio de um anel em seu dedo esquerdo.

Queria casar com Amora. Sua enfermeira, sua companheira, o amor de sua vida.

O único impedimento era seu matrimônio com Melissa. Entrara em contato com ela, que prometera assinar os papéis do divórcio, mas sempre alguma desculpa era dada para que ela deixasse de finalizar a documentação.

— Ela está te fazendo de besta, Benjamin — falou Dante colocando sal grosso na carne que iriam colocar na churrasqueira.

Era aniversário de sete anos do pequeno Dante e estava tendo um churrasco na casa de Angel, para comemoração.

— Sempre é uma desculpa, Dante. Já estou perdendo a paciência. E logo, logo, Amora também.

— A coisa está séria mesmo, não está?

— Sim. Amo essa mulher. Estou pensando em pedi-la em casamento — confessou.

A carne agora chiava na churrasqueira, exalando um odor convidativo. Os convidados estavam famintos. Benjamin, que agora já caminhava sem nenhuma dificuldade com sua prótese, cortava os pedaços de carne que já estavam prontos e distribuía entre os convidados.

Quando a fome dos convidados havia sido aplacada, ele voltou para junto da churrasqueira.

— Vou repetir todos meus exames na próxima semana. Quando tudo tiver normal, e eu tenho fé de que tudo estará bem, vou pedir a mão de Amora em casamento.

— E Melissa? O que pretende fazer com ela?

— Vou ter que dar entrada no divórcio litigioso.

Os amigos continuaram conversando sobre assuntos diversos, enquanto Amora mimava Isabella, filha de sua mais nova melhor amiga, Angel.

A filha de Dante estava com mais ou menos um ano e meio e andava de um lado para o outro, sendo seguida pela nova titia.

Benjamin a observava encantado. Lembrara de quando fora internado devido a uma pneumonia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e no que tinha dito para a namorada antes de ser sedado. Ele queria um filho dela. Esse sentimento continuava presente.

Queria ser pai. E queria Amora como mãe de seu filho.

O pequeno Dante aproximou-se correndo e parou entre o pai e o tio.

— Ei, olha essa pressa, menino — repreendeu Dante.

— Estamos montando um time de futebol, vem jogar, papai. Tio Ben, o senhor também. Todo mundo te quer no time.

Benjamin olhou curioso.

— Posso saber por quê?

— Porque seu chute deve ser ultra, megaforte.

Benjamin riu com a observação do afilhado.

— Não sei se consigo correr sem cair. Acho que vou ficar só olhando você e seu pai jogarem.

PERIGOSAS ACHERON

— Está com medo? — Provocou Dante.

— De cair? Sim — respondeu a provocação do amigo.

— Pensa bem, Benjamin. Se você cair, pelo menos só rala um joelho.

— Muito engraçado, mas dispenso. Eu fico cuidando da carne, vai brincar com seu filho, vai.

Quando afastou-se um pouco, Benjamin começou um acesso de tosse que fez com que Dante virasse e olhasse o amigo de forma desconfiada.

— Está tudo bem?

Benjamin não respondeu.

— Da última vez eu tirei suas muletas. Quer que eu arranque a perna agora? — ameaçou. — O que está havendo, Benjamin?

— É só uma tosse, Dante. Está tudo bem comigo. Deve ser da fumaça.

Continuou a olhar Benjamin desconfiado, mas

PERIGOSAS ACHERON

não discutiu mais. Saber que ele realizaria exames detalhados o deixava mais tranquilo.

Na hora dos parabéns o aniversariante juntou-se a seus pais e Isabella que estava no colo de Dante. Todos estavam reunidos em volta da mesa do bolo e a cantoria começou.

Amora colocou-se ao lado de Benjamin, ele enlaçou sua cintura com a mão e a puxou para perto.

— Fez amizade com a pequena Isabella? — sussurrou em seu ouvido enquanto todos entoavam os parabéns.

— Ela é uma fofa. — Ela batia palmas seguindo o ritmo da canção.

— Podíamos fazer um também.

Amora olhou para Benjamin, sorriu, mas não disse nada.

— Estou falando sério, amor. — Ele a beijou na base do pescoço o que a fez rir devido às

PERIGOSAS ACHERON

cócegas.

— Eu adoraria carregar um filho seu, amor.
Mas tudo ao seu tempo.

Ele frustrou-se, mas não comentou mais nada.

Para Benjamin, não havia tempo a perder. Ele enxergava a vida de outra forma. Não poderia deixar para depois o que podia realizar imediatamente.

O tratamento havia terminado. Ele estava se adaptando a sua nova prótese. Iria dar entrada no divórcio e pediria Amora em casamento. Um filho era só mais um acréscimo nessa equação que tinha tudo para dar certo.

Chegaram em casa e Benjamin foi logo retirando a prótese o que lhe rendeu um suspiro de alívio, ao mesmo tempo em que Amora gemia de prazer quando retirou o sapato que apertava o seu

PERIGOSAS ACHERON

pé.

— Quem está mais aliviado, eu ou você, Benji?

— Acho que você, amor. Não cheguei ao ponto de gemer ao tirar minha prótese.

Ambos riram.

Para Benjamin não era mais um tabu ou um problema falar sobre sua deficiência. E Amora nunca o tratara como tal. Lembrou da primeira vez em que ela o viu sem a perna. De como impedira que o ajudassem a apanhar a muleta que ele havia derrubado no chão.

Admirava aquela mulher.

Benjamin não era incapaz. Nunca fora. E mesmo com sua deficiência, era tão capaz com alguém com duas pernas.

Voltara a tossir.

— Não estou gostando nada disso, amor. Tenho reparado essa tosse, não pense que não notei. — Aproximou-se encostando o dorso da mão na testa

dele.

— Não estou com febre. Muito menos indisposto. É só uma irritação na garganta. Estou bem. — Retirou a mão dela com delicadeza.

A puxou para cima dele e Amora posicionou-se em seu colo. Benjamin tomou sua boca com desejo. Com avidez retirou sua blusa e com habilidade, desabotoou o sutiã da namorada liberando seus seios para que ele pudesse ter todo acesso.

Os beijos e mordidas de Benjamin faziam Amora rebolar o quadril contra o namorado, enlouquecendo-o. Livraram-se do restante das roupas e entregaram-se ao prazer. Após o gozo dos amantes, estavam ofegantes, suados e completamente satisfeitos.

— Esquecemos da proteção, amor — observou Benjamin.

— Eu sei — respondeu ela sorrindo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



|CAPÍTULO 20

“É parte da cura o desejo de ser curado.”

[Sêneca](#)

O dia ia ser longo. Amora deixara Benjamin no hospital onde ele realizaria vários exames para checar seu estado de saúde.

A quimioterapia havia finalizado e teoricamente, o seu tratamento também. Além de uma ressonância da perna, ele também faria uma tomografia de tórax, pelve e abdome para detectar algum tipo de metástase.

Esse era o seu maior medo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando descobriu sobre seu câncer o médico deixara bem claro que em casos de metástases para outros ossos, a sobrevivência caía de oitenta por cento para apenas quinze.

Ele sabia que o órgão mais atingido em metástases devido ao osteossarcoma era o pulmão e a tosse que sentia o deixara com um peso nas costas.

Será que toda luta dele fora para nada?

Quando terminou os exames levaria alguns dias até ter os resultados. Deixou o hospital e pegou um táxi à procura do shopping mais próximo do hospital. Não perderia mais tempo.

Procurou uma joalheria em busca do anel de noivado perfeito.

Benjamin aprendera a não desperdiçar mais nenhum minuto de sua vida. Cada dia era precioso.

Saiu da loja animado, com um pacotinho nas mãos e uma dúvida na mente.

PERIGOSAS ACHERON

Como ele iria fazer o tão sonhado pedido?

Três dias depois ele voltou ao consultório médico com os exames em mãos. Sentou na cadeira localizada em frente ao médico e entregou os laudos ao doutor. Ele estava nervoso, as mãos suadas, o coração acelerado. Até quando iria enfrentar aquele tipo de sentimento? A angústia já fazia parte de sua rotina há meses. Sempre que algo acontecia, Benjamin temia más notícias.

O médico iniciou a análise dos exames de sangue, informando que tudo estava dentro dos índices de normalidade.

Um já foi. Respirou aliviado.

A ressonância da perna não indicava nenhum resquício de que um dia, Benjamin fora acometido de algum tipo de câncer. O tumor havia

PERIGOSAS ACHERON

sido extirpado com total sucesso.

Mais um suspiro aliviado.

Quando chegou a hora de analisar a tomografia começou a esfregar as mãos nervosamente. Uma gota de suor se formara em sua fronte. O silêncio do médico era ensurdecedor.

— Você me disse que está apresentando tosse? — perguntou o médico tirando os olhos do exame e olhando para seu paciente.

— Sim. Uma tosse seca.

— Entendo. — O médico voltara a fitar o exame.

— Algum problema? — perguntou sem ter a certeza de que queria saber a resposta. Mas pelo semblante do médico Benjamin sabia que sua luta ainda não havia chegado ao fim.

— O exame apontou dois micronódulos sólidos no seu pulmão, um medindo 0,3cm no lobo inferior esquerdo do seu pulmão e outro medindo

PERIGOSAS NACIONAIS

0,4cm no lobo médio.

— Metástase?

— Em pacientes que nunca tiveram história de câncer geralmente são achados benignos, mas com seu histórico não podemos relaxar.

Benjamin engoliu em seco.

— Mas você teve uma pneumonia. Pode ser apenas uma cicatriz que se formou em seu pulmão.

Benjamin colocou as mãos na cabeça em desespero.

Não podia ser!

Ele passara por tantas dificuldades. Achara que finalmente seu tratamento chegara ao fim.

Lembrou do pacote que escondera em seu guarda-roupas, que guardava as alianças de noivado. Seria justo pedi-la em casamento sabendo que agora só tinha quinze por cento de chances de sobreviver?

PERIGOSAS ACHERON

— O que faremos agora? — Ele não iria desistir.

— Primeiro uma biópsia.

— E depois? — perguntou desanimado.

— Caso seja maligno, cirurgia e quimioterapia.

De novo não!

Pelo menos ele ainda tinha alguma esperança de que aquilo fosse apenas tecido cicatricial.

— Para quando pode marcar a biópsia?

Saiu do consultório com o procedimento marcado para daqui a dois dias. Seria realizado uma biópsia com agulha, nada invasivo. Ele poderia ir para casa no mesmo dia.

Pelo menos não preciso contar para Amora.
Pensou aliviado.

Só daria notícias para a namorada quando tivesse algo concreto para falar.

Combinara que passaria na clínica de quimioterapia para encontrar-se com ela, mas não queria contar sobre o resultado do exame. Decidiu caminhar um pouco.

Já estava completamente adaptado à sua prótese. A dor agora era inexistente. Os olhares das pessoas na rua não o incomodavam mais.

A mente começou a ficar inquieta novamente. Como ele iria dizer a Amora que poderia estar com metástase pulmonar? Aquela tosse seria indício disso? O médico prescrevera um xarope para ele tomar, mas caso seu câncer tivesse voltado não seria um simples xarope que resolveria o problema.

Benjamin não sabia se conseguiria enfrentar uma nova sessão de quimioterapia. Seu cabelo já começara a crescer. Ele já recuperara suas forças.

Não.

Por favor, Deus! De novo não. Rezou mesmo não sendo muito religioso.

Decidiu ir para casa. Precisava pensar em como contar a Amora.

Quando Amora chegou do trabalho encontrou Benjamin dormindo no sofá. Os exames jogados na mesa de centro.

Os olhos pousaram nos exames espalhados. Com cuidado para não acordar Benjamin, pegou os laudos e começou a analisá-los.

Depois que leu cada um deles o coração apertou. A tomografia pulmonar mostrava o seguinte laudo:

Micronódulos pulmonares sólidos, não calcificados, de aspecto incaracterístico devido à pequenas dimensões.

Um nódulo havia sido encontrado em seu pulmão.

Metástase pulmonar, pensou.

Ele sabia que as chances de sobrevivência após uma osteossarcoma metastático eram poucas, mas enquanto houvesse vida, havia chance de cura.

Tocou no braço de Benjamin e o acordou. Ele olhou em seus olhos e imediatamente sabia que ela vira os exames. Sem falar nada a puxou para si e a abraçou como se sua vida dependesse daquilo.



|CAPÍTULO 21

“Ainda espero conquistar o
mundo que sonhei,
Não deixo a insegurança
roubar a minha esperança...”

[Josyas](#)

— Estou com tanto medo. — Benjamin não conseguia soltar Amora.

— O que o médico disse? — Ela também estava assustada com a possibilidade de uma metástase.

Ele explicou o que o médico dissera. A

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

realização de uma biópsia iria descartar ou confirmar a metástase e o xarope iria resolver ou não o problema de sua tosse.

— Não há de ser nada — repetia Amora tentando acalmar Benjamin. — Você vai ver, não há de ser nada.

Ele a mantinha junto de si. Tentava conter o desespero que sentia com a possibilidade de uma piora em seu estado de saúde.

Por incrível que pareça, não era o medo da morte que assolava os pensamentos do jovem, mas sim da incerteza do futuro. Ele precisava de Amora em sua vida. Ansiava por um futuro ao seu lado. A possibilidade disso lhe ser negado com sua morte prematura o amedrontava.

Eu preciso tê-la por mais tempo. Ainda não vivemos o que tínhamos de viver.

As mãos estavam trêmulas e o olhar apático denunciava o seu estado de espírito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu preciso de mais. — A voz grave saiu com um tremor que demonstrava todo o medo que sentia. — Eu necessito de mais de nós dois. Nossa história não pode acabar assim — desabafou caindo em um choro silencioso, que foi acompanhado pela companheira.

Pouco tempo depois ele estava soluçando.

— Pelo amor de Deus, Benji, se acalma! — Abraçava Benjamin desejando usurpar para si todo desespero que tomava o coração e a mente do amado.

Ele tomou o rosto de Amora em suas mãos e a beijou desesperadamente. Era como se a qualquer momento, ela fosse se liquefazer e se desmanchar sob suas mãos. O amor que Benjamin sentia por aquela mulher não cabia mais em seu peito. Havia transbordado por todo o seu ser. Ele estava inundado de paixão. De desejo. Um sentimento de luxúria começou a tomar posse de sua alma.

PERIGOSAS ACHERON

O beijo antes desesperado, tornou-se intenso, sedento, faminto.

Colocou-a de pé, desabotoou a calça dela, retirando-a com destreza, deixando-a apenas de calcinha e blusa. Benjamin olhou para cima indo de encontro ao olhar lascivo de Amora. Com um movimento de pernas, ela livrou-se do jeans. Os olhos vermelhos e inchados de Benjamin, devido ao choro, agora estavam injetados de desejo.

A visão de Amora o fazia ansiar por sexo. Ainda com os olhos fixos nos dela ele abaixou a calcinha e a beijou fazendo-a contorcer-se de prazer. Ela arfava, e quanto mais se mexia, mais Benjamin intensificava aquele beijo em sua intimidade.

Um sorriso safado escapou de seu rosto quando a sentiu pulsar em meio a sua língua e carícias. Ele recostou-se no sofá, enquanto Amora retomava o fôlego perdido. Livrou-se da bermuda que vestia,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

abaixando-a e puxou o corpo dela em direção ao seu quadril. O encaixe foi perfeito.

O vaivém rítmico dos amantes misturava-se com gemidos, sussurros indecentes e respirações pesadas e compassadas até que o ápice finalmente fosse atingido e os dois amantes caíssem na exaustão.

Ainda encaixada em seu parceiro, Amora beijava-lhe a boca, agora de forma delicada e amorosa.

— Estou tão feliz que você está aqui — ele disse passando os dedos no contorno de seu rosto.

— Eu sempre estarei do seu lado, meu amor — ela respondeu, reclinando a cabeça em direção ao seu toque.

— Tenho medo — confessou afastando Amora delicadamente de dentro de si e fazendo-a sentar ao seu lado.

Vestiram a roupa em silêncio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— De quê? — Ajeitou-se no sofá, ao lado dele e fixou o olhar no seu.

— De que tudo isso aqui — apontou para os dois —, tenha sido apenas um sonho. Medo de voltar à realidade, onde ainda não me livrei desse maldito cân...

— Ei... — Amora colocou os dedos nos lábios de Benjamin, fazendo-o calar-se. — Independente do que acontecer, daqui *pra* frente, eu sempre estarei aqui.

— Eu queria tanto te fazer feliz. — Beijou-lhe os lábios com delicadeza.

— Você me faz feliz! — Devolveu o beijo que lhe foi dado.

— Você sabe o que eu quero dizer, Amora. — Afastou-se dela encarando-a nos olhos.

— Não, não sei, Benjamin.

Amora levantou e caminhou para longe. Ele ficou observando enquanto ela se afastava.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu queria ser completo *pra você*, e quando digo isso não estou querendo falar em relação a isso aqui. — Apontou para sua prótese. — Eu... eu queria ser saudável, te proporcionar um futuro cheio de planos e não repleto de medos e incertezas.

Ele baixou a cabeça, enquanto Amora analisava-o. Ela então calçou os sapatos, pegou a bolsa e caminhou em direção à porta.

— Aonde você vai? — ele perguntou com uma voz baixa.

— Deixar você pensar — respondeu. — A vida é feita de escolhas, Benji, e eu escolho estar ao seu lado. Sem medo, sem receios e sem tempo predeterminado. Ninguém sabe se teremos somente mais um dia, um mês ou trinta anos e não vou viver minha vida ao seu lado pensando no tempo que podemos ter. Vou viver pensando no que já temos. E quero que você também pense nisso.

Sem dizer mais nenhuma palavra ela girou nos calcanhares, fechou a porta atrás de si e deixou Benjamin imerso em seus pensamentos.

Dois dias depois ele estava no hospital pronto para fazer a biópsia das lesões encontradas no seu pulmão. Desde que Amora o deixara sozinho em sua casa para que pudesse pensar que não falava com ela.

O desejo de procurá-la era quase incontrolável, mas ele não queria ser irresponsável. Ele precisava saber se ainda estava doente. Somente assim, poderia pensar em um futuro com Amora. Ele sabia que eles poderiam ser felizes juntos, mas o fantasma do câncer ainda assombrava a mente de Benjamin.

Amora também não o procurou. Estava

PERIGOSAS ACHERON

respeitando o tempo dele e esperaria que o próprio Benjamin fosse ao seu encontro.

Ele chegou ao hospital pela manhã e iniciou os procedimentos para realização da biópsia. Seria utilizado uma agulha para colher amostras dos nódulos encontrados. Apesar do nervosismo era um procedimento simples que duraria menos de uma hora.

Foi colocado em uma recepção para esperar o procedimento, pois não precisaria ficar internado. O tempo foi passando e nada de Benjamin ser chamado para realização da biópsia. Ele já estava começando a ficar nervoso.

— Com licença! — Aproximou-se de uma funcionária do hospital. — Dr. Eduardo já chegou para realizar minha biópsia?

— Desculpe, Sr. Benjamin, estamos tentando entrar em contato com o médico, mas não estamos conseguindo. Além do senhor temos outros

PERIGOSAS ACHERON

pacientes aguardando ele. Minhas sinceras desculpas.

Será que havia acontecido algo? Ele agradeceu e sentou-se novamente na recepção. Duas horas mais tarde foram informados que os procedimentos do dia haviam sido adiados. A noiva do médico sofrera um acidente de carro e morreria naquela manhã.

Todos ficaram chocados com a notícia. O casamento iria ser dentro de alguns meses. Benjamin tentou se colocar no lugar de seu médico, mas não conseguiu. Tantos planos, tantos sonhos que terminaram assim, de uma hora para outra.

Saiu do hospital rumo à sua casa, pensando na segunda chance que a vida estava lhe dando. Ao chegar foi em busca do pacotinho que jazia escondido a sete chaves em seu guarda-roupas.

Não tenho tempo a perder!

Desde que realizara a cirurgia de amputação

da perna e depois, quando colocou a prótese, que Benjamin adotava a bermuda como sua roupa favorita. Não se importava com os olhares nas ruas e a vestimenta facilitava na hora de colocar e tirar a prótese. Mas aquela ocasião pedia algo diferente.

Já em seu quarto, removeu a prótese de sua perna, tirou a roupa e foi para um banho quente e relaxante. Já limpo, abriu o guarda-roupas e ficou avaliando o que usar. Não queria nada sério, mas também queria ficar bonito para Amora.

Escolheu uma calça jeans preta, uma camisa básica branca e por cima uma jaqueta jeans de um azul mais claro, para completar o visual, um tênis branco bem casual. O cabelo, embora já pudesse ser visto, ainda estava bastante curto, portanto ele não poderia fazer muito a respeito e apenas passou a mão para deixá-lo apresentável.

Perfumou-se e se olhou no espelho. Enxergou o homem antes da doença. Duas pernas, boa pinta, PERIGOSAS ACHERON

um jovem que atraía olhares femininos por onde passava. A calça jeans escondia sua prótese, ele estava com o aspecto mais saudável, apesar dos quilos perdidos. Sorriu.

Pegou um táxi, dessa vez rumo a clínica de oncologia.

Chegando lá rumou para a sala de medicação onde Amora sempre ficava. Ela estava em seu balcão, fazendo algumas anotações nas fichas dos pacientes.

— Eu te amo! — disse alto o suficiente para que tanto Amora, quanto todos na sala olhassem em sua direção.

Ela o encarou assustada, olhando para aquele pedaço de homem que chamava a atenção de todos por sua beleza e olhar apaixonado.

— Benji... — Amora fez a volta no balcão e deu dois passos tímidos na direção dele.

— Quando eu descobri que estava doente, eu

PERIGOSAS ACHERON

nunca havia sentido um vazio tão grande na minha vida — começou a falar fazendo todos os presentes prestarem atenção em suas palavras —, foi um longo caminho percorrido até aqui, e digo que não foi um caminho fácil — prosseguiu. — Passei por medos, decepções, desapontamentos, mas a vida me trouxe até você. — Apontou para Amora que baixou a cabeça envergonhada.

Havia um silêncio cheio de expectativa naquela sala. As pessoas não ousavam respirar alto com medo de interromper a declaração do amante apaixonado.

— Toda vez que te vejo, Amora, eu enxergo a chance de ser feliz novamente. Toda vez que te beijo e sinto o teu gosto — sorriu de forma maliciosa arrancando risinho dos presentes —, eu percebo que a vida é muito mais doce do que imaginamos.

Benjamin tateou o bolso da calça dando um

PERIGOSAS ACHERON

suspiro de alívio quando notou a pequena caixinha que repousava ali.

— Eu espero do fundo do meu coração que eu tenha a possibilidade de viver um futuro ao seu lado — ele continuou —, mas desejo muito mais do que isso, desejo eternizar nosso presente, gravar a ferro e fogo todas as lembranças que eu consiga construir contigo *pra* que, caso um dia eu não consiga estar ao seu lado, eu existir pelo menos dentro de sua memória.

Amora já se debulhava em lágrimas emocionadas. As mulheres que estavam presentes no local soltavam tímidos ow, e awn a cada palavra proferida por Benjamin. A emoção tomava conta do local.

— Por isso, enfermeira Amora. — Benjamin retirou o pequeno objeto do bolso. — Você deseja se casar comigo? — abriu a pequena caixinha que continha duas alianças de ouro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Amora deu mais dois passos em sua direção e pode sentir a respiração de Benjamin em seu rosto. Ela abriu um sorriso emocionado, abriu os braços e o abraçou com todo amor do mundo.

— Claro que aceito!

Os espectadores começaram a bater palmas parabenizando o jovem casal apaixonado.

Benjamin pegou a mão de Amora que estava trêmula de emoção, colocou a aliança em sua mão direita e selou o pedido com um beijo singelo na aliança que agora repousava em seu dedo.

— Eu ia me ajoelhar, mas tive medo de me desequilibrar e cair — confessou em meio a um sussurro.

Ela riu e beijou-lhe os lábios.

— Foi lindo — falou para o noivo.

— Eu te amo, Amora.

— Eu te amo, Benjamin.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



|CAPÍTULO 22

“O futuro pertence
àqueles que acreditam na
beleza de seus sonhos.”

[Eleanor Roosevelt](#)

Uma semana depois do pedido de noivado, Benjamin finalmente estava realizando a biópsia para investigação do nódulo encontrado em seu pulmão. Mesmo sabendo que o resultado do exame não definiria como ele iria viver sua vida, uma pontada de preocupação se formou no peito dele

quando deu entrada no hospital.

Dessa vez ele não esperara muito tempo para o procedimento. Conversou com seu médico, deu suas condolências pela morte da noiva do oncologista e logo foi encaminhado ao centro cirúrgico.

Menos de duas horas depois, já estava sendo liberado com apenas um pequeno curativo em seu tórax, local onde a agulha havia sido inserida. Agora só restava esperar. Os resultados sairiam em poucos dias.

A oficialização do noivado havia sido marcada para daqui a um mês, tempo que os noivos julgaram suficiente para realizarem os últimos exames e processarem o resultado, independente de qual fosse.

Benjamin também teria que se preocupar com algo que ainda estava pendente a ser resolvido. Seu casamento com Melissa. Finalmente ela concordara

PERIGOSAS ACHERON

em encontrar com ele para uma conversa sobre a possibilidade de um divórcio amigável. Ele queria se ver logo livre daquelas amarras para que pudesse casar com Amora o mais rápido possível.

Seria um mês um pouco conturbado na vida do casal.

Benjamin acordou com as mãos de Amora acariciando seu abdome com a ponta das unhas. O que fez com que os pelos do seu braço se eriçassem devido às cócegas.

— Bom dia, minha enfermeira. — A beijou na cabeça, que repousava em seu peito.

— Bom dia, meu paciente. — Ela ergueu a cabeça e sorriu para ele.

— Coisa esquisita — disse Benjamin franzindo a testa de repente.

— O que foi? — Amora sentou na cama olhando-o de forma curiosa.

— Meu pé *tá* coçando — falou.

— Então coça, ué. — Deu de ombros.

— Se eu tivesse um pé coçava! — Sentou-se na cama e começou a coçar a coxa direita. — Meu pé direito *tá* coçando, amor.

Benjamin buscava o ponto exato da coceira que sentia, mas sabia que era impossível de achar.

— Mas que inferno! — Coçando sua coxa, o coto, a cicatriz, mas nada aliviada a sensação.

— Vem tomar banho — o puxou pelo braço —, já essa sensação passa.

Benjamin pegou as muletas que ainda utilizava quando estava sem a prótese e foi tomar o banho matinal ao lado de Amora.

A sensação de coceira já não existia mais.

Benjamin estava vestido de forma despojada e utilizava sua toca oversized que havia sido sua companheira por tanto tempo durante a quimioterapia.

— Você não precisa mais disso, Benji. —
Amora apontou para a touca na cabeça dele.

— Eu sei, mas gosto. Acabei me acostumando
— falou enquanto tomava um gole do seu café.

— Que horas é sua consulta com Dr. Eduardo?

— Nove horas.

— Te deixo lá antes de ir ao trabalho.

— E se as notícias não forem boas? — ele perguntou preocupado.

— Então lidaremos com elas da melhor forma possível.

Ele assentiu e terminaram o café sem mais palavras.

Saíram em silêncio e todo o caminho foi percorrido sem interação do casal. Amora sentia o

nervosismo de Benjamin, e tranquilizava-o apenas com o toque de sua mão.

— Espero que dê tudo certo — ele disse quando desceu do carro.

— Já deu tudo certo, independente do que o exame disser.

O coração palpitava quando ele entrou na sala do médico e sentou na cadeira à frente da mesa do oncologista. Dr. Eduardo entrou com o resultado em mãos e sentou-se encarando o seu paciente.

Benjamin tentava manter-se calmo, mas a perna esquerda balançava nervosamente enquanto o médico analisava o resultado do exame. As mãos voltaram a suar e a boca ficou seca.

Dr. Eduardo dirigiu a ele um sorriso cheio de boas notícias. As feições, antes sérias do médico, aplacaram-se e foi quando o paciente soube que tudo estava bem

— Não há nenhuma indicação de malignidade

nesses micronódulos encontrados no seu pulmão, Benjamin. Você teve uma pneumonia, pode ser apenas tecido cicatricial. Não há porque se preocupar.

Benjamin ainda mantinha-se calado, como se esperasse que um mas, ou um porém fosse ser dito pelo médico. Entretanto nada de desagradável veio.

— Estou te dando alta do seu tratamento. Daqui a seis meses repetiremos todos os exames e depois faremos um acompanhamento anual. Não iremos descuidar do seu caso.

— Estou curado? — A animação na sua voz era notória.

— Por hora sim, Benjamin! Mas não iremos descuidar. Exames anuais, acompanhamento de perto e qualquer coisa estranha que você sentir é só avisar.

— Acabaram as *quimios*? — Os olhos estavam marejados.

— Acabaram as *quimios*.

— Posso te dar um abraço?

— Claro que pode. — O médico levantou-se, Benjamin fez o mesmo e os dois abraçaram-se. O paciente cheio de gratidão e o profissional emocionado com mais um caso com final feliz.

A indecisão do que fazer em seguida lhe tomou o peito. Procuraria Amora ou daria o próximo passo para retomada de sua vida?

Apesar de desejar profundamente compartilhar com ela as boas novas, decidiu que primeiro, iria tentar recomeçar de onde parou.

Benjamin pegara um táxi e pediu ao motorista que o levasse até seu antigo escritório. Já que ele ganhara uma nova chance para viver, iria recomeçar tentando conseguir seu emprego de volta. Advogar era o que mais gostava de fazer.

PERIGOSAS NACIONAIS

Entrando na sede da firma foi recebido de forma calorosa pelos funcionários locais, que logo disseram o quanto sentiam falta dele no ambiente de trabalho.

— Eu não acredito no que estou vendo! — Álvaro Santos, sócio mais antigo da firma recebeu Benjamin de braços abertos. — Que bom te ver aqui, filho.

— Se me aceitarem de volta, estou pronto *pra* voltar ao trabalho. — Foi direto ao ponto.

— Já disse que adoro sua determinação, meu rapaz?

— Algumas vezes.— Sorriu lembrando dos momentos de escritório onde era admirado pelos colegas por seu profissionalismo.

Benjamin estava nervoso. Apesar de saber que haviam dito que a vaga na firma era dele para quando terminasse o tratamento sabia que no mundo real, as coisas não eram tão simples assim.

PERIGOSAS ACHERON

Álvaro Santana avaliava o ex-funcionário e não pôde disfarçar o olhar que deu para a perna mecânica que agora ocupava o lugar do membro inferior direito de Benjamin.

— Estou impressionado com sua recuperação rápida, mas... — olhou para a prótese —, o que aconteceu com sua perna?

— Tiveram que amputar, devido ao câncer!

— Sinto muito!

— Não sinta! Foi o que salvou a minha vida.

Benjamin já se sentia totalmente confortável com sua situação atual. Não existiam motivos para terem pena dele ou acharem que sua vida tinha se transformado em um martírio somente pelo fato de ter tido que amputar a perna.

Ele estava feliz. Ele era feliz! Tinha ao seu lado a mulher de sua vida, a saúde restaurada, só faltava o emprego para sentir-se completo.

Os dedos de Álvaro Santos tamborilavam em

PERIGOSAS ACHERON

sua mesa de mogno. Benjamin daria sua vida para saber o que o dono da firma de advocacia estava pensando.

Será que ele estaria questionando a habilidade de Benjamin, agora que ele era deficiente físico? Até o presente momento ele não tivera problemas relacionados a preconceito contra pessoas portadoras de alguma deficiência, mas sabia que esse dia iria chegar. Apesar dele fazer praticamente tudo o que fazia antes da amputação, ainda precisava se acostumar com as pessoas tratando-o de forma diferente pelo simples fato de lhe faltar uma perna.

Eu consigo apanhar isso no chão, pensava toda vez que deixara algo cair e todos queriam lhe ajudar. Entendia a boa vontade das pessoas, até agradecia pela solicitude, mas algumas vezes ele queria simplesmente dizer que o que lhe faltava era a perna e não os dois braços.

Permaneceu encarando o seu chefe. Um silêncio instalou-se no local. A expressão do rosto do homem de cinquenta anos era indecifrável.

— Eu entendo caso a vaga já tenha sido ocupada, Dr. Santos. Eu... — ele estava decepcionado, mas sabia que não podia exigir seu emprego de volta... — Eu gostaria de agradecer imensamente por tudo o que aprendi com o senhor e os outros sócios.

Levantou-se na menção de ir embora, mas um gesto de Álvaro o fez parar.

— Estou pensando, Benjamin. Sabe que saio de órbita quando fico analisando alguma coisa.

— E posso saber o que tanto pensa? — A curiosidade começava a invadir a mente do jovem advogado.

— Quais clientes seriam mais adequados para o seu retorno. Não queremos nada muito complexo, queremos que você comece com um ritmo mais

leve, mas também você é um excelente advogado, e temos casos que estão nos tirando o juízo.

— Aceito algo simples — disse apressado. — Ou complicado... Tanto faz... O que eu quero é voltar a trabalhar... — O sorriso tomou conta de seu rosto. — Isso quer dizer que.... Ainda tenho o meu emprego?

— Claro, rapaz! — Álvaro sorriu mostrando os dentes amarelados. — Você começa segunda-feira.

— Estarei aqui, senhor. — Caminhou em direção a saída.

— Benjamin! — Álvaro chamou o rapaz que girou o corpo e encarou o patrão. — Seja bem-vindo de volta.

Quando Amora chegou em casa após o dia de trabalho foi em busca do noivo na sala, no quarto, na cozinha, mas não o achou. Percebeu

então que a luz do pequeno escritório que ele mantinha em sua residência estava aberta. Entrando, visualizou Benjamin imerso em dezenas de papéis.

As muletas estavam ao seu lado. Benjamin já estava sem a prótese.

— O que está fazendo, Benji? — Ele ergueu os olhos e a viu recostada na porta, os braços cruzados e o olhar curioso.

Sem falar nada ele levantou, pegou as muletas e foi em sua direção a puxando pela cintura. Deu-lhe um beijo cheio de saudade.

— Estava com saudades — disse com os olhos fechados depositando outro beijo nos lábios da jovem.

— Eu também estava com saudades. O que houve, amor? Você não me mandou mensagens, não deu notícias. Eu... — hesitou —, as notícias não são boas? Que tantos papéis são aqueles?

Benjamin a fitou, seus olhos verdes estavam brilhantes e cheios de vida. Os olhos amendoados o encaravam confusos.

— Aqueles papéis ali, são do escritório, preciso me familiarizar com os casos que irão ser repassados *pra* mim segunda-feira.

— Escritório? Mas... — Amora parou de falar parecendo entender o que ele queria dizer. — Você vai voltar ao trabalho? — Sua voz estava um pouco frenética.

Ele fez que sim com a cabeça.

Amora deu um pulo em seu colo o que fez com ele se desequilibrasse e os dois fossem ao chão.

— Você ainda me mata, mulher! — Ele teve que rir com a queda.

— Estou tão feliz!

— Começo segunda-feira. Já que estou de alta do meu tratamento eu resolv...

Amora colocou a mão na boca de Benjamin

PERIGOSAS ACHERON

calando-o.

— Como é? Está de alta? Isso quer dizer que...

Ele sorriu de volta acenando que sim. Amora deu um grito de felicidade.

— Isso merece uma comemoração — falou enquanto retirava a blusa e ajudava o noivo a despir-se.

— Melhor comemoração, impossível!

Sorriu puxando o corpo de Amora para si.



|CAPÍTULO 23

“Que o teu trabalho seja perfeito para que, mesmo depois da tua morte, ele permaneça.”

[Leonardo da Vinci](#)

A segunda-feira amanheceu cheia de preguiça, mas recheada de expectativas. A vida retomaria para sua normalidade. Emprego, obrigações, responsabilidades. Como Benjamin sentiu falta disso.

As pequenas coisas do dia a dia agora o encantavam.

— Eu não sabia que tinha em minhas mãos um

PERIGOSAS NACIONAIS

advogado tão bonito e gostoso — dizia Amora enquanto admirava Benjamin usando uma calça social cinza, com uma camiseta de botão branca e um terno combinando com a calça. Uma gravata azul marinho completava o look. Ele utilizava um sapato social preto.

Ele era um jovem e bem-sucedido advogado. Seria o primeiro dia de trabalho depois de quase um ano afastado devido a sua doença. Ele estava se sentindo bem. A vida seguia seu curso e nada poderia estar caminhando da melhor forma possível.

Ele tinha a mulher que amava ao seu lado, o emprego que desejava e o único porém para uma felicidade completa tinha nome e endereço. Uma ex-mulher que estava evitando-o a todo custo.

— Depois do trabalho eu vou passar na casa de Melissa, meu amor — olhou para Amora esperando alguma reação dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sozinho? —Pôde sentir uma pontada de ciúmes.

— Consegui finalmente que ela concordasse em conversar comigo sobre o divórcio. Quem sabe conseguimos logo as malditas assinaturas para darmos entrada no processo de separação? — Estendeu a mão para a noiva e a puxou para si.

— Não gosto de saber que você está na casa da sua ex-mulher. — Fez biquinho.

— Você sabe que só tenho olhos, braços e perna *pra* você, minha vida. — Apertou mais sua cintura e a beijou com desejo.

— Vamos... nos.... atrasar.... — Amora tentava se desvencilhar dos braços do noivo.

— Eu... não.... me... importo.... — dizia Benjamin entre um beijo e outro.

Mas ela conseguiu se afastar e saiu correndo pelas escadas gargalhando.

— Você vai para o inferno, mocinha — gritou
PERIGOSAS ACHERON

do alto da escada. — Correr é sacanagem! Ainda vou comprar *pra* mim próteses de corrida, aí eu quero ver você fugir.

Os dias que antecederam a volta ao trabalho serviram somente para Benjamin se atualizar dos processos que iria cuidar e das responsabilidades que iriam lhe ser atribuídas.

O início do expediente já começara com todo o gás com audiências marcadas para as primeiras horas da manhã. A Benjamin foram encaminhados quatro clientes. Dois, ele iria encontrar e conhecer no Fórum, os outros dois teriam reuniões no período da tarde.

Entre uma audiência e outra, ligações infinitas aconteciam, clientes cobrando prazos e novidades sobre os processos. O novo advogado, pelo menos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para aqueles clientes, mostrava-se solícito e resolutivo.

O fim do dia passara como um piscar de olhos. Cansado, mas satisfeito, Benjamin deixara o escritório onde pegou um táxi rumo a residência dos pais de Melissa.

Preciso urgentemente voltar a dirigir.

Tocou a campainha e quando foi recebido por Melissa, ela o fitou dos pés à cabeça.

— Boa noite, Melissa — disse de modo educado.

— Ben... eu... boa noite — gaguejou. — Por que essas roupas?

— Voltei a trabalhar — respondeu. — Posso? — Fez sinal pedindo para entrar na casa.

— Claro, desculpe.

Ela deu passagem para que o ex-marido entrasse. Caminharam até a sala de estar onde ele acomodou-se no sofá.

PERIGOSAS ACHERON

— Onde estão as suas muletas?

Ela estava curiosa sobre os objetos que acompanharam Benjamin durante tanto tempo. Vê-lo daquele jeito, de pé, com aquelas roupas, duas pernas. Nem parecia que ele já...

— Não preciso mais delas — falou interrompendo os pensamentos da moça. — Uso isso aqui para caminhar. — Levantou a barra da calça revelando a prótese mecânica.

— Ah sim. — Ela não sabia o que dizer.

— Onde estão seus pais? — perguntou percebendo a falta de tato de Melissa em conversar sobre algo tão simples quanto uma prótese.

— Saíram. Eu... — Melissa mostrava-se nervosa e Benjamin sabia exatamente o motivo.

Da última vez que se viram ela estava abandonando-o em uma cama de hospital, recém-amputado e sem nenhuma perspectiva de dar a volta por cima na doença que marcara tanto sua

PERIGOSAS ACHERON

vida.

Agora estava recuperado, com a saúde restaurada, sob dois pés e voltando ao status que a ex-mulher tanto desejava: advogado de sucesso.

— Podemos ir direto ao ponto. — Ele não queria passar muito tempo lá. As lembranças do que ela fizera ainda o magoavam profundamente. — Precisamos dar entrada no divórcio, Melissa, isso já tem se arrastado por tempo demais.

— Ainda está com aquela enfermeirazinha? — perguntou em tom de deboche.

— Melissa, não quero brigar.

— *Me desculpa*, meu amor. — Passou a mão pelos cabelos agora crescidos de Benjamin. — Eu senti sua falta. Senti falta de nós.

Ele segurou o pulso dela com delicadeza e afastou-se do seu toque.

— Eu refiz minha vida, Melissa. E não existe mais espaço nela *pra* você!

Benjamin a olhava com asco, não podendo esconder o desprezo que sentia. Estava mais do que claro que as intenções de Melissa eram apenas movidas por um desejo puramente material.

— *Me dá* mais uma chance, a gente pode ser feliz juntos. Podemos formar uma família, podemos...

— Não, Melissa! — Ele mesmo assustou-se com a fúria em sua voz. — Acabou! Eu passei pelo inferno e sobrevivi, mas não graças a você. — Sua voz saiu carregada de dor e mágoa.

Mas ela não recuou. Melissa sentara-se ao lado dele no sofá e começou a lhe acariciar o braço. Benjamin tentava manter-se calmo.

— Eu sei que errei. — Sua mão agora tocava de leve o rosto do homem a quem ela tentava seduzir. — Mas podemos voltar a nossa vida de antes. Ainda podemos ser felizes.

Ela estava disposta a usar de todas as armas que

PERIGOSAS ACHERON

possuía para recuperar o que perdera. Melissa montara em Benjamin, encaixando o quadril no seu.

— Eu sei que você ainda me quer... — sussurrou no ouvido dele, mordiscando sua orelha e deixando um rastro de beijos desde o pescoço até findar-se na sua boca.

— Melissa... por favor...

Mas ela não iria deixar espaço para que ele negasse suas investidas. Com destreza subiu o vestido que usava deixando a mostra suas coxas e lingerie. O beijo com o ex-marido tornara-se mais intenso e descontrolável. Desfez o nó da gravata dele, abriu a camisa que ele usava e passou as unhas de forma voraz sobre o tórax de Benjamin.

Quando ela desceu as mãos para abrir a calça de Benjamin e libertar todo o desejo contigo ali ele finalmente reagiu.

— Não! — Ergueu Melissa pela cintura e a

PERIGOSAS ACHERON

colocou ao seu lado no sofá pondo-se de pé. — Não vê que é loucura o que você está fazendo?

— Eu só quero o meu marido de volta — grunhiu.

— Você só quer o que eu represento de volta, Melissa. Status, somente isso! Eu não vou voltar *pra* você, nunca mais.

— Iremos ver, Benjamin! Iremos ver! — Cruzou os braços com um olhar desafiador.

— Chega, Melissa! — disse cerrando os dentes com força. — Meus advogados irão entrar em contato. E se até a próxima semana os papéis não estiverem assinados, eu entro com uma ação litigiosa e ainda te deixo sem nada! Não esqueça de onde saiu todo o dinheiro para que sua loja tenha o status que tem hoje.

Saiu sem esperar nenhum tipo de resposta.

Chegou em casa irritado, com o cheiro de Melissa em seu colarinho, a gravata desalinhada e a roupa suja de batom.

Amora vai me matar!

— Como foi a conver... — Ela estancou ao ver o estado do noivo. — O que houve com você, Benjamin? Foi atacado por quantas mulheres? — Franziu o cenho e deixou escapar uma bufada.

— Só uma! — Caminhou até o sofá onde se jogou irritado. — Melissa me tirou do sério, Amora. E sim... ela literalmente me atacou.

— Você gostou? — Seus olhos o fulminavam.

— Adorei. Não está vendo minha cara de felicidade?

Benjamin levantou em direção a cozinha e começou a abrir as despensas até que achou o que procurava. Encheu um copo com uma boa dose de uísque e bebeu em um só gole, sentindo o gosto

amargo da bebida lhe queimar a garganta.

— O que pensa que está fazendo?

— O que você acha? — Encheu outro copo e sorveu o líquido num só gole.

Ele apoiou as duas mãos no balcão da cozinha e baixou a cabeça. Estava furioso.

— Ei...

Amora aproximou-se por trás e passou as mãos pelas costas de Benjamin, começou a lhe massagear os ombros o que foi deixando ele um pouco mais relaxado.

Ele girou e a encarou.

— Desculpa... Mas ela me tirou do sério. — Acalmou o tom de voz. — Eu só quero finalizar logo esse divórcio e ser *pra* sempre teu. — Puxou-a para si.

— Você já é *pra* sempre meu, Benji, mas antes de me beijar vá tomar um banho porque o perfume da sua ex-mulher ainda está grudado em você.

Aproveite e tire essa camisa porque eu vou jogar fora.

Ele sorriu e subiu as escadas para se livrar do cheiro de Melissa em si.

Após o banho, Benjamin desceu as escadas decidido a contar para Amora tudo o que acontecera entre Melissa e ele.

— O que aconteceu lá, Benji? — Amora estava com medo da resposta.

— Ela disse que me queria de volta, tentou me seduzir, me beijou e...

— Vocês transaram? — Ela olhava para o chão e sua voz estava embargada pela vontade de chorar.

— Claro que não. — Aproximou-se e tomou-lhe o rosto entre as mãos. — Na minha vida só há espaço *pra* você.

Amora fechou os olhos sentindo o toque dele. Uma lágrima escorreu em seu rosto e foi

PERIGOSAS ACHERON

prontamente amparada pelas mãos do noivo.

— Ela vai fazer da nossa vida um inferno — desabafou angustiada.

— Não vai! Porque eu não vou dar espaço *pra isso*.

— O que faremos, Benji? — O abraçou forte.

— Dei até próxima semana *pra* ela assinar os papéis. Caso contrário vou entrar com o processo de divórcio, ela não pode me manter casado com ela por toda minha vida.

— E se demorar? — questionou Amora.

— Esperamos — respondeu de forma simples.

— O tempo que for? — Amora estava aconchegada no peito de Benjamin e não queria sair de lá.

— O tempo que for — respondeu, beijando a cabeça da noiva. — Você já está guardada dentro

PERIGOSAS NACIONAIS

do meu peito e nada no mundo vai mudar isso!

PERIGOSAS ACHERON



|CAPÍTULO 24

“Tão bom morrer de
amor! E continuar
vivendo...”

[Mario Quintana](#)

O dia da oficialização do noivado finalmente chegara. O jantar iria ser oferecido pelos amigos Dante e Angel, que fizeram questão de recepcionar os noivos em sua residência.

Já na entrada Dante recebeu Amora com um buquê de flores e Benjamin com um firme aperto de mãos.

— Flores *pra minha* mulher? — frisou o minha

fazendo o amigo gargalhar.

— Ideia da Angel. Brigue com ela.

— Para com isso, Benjamin! — Deu um tapa no ombro do noivo e recebeu com agrado as rosas brancas. — Obrigada, Dante! — Deu-lhe um beijo na face.

— Chupa... — Dante falou dando espaço para Benjamin entrar em sua casa.

O jantar foi reservado apenas para família. Como Amora era órfã, compareceram apenas os pais de Benjamin, Dante e Angel. As duas crianças estavam na casa dos pais de Angel.

— Primeiramente, eu gostaria de agradecer a vocês dois — apontou para os dois amigos —, por proporcionarem esse jantar delicioso em comemoração ao meu noivado com Amora.

— *Segundamente* — Dante levantou erguendo uma taça com suco —, estamos muito felizes por sua recuperação, por você finalmente ter achado

PERIGOSAS ACHERON

uma mulher a sua altura e pelo belo jantar que irá ser servido. Podemos comer? Estou faminto!

— *Terceiramente* — foi a vez de Amora levantar-se —, gostaria de agradecer a todos pelo acolhimento que eu tive. Dante e Angel — dirigiu-se aos dois amigos —, obrigada pela amizade. Sr. e Sra. Passarinho, obrigada por me aceitarem como nora e por permitirem que eu continue cuidado e amando o filho de vocês. — Os pais de Benjamin acenaram, dona Helena enxugava uma lágrima que se formava em seu olho.

De dentro de sua bolsa, Amora retirou uma pequena sacola e a esticou para Benjamin que a pegou, mas não abriu.

— Benji... eu sou a mulher mais feliz deste mundo por te ter ao meu lado e esse presente é *pra* te mostrar o pouquinho do que será nosso futuro a partir de agora. Pode abrir.

Todos estavam curiosos para saber o que havia

PERIGOSAS ACHERON

dentro.

Benjamin começou a retirar vários papéis e deparou-se com um pequeno objeto no fundo da sacola.

— Eu não acredito! — Levantou os olhos e encarou Amora. — Você está falando sério?

Ela acenou que sim.

— O que é? — Dante perguntou.

— Mostra logo, Benjamin. — Dona Helena pediu.

— Mostra, amor.

Os olhos de Benjamin já não podiam conter as lágrimas. Ele retirou um teste de gravidez que mostrava o resultado positivo.

— Eu vou ser pai — declarou emocionado mostrando o exame para todos. — Eu vou ser pai! — vibrou.

Colocou o resultado do exame em cima da mesa e levantou-se para dar um beijo na futura

PERIGOSAS NACIONAIS

esposa e mãe de seu filho.

— Isso é um pouco anti-higiênico, Benjamin — observou Dante olhando para o exame em cima da mesa. — Ela fez xixi nisso aí, cara!

— Cala a boca, Dante. — Angel deu um tapa na cabeça dele fazendo-o xingar baixinho.

Todos riram.

Já em casa, Amora e Benjamin estava se preparando para dormir.

— Eu ainda não acredito que isso está acontecendo comigo — falava Benjamin enquanto acariciava a barriga de Amora.

— O quê, amor? — Ela apoiava o cotovelo na cama e a mão na cabeça.

— Está tudo bom demais *pra* ser verdade — disse pensativo. — Foram tantas notícias ruins, que quando a vida está nessa calmaria eu me assusto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nada de ruim vai acontecer. Estamos juntos e é somente isso que importa.

— Mas...

— Xiii... Nada de mas. Você não precisa controlar tudo ao seu redor. Vamos apenas viver. E enfrentar, juntos, o que a vida nos reservar.

— Eu sei exatamente o que a vida nos reserva, nesse exato momento. — Sorriu de forma maliciosa para ela.

— O quê? — perguntou mesmo sabendo o que se passava na mente de Benjamin.

— Isso aqui!

Rolou o corpo de Amora sobre o seu o que a fez gargalhar com o susto que tomou. Um beijo se iniciou e os dois amantes finalizaram a comemoração em uma noite regada a muito amor, companheirismo e prazer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



|EPÍLOGO

Todos os preparativos já estavam prontos e a Igreja encontrava-se lotada. Benjamin esperava, ansiosamente, as portas se abrirem e a noiva entrar para a realização da cerimônia.

Quando a música começou, seu coração acelerou. Antes, porém, da entrada da noiva, uma miniatura de Amora irrompeu pelo corredor arrancando suspiros por todo o percurso.

Olívia, filha dele com Amora, agora com cinco anos, caminhava jogando pétalas de rosas por onde passava.

— Demorou, mas casou!

— Fica quieto, Dante! — Angel chamou atenção do marido.

— Que foi, pequena? Só falei.

Benjamin riu, mas de nervoso.

A luta para conseguir o divórcio com Melissa fora árdua. E somente agora, quase seis anos depois de pedir Amora em casamento, conseguira realizar o tão sonhado desejo de celebrar seu matrimônio com a enfermeira.

Quando a separação finalmente saiu, correram para marcar a data. E ali estavam. Prontos para oficializar uma união que, de alma e coração, já estava mais do que consumada.

O fantasma do câncer já não assustava mais a Benjamin. A cada ano que passava ele realizava, religiosamente, todos os exames necessários e até o momento, não aparecera nenhum sinal de recidiva do osteossarcoma.

Ele havia se curado. Havia enfrentado a morte.

Lutado por sua vida. E fora recompensado com uma linda família.

A marcha nupcial iniciou-se e Benjamin a viu.

Amora estava deslumbrante. Ela era conduzida pelo pai de Benjamin. Estava com um vestido simples, mas elegante. Era um tecido rendado na parte de cima, com um decote em V discreto que emoldurava seus seios sem deixá-los muito expostos. O vestido caia perfeitamente nas curvas da enfermeira e a calda era arrastada de forma graciosa por todo o caminho percorrido até o altar. O véu preso na cabeça por um coque, cobriam os ombros da noiva, dando-lhe um aspecto inocente, ao mesmo tempo sensual.

O noivo tentava conter as lágrimas, mas estava difícil. Ele estava casando na Igreja pela primeira vez. Era tudo novo. E nunca sentira por Melissa, o tamanho de amor que tinha pela nova mulher.

Além de tudo, Amora carregava em seu ventre,
PERIGOSAS ACHERON

uma nova semente, fruto do amor dos dois. Haviam descoberto há apenas alguns dias.

Quando ela já estava a alguns passos dele, caminhou em sua direção onde foi-lhe entregue. Benjamin abraçou o pai emocionado e beijou a fronte de Amora com delicadeza.

— Você está linda! — ele sussurrou em seu ouvido quando pegou sua mão e se dirigiram ao altar.

A festa já dava indícios que teria seu fim. Dante já havia se soltado e dançava até o chão, juntamente com todas as enfermeiras que trabalhavam com Amora.

Angel olhava de longe, divertindo-se com a cena, enquanto Isabella, exausta de tanto correr e brincar, dormia em um sofá ao seu lado. O filho de Dante acompanhava o pai na dança sensual.

Amora e Benjamin estavam sentados na mesa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dos noivos, ela em seu colo, observando os sobreviventes da festa.

— Eu te amo, marido. — Ela beijou-lhe o rosto.

— Eu te amo, esposa. — A voz estava levemente embriagada devido a quantidade de champanha que bebera.

— Na saúde e na doença! — Ele levantou uma taça e convidou a esposa para um brinde.

— Até que a morte nos separe! — Ela levantou o copo de água que a acompanhava para onde ia.

— Para sempre! — Tomou-lhe o rosto em suas mãos e beijou-lhe apaixonadamente.

FIM

PERIGOSAS ACHERON



|A AUTORA

Cearense, 33 anos, enfermeira e leitora ávida. Desde pequena sempre teve gosto pela leitura, tendo Pedro Bandeira como um dos primeiros autores com quem teve contato.

Apaixonada por sua profissão, nunca pensou que um dia chegaria ao ponto de escrever um livro. Até então, contentava-se somente em ser observadora desse incrível mundo da literatura.

Resolveu colocar o sonho em prática e em 2017 lançou sua primeira obra, Dante. Três meses depois sua segunda obra foi lançada, um romance policial chamado Entre a Justiça e Obsessão.

PERIGOSAS NACIONAIS

Benjamin é o terceiro livro da autora, que já tem outros projetos para, pelo menos, mais quatro livros.

Redes Sociais

IG: @ticipontesofc

Email: ticipnts@gmail.com

Facebook: Ticiania Pontes

PERIGOSAS ACHERON